

# **Investimentos diretos entre Espanha e Brasil**

### **3.1 O IED das empresas espanholas na América Latina e no Brasil**

A economia espanhola, caracterizada tradicionalmente por ser forte receptora de capital, e em particular de fluxos de investimentos diretos, começou a modificar este perfil nos anos 1990. Desde 1993, e com extraordinária intensidade a partir de 1996, as empresas e instituições financeiras espanholas desenvolveram um intenso e diversificado processo de expansão no exterior, em que os países da América Latina passaram a ser o principal destino dos investimentos diretos da Espanha. Esta ficou entre as oito principais economias do mundo em matéria de investimentos estrangeiros diretos (IED), e o volume de fluxos orientados à América Latina colocou-a como o segundo grande investidor, apenas depois dos EUA. A brusca mudança da economia internacional, iniciada na segunda metade do ano 2000, marcou o fim do ciclo expansivo 1993-2000 e o começo de uma nova etapa. Na América Latina o clima econômico começara a mudar depois dos efeitos negativos das crises asiática e russa. Os capitais financeiros internacionais começaram a se retrair desde o verão (no hemisfério norte) de 1998, e apenas os fluxos de investimentos diretos continuaram ativos, atraídos principalmente pelas privatizações e a liberalização dos setores de serviços aos investimentos estrangeiros.

A desaceleração internacional do IED também ocorreu nos países da região, os quais viram-se, ainda, envolvidos por uma singular atmosfera de incerteza. A retração dos capitais e a crise da Argentina do final de 2001 voltaram a renovar o desafio do risco derivado da fragilidade externa das economias. O IED internacional registrou uma acentuada desaceleração até 2003, da mesma forma que os capitais financeiros internacionais, e foi mais acentuada nas economias em transição e nos países em desenvolvimento do que nos países industrializados. A recuperação da economia internacional, na segunda metade de 2003, contribuiu para que os fluxos de IED atingissem níveis muito baixos também nesse ano, de forma que se iniciou uma nova etapa de crescimento que se prolonga até a hoje. Esse processo incorporou as economias emergentes e em desenvolvimento não só como destacados receptores de IED, mas como novos países atuantes. Nos diferentes contextos do período 20001-2006, as empresas espanholas desempenharam também um papel muito ativo em seus investimentos diretos no exterior e canalizaram novos fluxos de IED aos países da América Latina, entre eles o Brasil, com novos elementos característicos. A seguir analisamos os traços característicos do IED espanhol na América Latina nessas duas etapas.

#### **3.1.1 Traços característicos do IED das empresas espanholas no exterior na etapa de expansão 1993-2000 e no período recente 2001-2006**

A trajetória do IED espanhol nos últimos quinze anos mostra que na segunda metade dos anos 1990 verificou-se uma fase de intensa expansão que alcançou seu ponto culminante em 1999 e 2000. Em 2001 iniciou-se uma mudança de rumo da economia internacional e os IED entraram em uma nova etapa, em que primeiro verificou-se uma brusca desaceleração até 2003, e

a partir desse ano, uma nova expansão que se prolonga até os dias de hoje (ver gráfico 38). Em princípio, a etapa 1993-2000 seria a fase expansiva e o período 2001-2006 uma etapa de retração, ao menos até 2003, depois dos altos índices registrados em 1999 e 2000. No entanto, a realidade é bem diferente. O IED das empresas espanholas no período 2001-2006, medido em média anual, atingiu o dobro daquele da etapa expansiva 1993-2000. A média anual do IED líquido no exterior – descontados os investimentos das Entidades de Depósito de Valores no Estrangeiro (ETVE<sup>1</sup>) de não residentes – foi de 13,125 bilhões de euros, enquanto em 2001-2006 aumentou para 26,833 bilhões de euros. Houve uma desaceleração do IED espanhol do período 2001-2003 em relação aos picos de 1999 e 2000, que se deteve em 2003 em um alto nível, próximo a 30 bilhões de euros, e desde esse patamar iniciou uma tendência altista que continua até hoje. Dessa forma, os fluxos de IED se situaram em níveis muito superiores aos característicos dos anos 1990, o que é um reflexo da importância da dinâmica do IED no exterior para as empresas espanholas (Arahuetes e García Domonte, 2007).

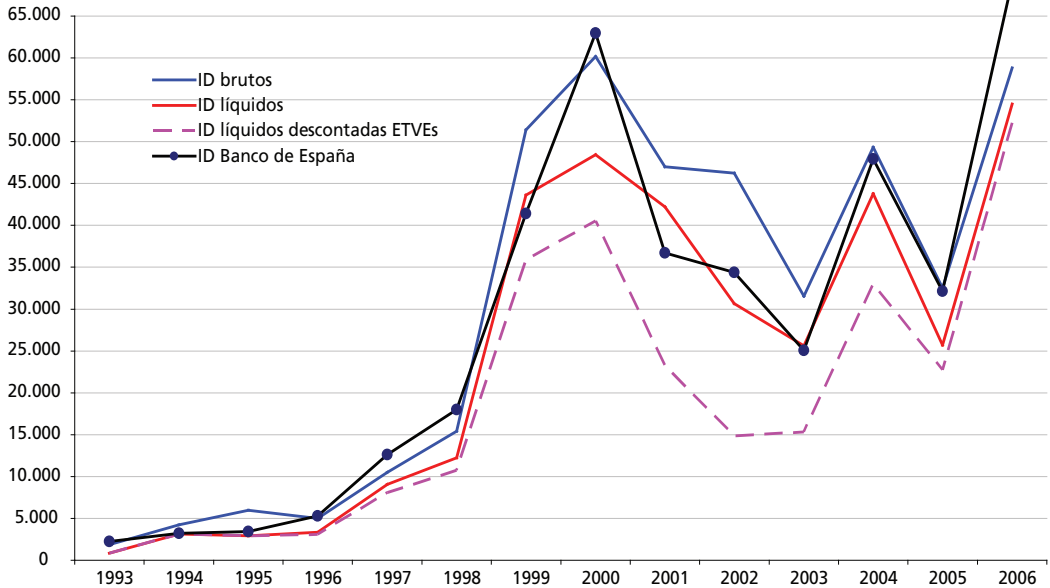
O dinamismo do IED espanhol se evidencia no fato de que para um grupo<sup>2</sup> de 30 grandes, 44 médias e, em menor medida, 199 pequenas empresas espanholas – que em conjunto representam cerca de 90% do estoque do IED espanhol no exterior – a presença nos mercados externos tornou-se um fator essencial, de forma que a expansão internacional passou a ser uma variável fundamental de suas estratégias de crescimento. É por isso que o IED espanhol no exterior não só supera o IED recebido em 1997 e nos anos de expansão posteriores, mas também que tem sido superiores, desde então, todos os anos tanto em termos brutos como líquidos e tanto segundo os números do Registro de Inversiones como os do Banco de España (ver Gráfico 2). Desde 1997, portanto, a economia espanhola transformou-se em investidora direta líquida no exterior, ademais em um período em que, ao mesmo tempo, registrou um déficit crescente na balança de transações correntes (ver gráfico 39), seguindo um caminho diverso ao da maior parte dos países industrializados. É um processo que desafia o paradoxo de Feldstein-Horioka, já que a poupança externa financiou e financia, em grande medida, o investimento doméstico e uma boa parte da expansão internacional do setor privado (Arahuetes e García Domonte, 2006).

As empresas espanholas se internacionalizaram em uma nova escala durante os anos 1990, para alcançar posições estratégicas no competitivo contexto da globalização característico dessa etapa, principalmente mediante a aquisição de ativos patrimoniais e de capacidade produtiva existente (Arahuetes e García Domonte, 2007: 8). No segundo milênio perseveraram em sua expansão no exterior e a importância dos mercados externos passou a ser estratégica, como se deduz pelo crescente peso dos lucros obtidos no exterior no conjunto de seus lucros.

<sup>1</sup>Entidades de Tenencia de Valores Extranjeros – Holdings na Espanha de não residentes. N. da T.

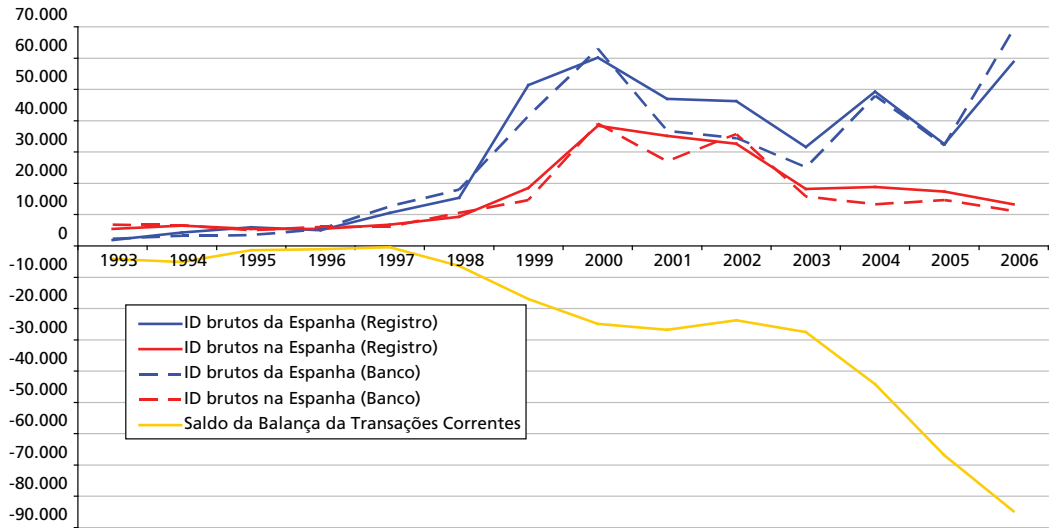
<sup>2</sup>A configuração desse grupo se realizou a partir da informação que proporciona a Posición de la Inversión Exterior, relatório publicado pelo Registro de Inversiones em 2006 que elabora os dados de estoque de IED recebido e realizado ao final de 2003 e de 2004.

**Gráfico 38. IED das empresas espanholas no exterior brutos, líquidos e líquidos descontados os ETVE de não residentes, segundo o Registro de Inversiones, e investimentos líquidos segundo o Banco de España, 1993-2006, (milhões de euros)**



Fonte: Arahuetes e García Domonte (2007), segundo dados do Registro de Inversiones Extranjeras, Dirección General de Comercio e Inversiones, Ministerio de Industria, Comercio y Turismo, e Banco de España. As quatro categorias em que o Registro classifica os investimentos diretos são: (1) investimentos diretos brutos, que são os novos investimentos que aumentam os ativos espanhóis no exterior; (2) investimentos diretos brutos descontados os ETVE de não residentes, que são os ID brutos deduzidos os realizados por Entidades de Depósito de Valores ETVE de não residentes; (3) investimentos diretos líquidos, resultantes da dedução dos desinvestimentos do investimento bruto; e (4) investimentos líquidos descontados os ETVE, que são os investimentos líquidos deduzidos os realizados pelas Entidades de Depósito de Valores Estrangeiros (ETVE) de não residentes. Os investimentos líquidos do Banco de España contêm, além das aquisições, aportes e constituição de sociedades, outras modalidades de investimento e lucros reinvestidos, e empréstimos de prazos superiores a cinco anos.

**Gráfico 39. ID brutos totais da Espanha no exterior e ID brutos totais do exterior na Espanha, segundo o Registro de Inversiones e o Banco de España, e evolução da conta corrente 1993-2006 (milhões de Euros)**



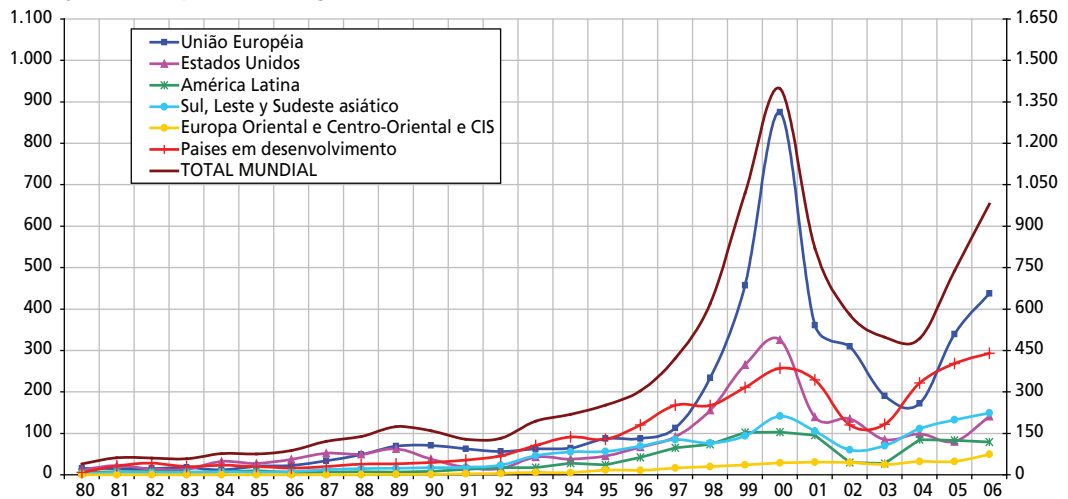
Fonte: Arahuetes e García Domonte, 2007.

A participação das empresas e instituições financeiras espanholas no moderno processo de globalização explicaria a evolução similar do IED espanhol e do IED internacional nos anos 1990 e 2000 (ver gráficos 40 e 42), que receberam a influência de fatores comuns tais como: (a) o comportamento pro-cíclico dos fluxos de IED; (b) a intensificação da concorrência e, devido a ela, do processo de fusões e aquisições; (c) o fácil acesso a fontes de financiamento nacionais e internacionais; e (d) a participação nos market sentiments internacionais que alimentam os animais spirits, impulsionando ou desestimulando o IED.

Na Espanha existem duas fontes de informação sobre o IED: o Registro de Inversiones do Ministério de Indústria, Comércio e Turismo, e o Banco de España. A comparação entre os dados do Registro de Inversiones e do Banco de España mostra que os investimentos líquidos no exterior registrados pelo Banco de España são superiores, na maior parte dos anos e, quando não, similares aos investimentos líquidos do Registro, já que ambos contêm os investimentos realizados pelas ETVE de não residentes. Quando são superiores é porque os números do Banco de España

contêm também outras formas de investimento e lucros reinvestidos, e empréstimos por períodos superiores a cinco anos. As trajetórias dos investimentos líquidos e líquidos descontados os ETVE de não residentes se superpõem até 1999; no entanto há uma significativa lacuna entre ambas no período 2001-2005, em que os investimentos das ETVE de não residentes representaram 27,5% dos investimentos líquidos totais e se dirigiram, principalmente, aos países da UE-15 (ver gráfico 38).

**Gráfico 40. Fluxos internacionais de IED e fluxos de IED recebidos por UE-27, EUA, América Latina, Leste e Sudeste asiático, países da Europa Centro-Oriental e Europa Oriental e da CIS, e o conjunto dos países emergentes e em desenvolvimento, 1980-2006 (milhões de euros)**



O investimento estrangeiro direto (IED) total mundial está expresso no eixo da direita.

O investimento estrangeiro direto (IED) de cada uma das regiões ou agrupação de regiões estão expresso no eixo da esquerda.

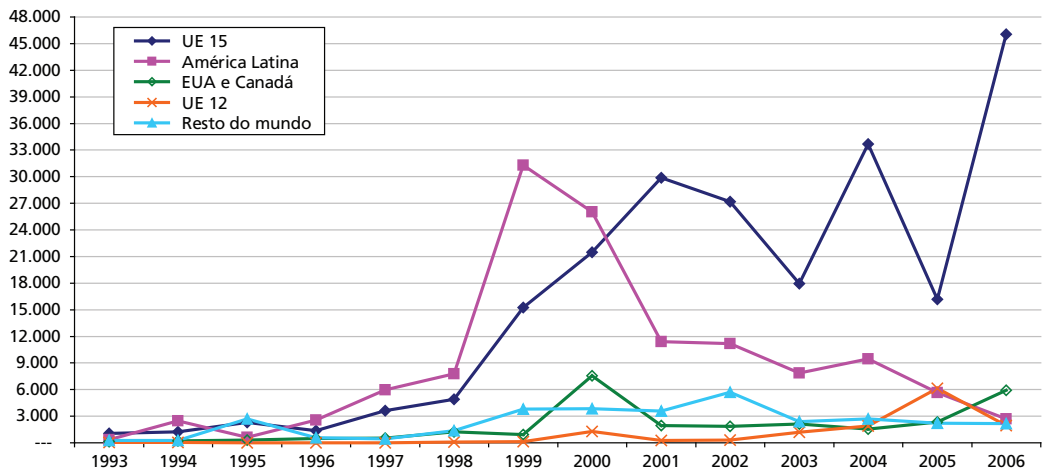
Fonte: elaboração própria segundo dados da UNCTAD (World Investment Report, vários anos) e Investment Brief, nº 1 de 2007. A conversão em euros é própria segundo taxas de câmbio médias anuais do International Financial Statistics, Fundo Monetário Internacional.

No período 1993-2000, as empresas espanholas realizaram ao menos 55% de IED mediante aquisições, 42% foram contribuições de capital a empresas espanholas já existentes e apenas os 3% restantes constituíram novas empresas. Essa composição de modalidades de realização de ID se acentuou no período seguinte. Assim, em 2001-2006, o IED espanhol realizou-se de forma prioritária por meio da modalidade de aquisições (70%), seguidas das contribuições de capital

(27,5%), e apenas 2,5% se destinou à constituição de novas sociedades. A informação do Banco de España sobre as modalidades de realização do IED espanhol no exterior mostra a relevância das aquisições e contribuições de capital nas duas etapas e, no início do segundo milênio, o aumento do reinvestimento de lucros, além da modesta importância dos empréstimos intra-empresa com prazos superiores a cinco anos (Arahetes e García Domonte, 2007).

A etapa 1993-2000, para o IED espanhol, foi a do boom na América Latina. Para essa região orientaram-se 61% dos fluxos líquidos, enquanto os países da UE-15 atraíram 22,5%, EUA e Canadá 9%, outros países europeus 2,9% e os países da UE-12 (naquele momento economias em transição) 1,2%. Esse conjunto de áreas absorveu 96,5% do IED espanhol. Na etapa do segundo milênio verificou-se uma mudança significativa na orientação geográfica do IED das empresas espanholas. O IED líquido conservou uma alta concentração nas mesmas áreas da etapa anterior (96,4%), mas registrou uma alteração na orientação geográfica: a principal área destinatária foi a dos países da UE-15 (67%), seguida da América Latina (15,9%), EUA e Canadá (6,4%), países da UE-12 (5%) e outros países europeus (2,1%) (ver gráfico 41).

**Gráfico 41. IED brutos da Espanha por áreas de destinação, 1993-2006 (milhões de euros)**



Fonte: Arahetes e García Domonte (2007).

A pesar do maior peso relativo dos países da UE-15, o IED espanhol dirigido à América Latina foi superior ao realizado pelos principais países europeus e seguiu uma evolução similar à dos

EUA, que renovou seu papel de primeiro país investidor direto internacional na região (ver Gráfico 5). Em termos comparativos internacionais, um grupo de países da OCDE (2006: 20) – EUA, França, Reino Unido, Espanha, Holanda, Japão e Suíça – foram os maiores realizadores de IED, e nesse grupo voltou a figurar a Espanha, graças ao dinamismo do IED desenvolvido pelas empresas espanholas, na ocasião direcionado principalmente aos países da UE-15 e em segundo lugar para a América Latina.

Uma primeira interpretação da mudança de orientação do IED espanhol nessa etapa é que os países da UE-15 substituíram – graças ao impulso de fatores push (acesso aos mercados de capitais em condições muito favoráveis para a compra de capacidade produtiva e de ativos patrimoniais) das empresas espanholas – os países da América Latina como principal área de destino de seus processos de internacionalização. E é o que ocorreu. Mas também é verdade que as empresas espanholas desenvolveram essa nova expansão nos países da UE-15 a partir da dimensão e experiência conseguidas em sua expansão na América Latina na etapa 1993-2000. As empresas e instituições financeiras mais dinâmicas nessa etapa foram, em grande medida, as mesmas grandes e médias empresas espanholas que têm investimentos na América Latina, ainda que algumas já tinham uma presença prévia na UE. Ainda assim, o IED líquido na América Latina registrou uma média anual de 5,8 bilhões de euros e os líquidos descontados os ETVE de não residentes uma média anual de 3,6 bilhões de euros, médias inferiores, sem dúvida, aos 8 bilhões de euros da etapa 1993-2000, mas muito superiores aos 2,3 e 2,2 bilhões de euros investidos nos EUA e Canadá. Em todo caso, o nível de fluxos espanhóis de IED é superior ao que existia antes de 1998, o que explicaria que o IED das empresas espanholas na região se situasse, também nessa etapa, no primeiro lugar do grupo de países da UE-15 com investimentos na América Latina e no segundo lugar internacional apenas atrás dos EUA (ver gráfico 42).

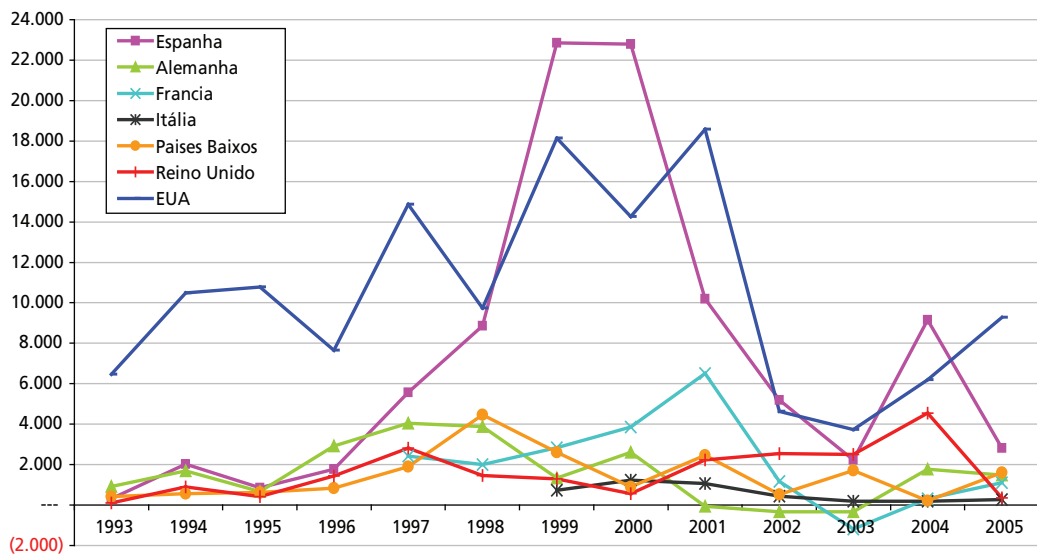
Também devemos destacar as mudanças na orientação setorial da IED espanhola, tanto em termos agregados como na América Latina. Verificou-se uma diminuição da importância das atividades primárias, medida pelo IED bruto, de 19% do período 1993-2000 a 8% na etapa recente 2001-2006, e também do IED em serviços – de 76% a 62% – e, no entanto, aumentaram os fluxos nos setores de manufaturas de 5% a 30%. Essa mudança na orientação setorial do IED bruto é similar à registrada nos fluxos líquidos de IED descontados os das ETVE de não residentes. As atividades primárias reduziram-se de 23% a 3%, as dirigidas a atividades de serviços mantiveram-se em torno de 72% e aumentaram no setor de manufaturas de 5% a 24% (ver tabela 26). Em atividades primárias, concentraram-se em petróleo e derivados e gás. Em serviços, orientaram-se para em telecomunicações, intermediação financeira, atividades comerciais, construção e hotelaria. Em manufaturas, dirigiram-se para outras manufaturas, indústria química e alimentação, bebidas e fumo. Da mesma forma como aconteceu na etapa dos anos 1990, na fase 2001-2006 cerca<sup>3</sup> de 40% do ID espanhol realizou-se por meio de sociedades de carteira (Arahuetes e García Domonte, 2007).

---

<sup>3</sup> El Sector Exterior, capítulo 5. Inversiones Extranjeras, ICE, vários años.



**Gráfico 42. Fluxos de IED líquidos da Alemanha, Espanha, França, Itália, Países Baixos, Reino Unido e EUA na América Latina, 1993-2005 (milhões de euros)**



Fonte: elaboração própria segundo dados da Eurostat (2006).

**Tabela 26. Distribuição geográfica e setorial do ID espanhol líquido descontados ETVE de não residentes na América Latina, 1993-2000 e 2001-2006**

	setor primário				setor secundário				setor terciário			
	93-00		01-06		93-00		01-06		93-00		01-06	
	23% sobre o total ID		3% sobre o total ID		5% sobre o total ID		24% sobre o total ID		72% sobre o total ID		73% sobre o total ID	
	Bilhões euros	% total s/primário	Bilhões euros	% total s/primário	Bilhões euros	% total s/secundário	Bilhões euros	% total s/secundário	Bilhões euros	% total s/serviços	Bilhões euros	% total s/serviços
América Latina	14.588	98,2%	703	19,5%	3.344	24,4%	5.164	16,8%	46.106	60,1%	15.691	12,4%
Total Espanha	14.828		3.604		13.699		30.755		76.658		127.045	

Fonte: elaboração própria segundo dados da Registro de Inversiones.

### 3.1.2 Uma breve retrospectiva do IED espanhol na América Latina na fase de expansão 1993-2000

Ao terminar a década perdida, o IED da Espanha se orientava, em primeiro lugar, aos países da CEE-12, em segundo aos EUA e Canadá. Os países de América Latina – em terceiro lugar – atraíam apenas 10%, o que em termos de médias anuais representava 180 milhões de dólares (Arahuetes, 1998). O IED se concentrava em intermediação financeira e em atividades comerciais. No final dos anos 1980, a companhia Telefônica entrou no Chile, e no início dos anos 1990, ainda como empresa pública, a Telefônica se inclinou pela América Latina como área prioritária para sua estratégia de internacionalização. Eram, ainda, tempos de mudanças e incertezas. De mudanças porque a nova globalização das economias nos países industrializados incentivava a privatização de empresas públicas. Neste processo a Espanha avançava de forma gradual, ou seja, privatizava as empresas públicas por faixas de capital. De incertezas porque os esforços de ajuste e estabilização não eram premiados com o oxigênio imprescindível de novos fluxos internacionais de capital, o Plano Brady e as recomendações do Consenso de Washington abriam lentamente novas perspectivas.

No entanto, logo apareceram sinais de que a longa noite da década perdida começava a ficar para trás. Retornaram capitais dos próprios países até então no exterior e, ao mesmo tempo, pelo efeito cíclico da abundância de capitais nas recessivas economias industrializadas, os primeiros fluxos financeiros internacionais (Calvo, Leiderman e Reinhart, 1992; Bacha, 1993), e em seguida algumas ousadas empresas estrangeiras com intenção de realizar investimentos diretos. Os investimentos diretos das empresas espanholas ainda se dirigiam aos países da UE-12, área com a qual a economia espanhola pretendia aumentar o grau de integração para aspirar fazer parte da União Econômica e Monetária, aprovada no Tratado de Maastricht.

O ciclo expansivo do IED espanhol na América Latina deu seus primeiros passos no início dos anos 1990 e sua fase de apogeu ocorreu a partir de 1996 (ver o gráfico 42). A Telefônica, ainda como empresa pública, entrou na Argentina em 1991, depois de haver entrado no Chile ao final dos anos 1980. Tais movimentos foram acompanhados de uma ligeira retomada de investimentos em intermediação financeira e atividades comerciais, e em 1994 do IED da Telefônica no Peru. Esse ciclo se prolongou até os anos de auge, 1999 e 2000, em que o IED espanhol na região alcançou os níveis mais altos com a aquisição da YPF pela Repsol, na Argentina, e a expansão do SCH no Brasil, México e Venezuela, e do BBVA na Colômbia e no México, das companhias elétricas – Endesa, Iberdrola e Fenosa – em grande parte dos países da região, e de Gas Natural. A Espanha adquiria, assim, o perfil de um dos grandes países investidores na região e se situava em segundo lugar, atrás dos EUA. Os fluxos médios de IED representavam um grande salto histórico, já que até aquele momento nunca haviam alcançado os níveis dessa etapa. No período 1986-1992, os fluxos anuais brutos médios situavam-se em torno de apenas 300 milhões de euros, enquanto na nova etapa alcançaram 15 bilhões de euros. Os países da

América Latina passaram a ser a principal destinação do IED espanhol e absorveram 60% dos fluxos, contra 26% dos países da UE (Arahetes, 1998 e 2001).

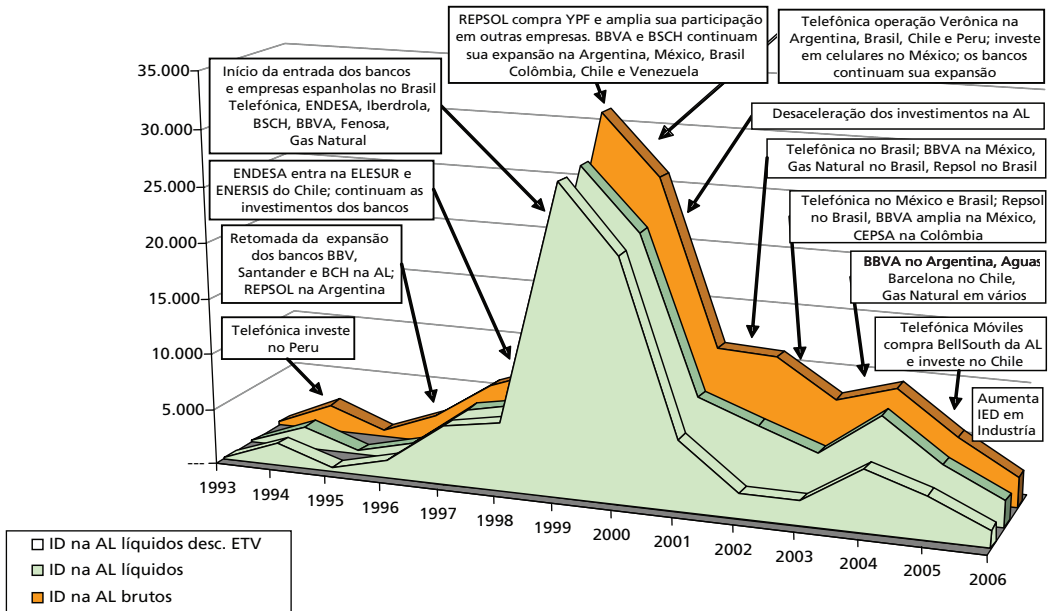
O novo contexto da economia internacional – na segunda metade dos anos 1990, estimulado pelo crescimento da economia americana com a diminuição das taxas de juro e o estimulante processo de fusões e aquisições internacionais – e as condições favoráveis em diversos países de América Latina propiciaram a expansão do IED espanhol na região. Os processos de privatização em andamento em vários países, em atividades de telecomunicações; energia elétrica; prospecção, exploração e distribuição de petróleo e derivados; gás e água (CEPAL, 1999 e 2000; e Arahetes, 1998 e 2001) tiveram efeitos poderosos sobre o IED, estimulado também pelas políticas de liberalização e desregulamentação de atividades financeiras. Estes processos ocorreram em momentos em que a maior parte das economias da região alcançava níveis significativos de estabilidade macroeconômica e definiam um modelo de inserção mais aberto na economia internacional. As privatizações, a desregulamentação e a liberalização com contextos de estabilidade macroeconômica constituíram-se em fatores pull de IED ou, dito de outra forma, em vantagens de localização segundo o enfoque OLI.<sup>4</sup> Ao mesmo tempo, as empresas espanholas estavam implantando uma estratégia de ampliação de mercados, mediante a aquisição de capacidade produtiva e ativos patrimoniais, para desenvolver vantagens de propriedade e internalização (fatores push). A combinação de fatores de atração (pull) e de impulso (push) determinaram que os fluxos espanhóis de investimento direto se concentrassem em 96,6% no Brasil (37,8%), Argentina (32,3%), Chile (8,7%), México (8,2%), Colômbia (3,8%), Peru (3,8%) e Venezuela (1,3%) (Arahetes, 2006; e Arahetes e García Domonte, 2007).

Houve, também, uma mudança significativa no padrão setorial do IED espanhol em relação ao vigente até então. O predomínio tradicional do IED em atividades financeiras – bancos e seguros – e em atividades comerciais deu lugar a um processo de ampliação dos intermediários financeiros no setor de gestão de fundos de pensões (CEPAL, 2002). As privatizações atraíram boa parte do novo IED, de forma que o novo perfil setorial do IED espanhol agregou novos setores: telecomunicações – Telefônica – e, em menor proporção, transportes – Iberia –; energia elétrica – Endesa, Iberdrola e FENOSA –; extração de petróleo e comercialização de derivados – Repsol –; e, em segundo plano, os investimentos em gás – Gas Natural –; serviços de água e saneamento – Aguas de Barcelona –; imobiliárias e construção – Sacyr, Ferrovial, ACS etc. –, e hotelaria – Meliá.

---

<sup>4</sup>É o enfoque eclético formulado por Dunning, segundo o qual os investimentos diretos são determinados por fatores de propriedade, localização e internalização (Ownership, Localization and Internalization).

**Gráfico 43. Fluxos de investimentos diretos de empresas espanholas brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes na América Latina, 1993-2006 (milhões de euros)**



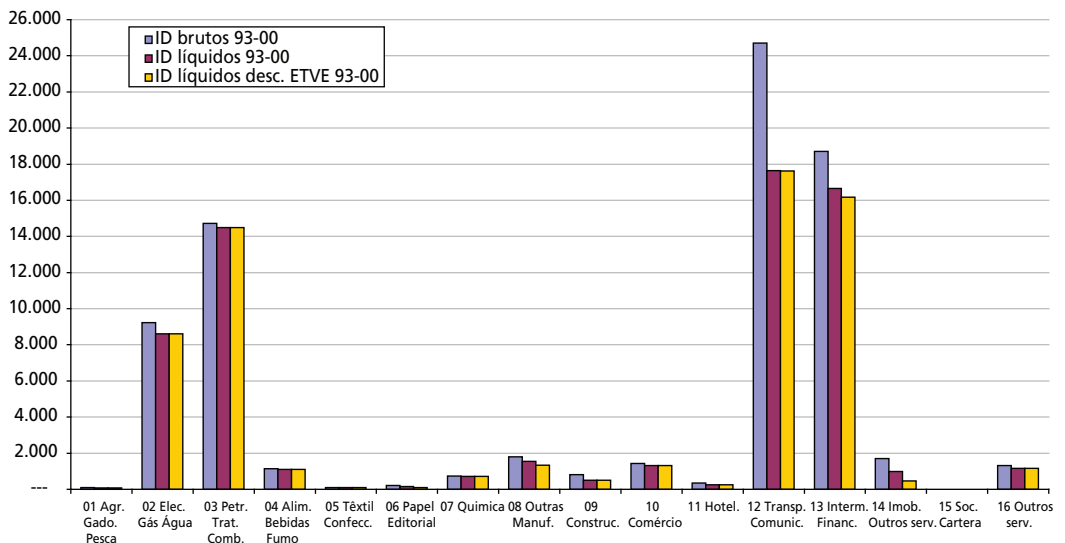
Fonte: Arahuetes e García Domonte (2007).

O novo padrão setorial do IED espanhol na América Latina mostrava um novo perfil caracterizado por uma elevada concentração em telecomunicações e transportes (32%), atividades bancárias, seguros e fundos de pensões (24,3%), petróleo e derivados (19%), energia elétrica, gás, água (12%) (ver Gráfico 6). Os investimentos diretos nesses quatro setores representaram 87% dos investimentos brutos e líquidos e 88,7% dos líquidos descontados os ETVE de não residentes no período de 1993-2000.

Outra característica deste período, a internacionalização de outras empresas espanholas na região, pressupunha uma nova gama de atividades que, apesar de enfeixar uma quantia menor, contribuiu para criar a imagem real da aposta estratégica das empresas espanholas pela América Latina, em um momento em que o IED dos EUA e dos principais países da UE preferia “medir a temperatura da água antes de lançar-se a ela”. Dessa forma, o IED espanhol também

se dirigiu a outras manufaturas (com 2,3% do total), a atividades imobiliárias e outros serviços (2,2%), e só em terceiro lugar a alimentação, bebidas e fumo (1,1%), atividades comerciais (1%), construção civil (1%), indústria química (0,9%) e hotelaria (0,4%).

**Gráfico 44. Fluxos de ID das empresas espanholas brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes na América Latina por setores de destinação, 1993-2000 (milhões de euros)**



Fonte: elaboração própria segundo dados do Registro de Inversiones.

Portanto, o padrão setorial do IED espanhol na América Latina na fase expansiva 1993-2000 mostra que 95% se orientou para atividades de serviços, extração e tratamento de petróleo, eletricidade, gás e água; e só 5% a manufaturas. O IED foi realizado por um reduzido grupo de empresas e instituições financeiras, o que explicaria que 85% (Arauetes, 2001) tenham sido feitos por um pequeno grupo de companhias que determinaram a alta dimensão do ciclo que está ilustrado no gráfico 43. Cabe destacar também que, da mesma forma que o IED nos principais setores assinalados, o IED em manufaturas foi realizado por empresas espanholas e, portanto, com pequena participação das ETVE de não residentes. As características das empresas investidoras e a orientação setorial nos países da região permitem inferir que o IED espanhol na América Latina estava determinado pela procura de valor estratégico, valor capaz de gerar

tamanho e posição de liderança de mercado, e ao mesmo tempo acumular experiência e reputação multinacional (Durán Herrera, 2002).

### 3.1.3 O IED das empresas espanholas no Brasil na fase expansiva 1993-2000

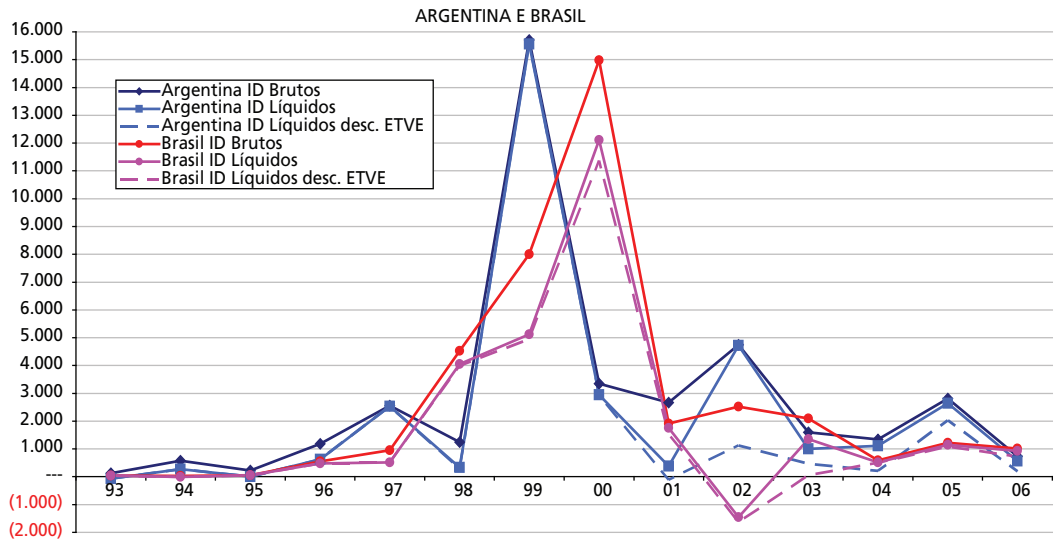
O principal receptor de IED espanhol foi o Brasil, seguido da Argentina, fato que se verificou depois da última revisão dos dados de investimentos diretos espanhóis pelo Registro de Inversiones. O Brasil absorveu 37,8% dos fluxos brutos de IED, 34,3% dos líquidos e 33,4% dos líquidos descontados os realizados por ETVE de não residentes.

No entanto, a nova posição do Brasil no panorama do IED espanhol constituiu uma novidade total. Até princípios dos anos 1990 o IED espanhol no Brasil registrou um perfil muito modesto em relação à importância de sua economia no conjunto da América Latina – representava apenas 5% dos fluxos espanhóis na região. A especialização setorial era também diferente daquela verificada no resto dos países da região. O modelo de substituição de importações determinou uma significativa importância do mercado interno, dotou de caráter protecionista a política comercial e promoveu a orientação setorial do IED para atividades industriais incentivadas a aumentar as exportações. O modesto IED espanhol se localizou nos setores de alimentação, bebidas e fumo; produtos metálicos; material elétrico e eletrônico; peças e componentes para veículos automotivos. O IED em atividades de serviços, característica do perfil setorial do IED espanhol no resto dos países da região, tinha pouca relevância e, entre elas, destacavam-se ligeiramente os investimentos em atividades comerciais.

O gráfico 45 ilustra a trajetória regular ascendente que o IED espanhol teve no Brasil desde 1996 até o ano 2000, regularidade que se observa melhor ao ser comparada com a do segundo país receptor, a Argentina, que registrou notáveis oscilações antes do importante ponto culminante de 1999. Este período supunha também o começo de uma nova época nas relações econômicas entre Espanha e Brasil. Até então, tanto as relações comerciais bilaterais como o IED haviam permanecido em uma dimensão muito reduzida em relação ao tamanho de suas economias. Nessa nova etapa, a expansão começou com o IED em intermediação financeira, seguida pela privatização das telecomunicações em 1997, 1998 e 1999, e o IED da Telefônica, acompanhado pelas privatizações também no setor elétrico, que atraíram os investimentos de Endesa, Iberdrola e Fenosa, e, por fim, a aquisição do Banco do Estado de São Paulo (Banespa) pelo SCH em 2000; acompanhadas pelo IED de La Caixa no Banco Itaú, Gas Natural, AgBar; em construção com ACS e em turismo com a presença de Sol Meliá na exploração de 48 hotéis. Também merecem destaque os investimentos em atividades manufatureiras nos setores de peças e componentes para automóveis – com aplicações de recursos do Grupo Antolín Irausa na Trimtec Autopeças, Gestamp em três unidades industriais, Talleres Fabio Murga na IKK do Brasil e na Auto Metal, e Magneti Marelli, empresa italiana que investe a partir de sua filial na Espanha –; em metalurgia com o investimento de Sidenor na Aços Villares; no setor de madeira

com Tafisa na Tableros de Fibras Brasil; em componentes aeronáuticos com os investimentos de Gamesa; na indústria de embalagens com uma das empresas líderes mundiais, Viscofan, na Viscofan Brasil, e na indústria química (ver gráfico 46 e tabela 27).

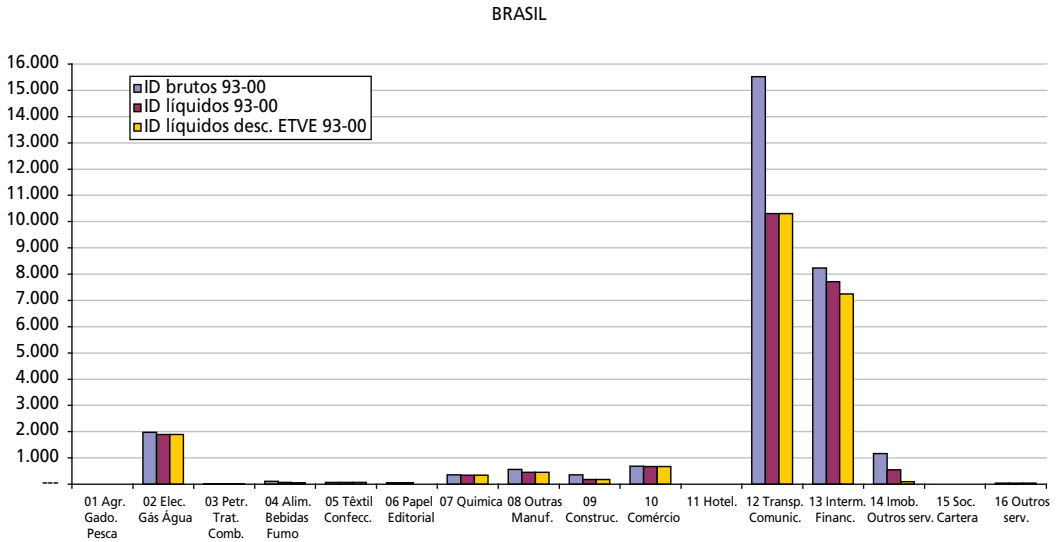
**Gráfico 45. Fluxos de investimentos diretos espanhóis brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes no Brasil e Argentina, 1993-2006 (milhões de euros)**



Fonte: elaboração própria segundo dados do Registro de Inversiones.

Dessa forma, como ilustra o gráfico 46, ocorreu uma mudança quantitativa no IED espanhol no Brasil que criou um novo perfil de especialização setorial. Os principais setores de destinação foram telecomunicações, intermediação financeira, bancos e seguros, e eletricidade, água e gás, de forma que esses três setores representaram 95% dos investimentos brutos, e 90% e 91%, respectivamente, dos investimentos líquidos e líquidos descontados os ETVE de não residentes (Arahuetes e García Domonte, 2007). Não obstante, também se verificou um aumento do IED em atividades comerciais que, sem dúvida, contribuiu para o intenso crescimento do comércio entre ambos países que se registrou no período. O Brasil se transformava em uma aposta estratégica para as empresas espanholas, superando o nível do IED espanhol na Argentina. Como resultado, a Espanha passou a ser o primeiro país investidor direto dentro do grupo de países da UE e o segundo país do mundo, só atrás dos EUA (Arahuetes, 2006).

**Gráfico 46. Fluxos de investimentos diretos espanhóis brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes no Brasil por setores de destinação, 1993-2000 (milhões de euros)**



Fonte: elaboração própria segundo dados do Registro de Inversões.



**Tabela 27. Investimentos diretos das empresas espanholas no Brasil por setores de destinação, 1993-2000**

EMPRESA INVERSORA		SETOR DE ATIVIDADE
Alcatel Standard Electrica S.A.	Alcatel S.A. Brasil	Telecomunicações
Alcatel Standard Electrica S.A.	Elebra Nultitel Telecomunicacoes S.A.	Telecomunicações
Alcatel Standard Electrica S.A.	Standard Participações e negocios Ltd.	Telecomunicações
Amper	MLx Medidata	Telecomunicações
Amper	Mediata Informatica	Telecomunicações
BBVA	Banco Excel Económico	Instituições Financeiras
BSCH	Banco Geral Do Comercio	Instituições Financeiras
BSCH	Banco Noroeste	Instituições Financeiras
BSCH	Banco Santander Brasil	Instituições Financeiras
BSCH	Banespa	Instituições Financeiras
BSCH	Grupo Financiero Meridional	Instituições Financeiras
Banco Santander de Negocios	Bco. Santander de Negocios Suc. Brasil	Instituições Financeiras
Caixa	Banco Itaú	Instituições Financeiras
Caja Madrid	Vera Cruz Vida y Previdencia	Instituições Financeiras
Control de I.T.V. S.A.	ISV Supervision y Control S.A.	Inspeção Técnica Veicular
Corp. Industrial Egana	Auto Metal	Peças e Componentes
Corp. Patricio Echeverría		Metalurgia
CSI Planos S.A.	Cia. Hispano-Brasileira Peltização	Engenharia
Editorial Planeta	Barsa Internacional Publisers	Artes Gráficas
Endesa	COELCE	Energia Elétrica
Endesa	Cia. Eletricidades Est. Rio de Janeiro	Energia Elétrica
Gas Natural	Cia. Estadual Gas do Rio Janeiro	Distribuição de Gás
Gas Natural	RIOGAS	Distribuição de Gás
Grupo Antolin Irausa S.A.	Prímtec Autopeças	Peças e Componentes
Grupo Auxiliar Metalúrgico S.A.	Gamesa Participaciones S.A.	Peças e Componentes
Grupo Dragados	Via Engenharia	Construção
Grupo Flex	Epeda Simons	Outras Manufaturas
Guardian Glass España	Guardian Do Brasil Vidrios Planos	Vidro
Iberdrola	Cia Electr. do Estado da Bahía	Energia Elétrica
Iberdrola	Cia. Energética do Rio Grande do Norte	Energia Elétrica
Iberdrola	Cia. Estadual gas do Rio de Janeiro	Energia Elétrica

## Relações econômicas entre Brasil e Espanha

EMPRESA INVERSORA		SETOR DE ATIVIDADE
Iberdrola	Riogas	Distribuição de Gás
Iberdrola	CIA Energ. Electr. de Pernambuco	Energia Elétrica
Iberdrola	Telebahia Celular	Telecomunicações
Iberdrola	Telergipe	Telecomunicações
Lignotock S.A.	Trimtec Autopeças LTDA.	Peças e Componentes
Magnetti Marelli Ibérica S.A.	Magnetti Marelli R. Mahle Participaç.	Material Elétrico
Mapfre Internacional S.A.	Mapfre do Brasil Consult. e Servic.	Companhias de Seguro
Mapfre Internacional S.A.	Vera Cruz Seguradora S.A.	Companhias de Seguro
Modragon Corp.	Paranoa	
Peguform	Peguform do Brasil S.A.	
Santander Investment S.A.	Santander Brasil S.A. Corretagen e Adm.	Instituições Financeiras
Sidenor	Aços Villares	Transformação Metálica
Tableros de Fibras S.A. TAFISA	Tableros de Fibras-Brasil-Provisional	Madeira
Talleres Fabio Murga S.A.	IKK do Brasil S.A. Industria y Comercio	Peças e Componentes
Telefónica	Telesp	Telecomunicações
Telefónica	Telesp Celular	Telecomunicações
Telefónica	Telesp Celular	Telecomunicações
Telefónica	Telesp Sudeste Celular	Telecomunicações
Telefónica	Tele Leste Celular	Telecomunicações
Telefónica	Telefónica do Brasil Holding S.A.	Telecomunicações
Telefónica	CIA. Riograndense de Telecomunicac.	Telecomunicações
Telefónica	Telebahia Celular	Telecomunicações
Telefónica	Telergipe	Telecomunicações
Telefónica	Cuatro A (Telemarketing and central of atend)	Telecomunicações
Union Fenosa Gener.	Sintesis	Energia Elétrica
Uralita	Maristela	Construção
Veber España	Veber Participacoes S.A.	Holding
Vícofan IND. Navarra Envoltorios	Viscofan do Brasil LTDA.	Industria Embrulhos

Fonte: Arahuetes (2002).

O Censo do estoque de IED do Brasil no ano 2000 mostra a forte especialização do IED espanhol em serviços, com uma participação de 92% do estoque espanhol de IED, enquanto o estoque em serviços para o conjunto do IED representava 64%. Por sua vez, o IED em manufaturas se situava em 8%, contra 34% do conjunto. A especialização do IED em atividades de serviços contribuiu, de forma modesta, para estimular as relações comerciais entre Espanha e Brasil, ao contrário do que ocorreu quando predominou o IED em manufaturas.<sup>5</sup>

### 3.1.4 O IED espanhol na América Latina no período recente 2001-2006

No início do segundo milênio, a economia internacional esteve marcada pela insegurança gerada pelo temor de deflação. Os países da América Latina sofriram os efeitos negativos da retração de capitais e entre 2001 e 2003 reduziram-se também os fluxos de IED. Tudo parecia indicar que as circunstâncias nas quais se encontravam os países da região eram o fator determinante da retração do IED internacional. No entanto, a trajetória dos fluxos internacionais de IED na América Latina não diferia da verificada nas economias asiáticas, exceto a China. Brasil, Chile, México e, em segundo plano, Peru e Colômbia, contavam com condições econômicas muito apreciadas pelo IED internacional, portanto cabia inferir que a causa causans da menor atração (não a única) de novos fluxos para as economias emergentes da Ásia e da América Latina se encontrava no âmbito internacional, e só em segundo lugar interferiam as circunstâncias específicas dos países.

Essa hierarquia se confirmou novamente a partir de 2004, quando os países latino-americanos voltaram a atrair novos fluxos de IED e iniciou-se um novo ciclo que se prolonga, ao menos, até 2007. México, Brasil, Chile e Colômbia voltaram a figurar como destinações atrativas do IED até o ponto de situar-se só atrás da China e de Singapura (CEPAL, 2006; e UNCTAD, 2006). A Argentina tornou-se o quarto destino do IED na região, seguida do Peru – que continua atraindo investimentos para a exploração de recursos naturais e atividades de serviços –, e da Venezuela, que em 2006 registrou entradas líquidas de IED negativas. Talvez – nos próximos anos – o IED se mantenha em compasso de espera para conhecer o rumo dos processos de nacionalização das atividades de petróleo, energia elétrica, telecomunicações e quiçá intermediação financeira. Os fluxos de IED recebidos por esses sete países representam ao menos 80% dos fluxos anuais totais recebidos pela região. A partir da perspectiva setorial, o IED internacional na América Latina orientou-se para atividades de serviços (54%) e manufaturas (29%) e registrou-se um aumento dos dirigidos à exploração de derivados de petróleo (16%) (CEPAL, 2005 e 2006).

O IED espanhol seguiu, nessa fase, uma trajetória similar à do IED internacional, com a característica diferencial de que entre 2001 e 2003, apesar de que a atmosfera de incertezas convidava a certa cautela, um grupo de empresas e instituições financeiras, orientadas por seus próprios diagnósticos, superaram o pessimismo dos mercados e ampliaram seus investimentos diretos em vários países da região. Assim, 84% do IED espanhol bruto concentrou-se em um primeiro

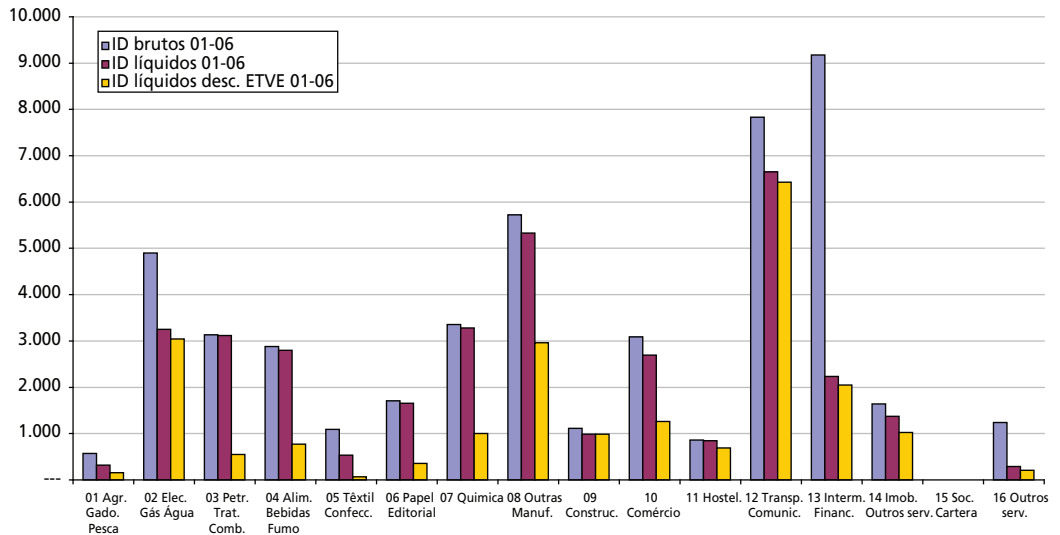
<sup>5</sup>Belluzzo, Luis Gonzaga e Ricardo Carneiro (2005), *op. cit.*

grupo de países: Argentina (28,7%), México (26,3%), Brasil (19,2%) e Chile (9,8%). Um segundo grupo de países, que absorveu 13,7% do IED espanhol nessa etapa 2001-2006, era formado por Uruguai (5,2%), Venezuela (3,7%), Colômbia (1,6%), Peru (1,6%) e República Dominicana (1,6%) (Arahuetes e García Domonte, 2007).

No entanto, se tivermos em conta o IED líquido de empresas espanholas, descontado o realizado por ETVE de não residentes, o principal destinatário do IED espanhol na região foi o México, seguido da Argentina e do Chile, no mesmo nível e, em quarto lugar, o Brasil. Este diminuiu sua participação relativa no IED espanhol devido à menor intensidade de investimentos em serviços, mas aumentaram os investimentos em manufaturas: o IED em outras manufaturas representa 55% e na indústria química, aproximadamente 50%.

Verificou-se, também nessa etapa, uma diversificação do padrão setorial do IED espanhol na região comparado ao vigente na fase expansiva dos anos 1990. No ciclo anterior, 67% do IED líquido, descontados os ETVE de não residentes, concentrava-se em quatro setores: três característicos do perfil dos anos 1990 e o de outras manufaturas, que substituiu, no período, o de petróleo; esses setores são: telecomunicações (30%), energia elétrica, gás e água (14%), outras manufaturas (13,5%) e intermediação financeira (9,8%). O resto registrou uma maior diversificação, distribuindo-se em oito setores: atividades comerciais (6%); atividades imobiliárias e outros serviços (4,7%); indústria química (4,7%); construção civil (4,5%); hotelaria (3,2%); alimentação, bebidas e fumo (3,2%); petróleo e derivados (2,5%), e indústria de papel e artes gráficas (1,6%) (ver gráfico 47).

**Gráfico 47. Investimentos diretos espanhóis brutos, líquidos e líquidos descontados os ETVE de não residentes na América Latina por setores de destinação, 2001-2006 (milhões de euros)**



Fonte: elaboração própria segundo dados do Registro de Inversiones.

### 3.1.5 O IED espanhol no Brasil na etapa recente 2001-2006

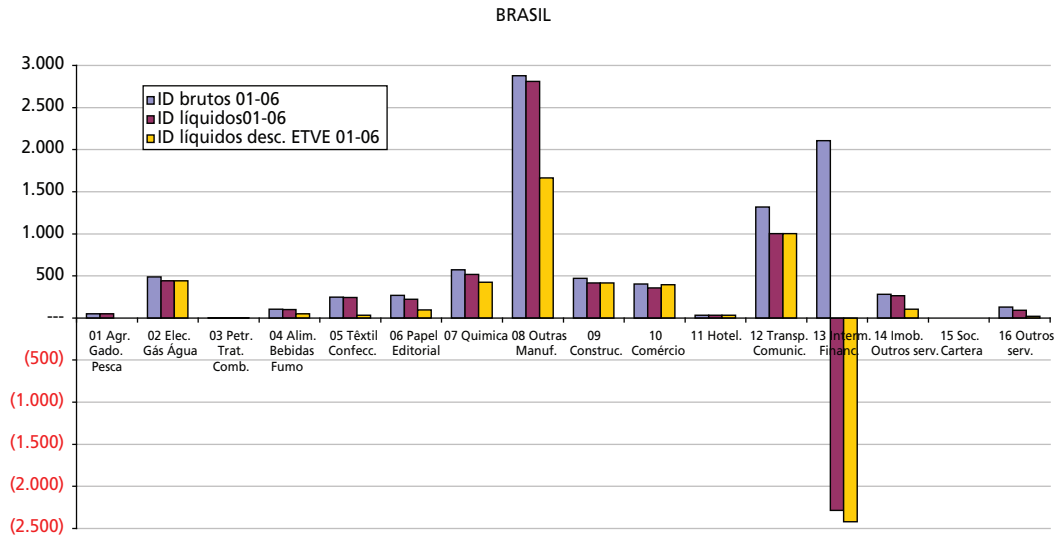
Nessa fase, o Brasil foi o terceiro destino do IED espanhol bruto – depois da Argentina e do México – e o quarto do IED líquido e do líquido descontados os ETVE de não residentes, com 11,9% e 10,2%, respectivamente, depois de registrar-se um significativo volume de desinvestimentos no setor de intermediação financeira (ver Gráfico 10). Em todo caso, verificou-se uma mudança na orientação setorial dos investimentos em relação ao perfil vigente na etapa da segunda metade dos anos 1990 até o ano 2000. Os principais setores de destinação do IED espanhol foram:

(a) Em primeiro lugar, outras manufaturas, que alcançou uma participação de 35% dos fluxos líquidos, descontados os ETVE, investimentos que foram realizados por Cie Automotive na Jardim Sistemas Automotivos Industriais, Maier do Brasil, Autometal SA, Durametal e Sada Forjas; Fagor na Fundação Brasileira; e Consentino Latino América na Silestone do Brasil.

(b) Telecomunicações, com 21,8%, realizadas por Telefónica Móviles na Celular CRT e Telefônica na Iberosleste Participações, SP Telecomunicações, Sudestecel Participações, TBS Celular Participações e Tele Leste Celular Participações; Telefônica Data Corp. no Banco Itaú Telecommunication Network; Unitronics Comunicaciones na DMI Network House; e Amper na Medidata Informática.

(c) Eletricidade, água e gás, com 9,8%, realizadas por Gas Natural na Cia Distribuidora de Gás Natural do Rio de Janeiro, CEG Rio SA e Wal Petróleo SA; e Repsol YPF em distribuição de gasolina na Refinaria Petróleos Mangunhos, Postos Estações de Serviços e Wal Petróleo. Os ID nesses três setores representaram 65,6% dos investimentos líquidos descontados os ETVE (ver gráfico 48).

**Gráfico 48. Investimentos diretos espanhóis brutos, líquidos e líquidos descontados os ETVE de não residentes no Brasil, por setores de destinação, 2001-2006 (milhões de euros)**



Fonte: elaboração própria segundo dados do Registro de Inversiones.

Os fluxos de IED nesses três setores foram acompanhados pelos que se dirigiram aos setores de:

- Indústria química (Iberchem SA na Citratos).
- Construção (OHL Concesiones em Autovías SA e Dragados Servicios Portuarios no Terminal Santa Catarina).
- Atividades comerciais.
- Indústria editorial (Grupo Santillana nas editoras Objetiva e Moderna).
- Outros serviços (OHL em Ambient Serviços Ambientais de Ribeirão Preto e Autopark; e Prosegur Cia de Seguridad em Juncadella, Preserve Segurança e Transporte de Valores e Transpev) (ver tabela 28).

**Tabela 28. Relação de investimentos diretos de empresas espanholas no Brasil, por setores de destinação, 2001-2006**

BRASIL			
SOCIEDAD COMPRADORA	SOCIEDAD COMPRADA	SECTOR	
Calvo Conservas S.L.	Gomes da Costa (TCW Inc)	01	Pesca
Gas Natural SDG S.A.	CEG Río S.A.	02	Gás
Gas Natural SDG S.A.	Coa. Distribuidora de Gas do Rio de Janeiro (CEG)	02	Gas
Repsol YPF, S.A.	Postos Estacoes de Servicios S.A. (Petrobras)	03	Petróleo
Repsol YPF, S.A.	Refinaria Petróleos Manghunos, S.A. Gas Station	03	Petróleo
Repsol YPF, S.A.	Wal PetróleosS.A. (Refinaria de petróleos9	03	Petróleo
Darby BBVA Latin America Private Equity Fund LP	Satélite Distribuidora de Petróleo S.A. (SAT)	03	Petróleo
Tavex Algodonera S.A. (CATS:ASA)	Santista Textil S.A. (BOVESPA:ASTA4)	05	Têxtil
Grupo Santillana	Editora Moderna S.L.	06	Editorial
Grupo Santillana	Editora Objetiva Ltd	06	Editorial
Iberchem, S.A.	Citratius	07	Ind. Química
Espiga Capital Inversiones SCR	Citratius	07	Ind. Química
Acerías y forjas de Azcoitia S.A.	Autometal, S.A.	08	Metalurgia
Cosentino Latino América S.L.	Silestone do Brasil Ltda.	08	Metalurgia
Cie Automotive, S.A.	Jardim Sistemas Automotivos Industriais	08	Manufatura
Cie Automotive, S.A. (CATS:CIE)	Durametal S.A.	08	Manufatura
Cie Automotive, S.A. (CATS:CIE)	Sada Forjas Ltda.	08	Manufatura
Cie Automotive, S.A.	Autometal S.A.	08	Manufatura
Cie Automotive, S.A.	aier do Brasil	08	Manufatura
Fagor Ederla Cooperativa	Fundicado Brasileira Ltda.	08	Manufatura

## Relações econômicas entre Brasil e Espanha

Latinoamericana de Gestión Hotelera S.A. (LGH)	Hotel Della Volpe	11	Hotelaria
Empresa Nacional Elcano de la Marina Mercante	Navegação Valeado Rio Doce S.A.	12	Transporte
Telefónica S.A. (CATS:TEF)	Tevecap S.A.	12	Telecomunicações
Telefónica Data Corp SAU	Banco Itau Telecommunication Networks	12	Telecomunicações
Telefónica Móviles S.A.	Celular CRT	12	Telecomunicações
Telefónica S.A.	Iberoleste Participações Ltda.	12	Telecomunicações
Telefónica S.A.	SP Telecomunicações Holding	12	Telecomunicações
Telefónica S.A.	Sudestel Participações S.A.	12	Telecomunicações
Telefónica S.A.	TBS Celular Participações	12	Telecomunicações
Telefónica S.A.	Tele Leste Celular Participações	12	Telecomunicações
Unitronics Comunicaciones	DMI Network House	12	Telecomunicações
Patagon internet Bank	Santander Brasil Distrib. Titulos y Valores Mobiliarios	13	Serv. Financeiros
Caixa d'Estalvis i Pensiones de Barcelona	Banco Itau S.A.	13	Serv. Financeiros
ABN AMRO Holding N.V. (ENXTAM:AABA)	Banco ABN AMRO Real S.A.	13	Serv. Financeiros
Corp. Mapfre Cía. Internacional de Reaseguros S.A.	Nossa Caixa Seguros e Previdencia	13	Seguros
Obrascon Huarte Lain S.A.	Autovias S.A.	16	Serviços
Dragados Servicios Portuarios y Logísticos S.L.	Terminal Santa Catarina S.A.	16	Serviços
DMR Consulting España S.L.	DMR Consulting Brasil Ltda.	16	Serviços
Gesfor S.A.	Key Global	16	Serviços
Maga S.A.	Cemari S.A.	16	Serviços
Obrascon Huarte Lain S.A. (CATS:OHL)	Ambient Serviços Ambientais de Riberão Preto	16	Serviços
OHL Concesiones	Autopark S.A.	16	Serviços
Amper	Medidata Informática (Amper S.A.)	16	Serviços
Prosegur Cía de Sguridad S.A.	Juncadella (Merryll Lynch & Co Inc, Southern Cross)	16	Serviços
Prosegur Cía de Sguridad S.A.	Preserve Segurança e Transporte de Valores Ltda.	16	Serviços
Prosegur Cía de Sguridad S.A.	Transpev Trans. Valores e Segurança-Security	16	Serviços

Fonte: elaboração própria segundo dados de América Economía, Financial Times, Expansión e Cinco Días.

### 3.1.6 O estoque do IED das empresas espanholas no Brasil

Há pouca informação disponível sobre o estoque do IED das empresas e instituições financeiras espanholas no Brasil. A única estimativa oficial é a publicada pelo Registro de Inversiones, que determina a posição do IED no exterior a partir da informação sobre fundos próprios – capital, reservas e lucros não distribuídos – das sociedades que investem no exterior e que aparecem nos



Relatórios Anuais que apresentam no próprio Registro. O valor contábil registrado como fundos próprios é uma informação próxima ao valor teórico contábil, mas é provável que seja diferente do valor de mercado porque as sociedades estão obrigadas a informar as diminuições de valor, mas não os aumentos. As instituições multilaterais como a OCDE e o FMI recomendam que o cálculo do estoque do IED recebido e realizado pelos países se realize a preços de mercado. Essa estimativa pode ser feita se as sociedades estão cotadas nos mercados de capitais e fornecem informação sobre o estoque do IED, mas em todo caso é difícil saber seu valor. No caso espanhol, o Banco de España obtém a posição do IED no exterior – ou seja, o estoque de IED – “mediante a soma dos fluxos anuais de investimentos diretos [líquidos] com alguns ajustes de avaliação” (Subdirección General de Inversiones Exteriores, 2006), mas não a publica por países.

O Registro de Inversiones publicou dois relatórios sobre a Posição do Investimento Exterior que apresentam dados sobre o estoque de IED medido pelo valor dos fundos próprios, em 31 de dezembro de 2003, 2004 e 2005.

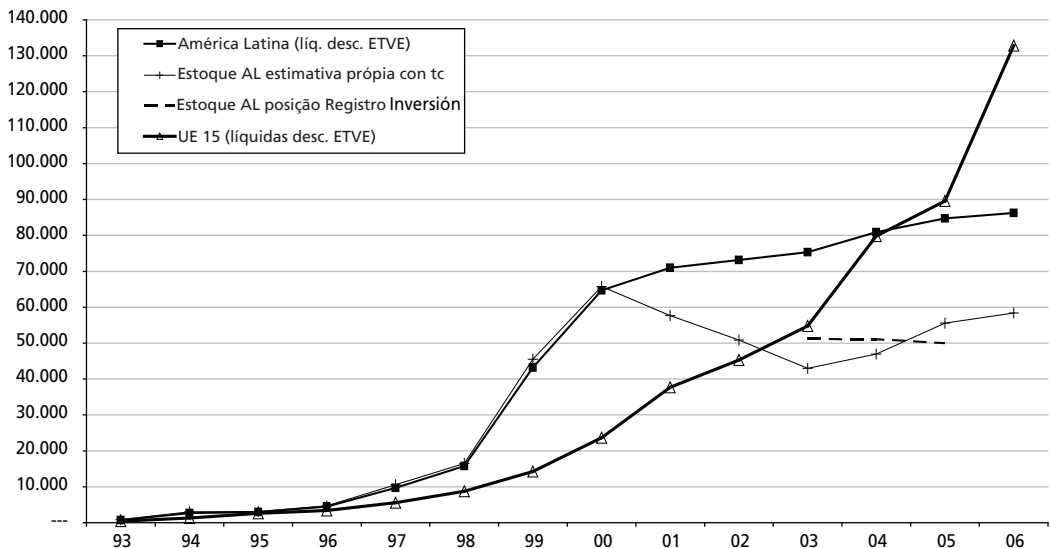
De nossa parte, se realizaram duas estimativas do valor do estoque do IED das empresas espanholas na América Latina e no Brasil, que foram comparadas com a informação fornecida pelo relatório da Posição Investidora exterior, publicado pelo Registro de Inversiones. Dessa forma, considerou-se que o estoque de IED pode mover-se em uma faixa. O limite superior da faixa é estimado pela mera acumulação dos fluxos líquidos anuais em euros, descontados os investimentos realizados pelas ETVE de não residentes; o limite inferior, pelo estoque de IED ao começar um ano, mais os fluxos líquidos – portanto descontadas os desinvestimentos – recebidos durante esse ano, tendo em conta a variação da taxa de câmbio do país receptor do IED. A estimativa foi feita para o estoque de IED líquido descontado o das ETVE de não residentes em todos os países da América Latina, de 1993 a 2006. O estoque no começo de 1993<sup>6</sup> foi estimado a partir dos ID das empresas espanholas nos principais destinatários da região na época: Argentina, Chile, México e Venezuela, e em menor medida Brasil, Colômbia e Peru.

As faixas superior e inferior do estoque de IED líquido espanhol na América Latina, descontado o das ETVE de não residentes, são quase coincidentes até o ano 2000. A partir desse ano as faixas de diferenciaram com clareza pelas variações das taxas de câmbio. O estoque estimado pela acumulação de fluxos líquidos, descontados os das ETVE, é a faixa superior. O estoque que integra as variações das taxas de câmbio dos países da região é a faixa inferior. O estoque de IED líquido, descontado o das ETVE de não residentes, segundo a Posição de Investimentos exteriores do Registro de Inversiones, foi de 51,141 bilhões e 51,061 bilhões de euros em 2003 e 2004, respectivamente, e próximo de 50 bilhões de euros em 2005; segundo a estimativa própria da faixa inferior foi de 42,500 bilhões, 47 bilhões e 56,566 bilhões de euros, respectivamente, em 2003, 2004 e 2005, e segundo a faixa superior de 77 bilhões, 80 bilhões e 82,759 bilhões de euros. No fim de 2006, o estoque de IED das empresas espanholas na América Latina, segundo a estimativa da faixa superior, era de 84,832 bilhões de euros; segundo a

<sup>6</sup>Como nessa época não havia IED realizadas por ETVE de não residentes, o estoque inicial de 1993 foi estimado a partir do estoque de IED líquido nos principais países.

da faixa inferior era quase de 60 bilhões de euros. Vejamos a evolução do estoque de IED nos principais países.

**Gráfico 49. Estoque estimado do IED líquido das empresas espanholas na UE-15 e América Latina, descontados os ETVE de não residentes, estoque líquido na América Latina estimado, tendo em conta variações das taxas de câmbio e estoque líquido, descontados ETVE, na América Latina segundo a Posição de Investimento (milhões de euros)**

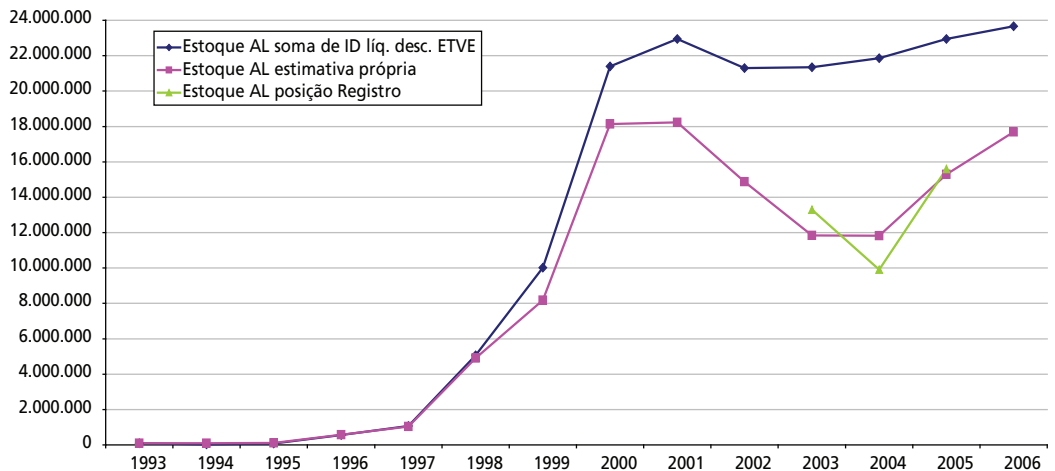


Fonte: estimativas próprias e em 2003, 2004 e 2005, segundo a Posição Investidora do Registro de Inversiones.

Como se ilustra no gráfico 50, no Brasil o valor do estoque estimado segundo as duas faixas coincide até 1998, e em 1999 as faixas se abrem em consequência da variação da taxa de câmbio do Real. Os anos de maior divergência foram 2002, 2003 e 2004. Depois a faixa inferior inicia a trajetória de alta graças à valorização da taxa de câmbio. O estoque de IED espanhol segundo a estimativa da faixa superior se elevava a 21,7 bilhões, 22 bilhões e 23 bilhões de euros em 2003, 2004 e 2005, respectivamente; o estoque segundo a informação da Posição Investidora do Registro de Inversiones, obtida a partir dos fundos próprios das empresas era de 13,3 bilhões de euros, 9,9 bilhões e quase 15,6 bilhões de euros em 2003, 2004 e 2005, respectivamente, o que significa uma trajetória muito similar à estimada para a faixa inferior, mas muito distante dos valores da faixa superior. Em 2006, o estoque segundo a faixa superior se situaria próximo de 24

bilhões de euros, e segundo a faixa inferior em 18 bilhões de euros. De acordo com os relatórios anuais das grandes empresas espanholas com investimentos diretos no Brasil – Telefónica, Telefónica Móviles, Santander, Iberdrola, Repsol, Gas Natural e Mapfre – é muito provável que o estoque do IED no final de 2006 a preços de mercado se encontre em um ponto intermediário dessa bifurcação.

**Gráfico 50. Estoque do IED das empresas espanholas no Brasil estimado a partir dos fluxos líquidos, descontados ETVE de não residentes, e considerando as variações das taxas de câmbio, e segundo a Posición de la Inversión Exterior Directa, 1993-2006 (miles de euros)**



Fonte: elaboração própria segundo dados do Registro de Inversiones, da Posición de la Inversión Exterior Directa e estimativa própria.

## 3.2 O IDE entre Brasil e Espanha

### Evolução dos fluxos de IDE recebidos e enviados pelo Brasil e a importância da Espanha

#### 3.2.1. Características gerais do recente boom de IDE recebido pela economia brasileira.

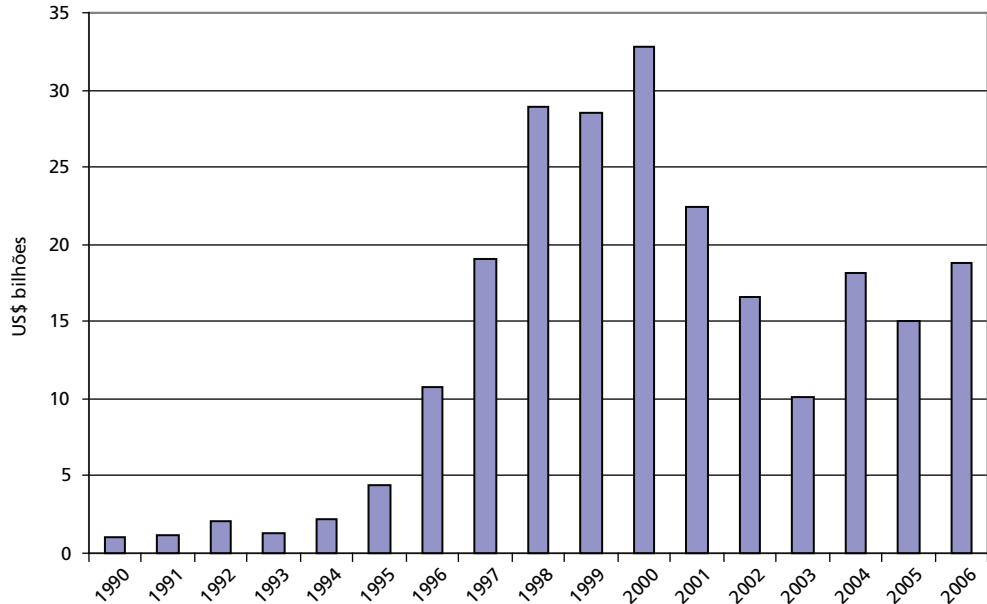
A economia brasileira tem como uma de suas características básicas o elevado grau de internacionalização da estrutura produtiva, com ampla presença de empresas de capital estrangeiro exercendo papel de liderança em diversos setores econômicos.

Esse não é de maneira alguma um fenômeno novo. O investimento direto estrangeiro (IDE) e o papel preponderante das empresas transnacionais (ETN) nos setores mais dinâmicos são aspectos constitutivos do próprio processo de industrialização brasileiro. Em especial no período do imediato pós-guerra até o final da década de 70, as filiais das ETN, articuladas pelo planejamento estatal com as empresas de capital nacional privado e público, foram fundamentais para o desenvolvimento e a consolidação de uma estrutura produtiva diversificada e convergente com a dos países mais desenvolvidos, ao menos no que tange ao peso dos diferentes setores na estrutura industrial.

Na década de 80, entretanto, a crise da dívida externa interrompeu o longo ciclo de crescimento da economia brasileira, que passou a conviver com uma volatilidade muito maior nas taxas de crescimento do PIB, além de um processo inflacionário crônico. Nesse contexto, o IDE recebido pelo país estacionou em patamares reduzidos, ao mesmo tempo em que as filiais estrangeiras se mantiveram em compasso de espera, sem grandes projetos de expansão.

A retomada dos investimentos estrangeiros que ocorreu durante a década de 90 significou a volta de estratégias de expansão por parte das empresas transnacionais na economia brasileira. Motivadas pelas mudanças no cenário macroeconômico – liberalização dos fluxos de comércio e investimento, privatizações e estabilização, as ETN voltaram a realizar investimentos no Brasil. De um patamar de cerca de US\$ 1,5 bilhões anuais no início da década de 90 os fluxos de IDE se intensificaram a partir de 1995. Entre 1995 e 2000, a taxa média de crescimento foi de quase 50% ao ano. Em 2000, a economia brasileira registrou o volume recorde de US\$ 32,7 bilhões. Vale ressaltar que os fluxos de investimento permaneceram em patamar elevado mesmo após a crise asiática ocorrida em 1997, a crise russa de 1998 e mesmo a crise brasileira que resultou na desvalorização do real em 1999 (gráfico 51).

A partir de 2001, as condições da economia mundial voltaram a se deteriorar, reduzindo drasticamente os fluxos mundiais de investimento. O IDE direcionado ao Brasil caiu continuamente até 2003, quando atingiu US\$10,1 bilhões. A partir de 2004 o volume de IDE voltou subir de patamar, atingindo US\$ 18,7 bilhões em 2006.

**Gráfico 51. Brasil, IED líquido recebido, 1990 a 2006 (em US\$ bilhões)**

Fonte: Banco Central do Brasil.

Em termos relativos, pode-se verificar pela tabela 1 que a participação nos fluxos mundiais aumentou de um patamar inferior a 1% considerando o acumulado no período 1990-1995, para 2,9% no período 1996-2000, caindo para 2,3% no período 2001-2005. Considerando somente os países em desenvolvimento, a participação brasileira atingiu 11,9% no período 1996-2000 e 7,3% no período 2001-2005. Em relação à América Latina e Caribe, nesses mesmos períodos a participação brasileira foi de 29,7% e 23,5% respectivamente.

**Tabela 29. Brasil, Participação nos fluxos mundiais e regionais de IED (em %)**

	1990-1995	1996-2000	2001-2005
Part. Mundo	0,9	2,9	2,3
Part. Países em Desenvolvimento	2,8	11,9	7,3
Part. América Latina e Caribe	10,7	29,7	23,5

Fonte: Unctad

É importante destacar também algumas mudanças importantes nos fluxos de IDE recentes recebidos pela economia brasileira em relação a períodos anteriores. Em primeiro lugar vale destacar uma mudança acentuada na composição setorial dos fluxos. Em 1995, o setor industrial respondia por quase 67% do estoque de IDE no Brasil. Na segunda metade da década de 90, o IDE foi voltado basicamente para o setor de serviços, principalmente nos setores onde o processo de privatização foi mais importante como Telecomunicações, Energia Elétrica e Serviços Financeiros. Em 2000, o estoque de IDE no setor de serviços já respondia por 64% do total, superando a indústria, que passou a responder por 33,7% do total.

Ainda assim, setores industriais como alimentos e bebidas, automotivo, químico, metalurgia e equipamentos de telecomunicações receberam volumes significativos de investimento.

Quanto aos fluxos acumulados entre 2001 e 2006, os setores de serviços continuaram representando mais da metade do total, embora a participação tenha se reduzido em relação ao período anterior. Os setores industriais, por sua vez, responderam por 38,5% do total no período. Vale destacar ainda que neste último período as atividades agrícolas e extrativas ganharam importância relativa, respondendo por 7,1% do total.

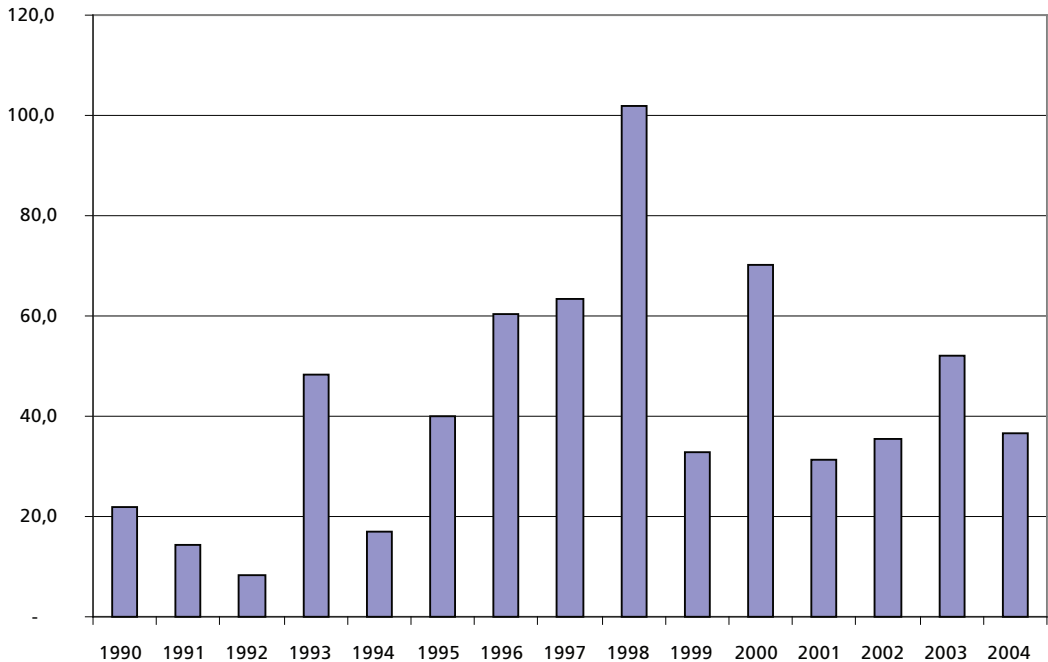
Uma outra característica importante dos fluxos recentes de IDE para a economia brasileira tem sido a elevada participação dos investimentos sob a forma de fusões e aquisições. O gráfico 52 mostra a relação entre o valor das operações de fusões e aquisições transfronteiras onde o Brasil aparece como país da empresa adquirida e o valor total de investimentos recebidos. Como é possível observar, a relação entre as duas variáveis atinge índices bastante elevados principalmente no período de auge do processo de privatizações, na segunda metade da década de 1990.

**Tabela 30. Brasil, Estoque e Fluxos de IED por setor de atividade, 1995, 2000 e 2001 a 2006 (US\$ milhões e %)**

Atividade Econômica	Estoque				Fluxos	
	1.995	%	2.000	%	2001-2006	%
Agricultura e Extrativa	925	2,2	2.401	2,3	8.249	7,1
Indústria	27.907	66,9	34.726	33,7	44.917	38,5
Alimentos e Bebidas	2.828	6,8	4.619	4,5	11.004	9,4
Química	5.331	12,8	6.043	5,9	7.295	6,2
Automotiva	4.838	11,6	6.351	6,2	6.335	5,4
Metalurgia	3.005	7,2	2.513	2,4	3.759	3,2
Eletrônica e Equip. de Telecom.	785	1,9	2.169	2,1	3.023	2,6
Papel e Celulose	1.634	3,9	1.573	1,5	2.642	2,3
Máquinas e Equipamentos	2.345	5,6	3.324	3,2	1.989	1,7
Material Elétrico	1.101	2,6	990	1,0	1.500	1,3
Borracha e Plástico	1.539	3,7	1.782	1,7	1.402	1,2
Outros	4.502	10,8	5.361	5,2	5.966	5,1
Serviços	12.864	30,9	65.888	64,0	63.575	54,5
Telecomunicações	399	1,0	18.762	18,2	17.216	14,7
Eletricidade, Água e Gás	0	0,0	7.116	6,9	8.708	7,5
Intermediação Financeira	1.638	3,9	10.671	10,4	7.916	6,8
Serviços Empresariais	4.953	11,9	11.019	10,7	7.248	6,2
Comércio Varejista	669	1,6	3.893	3,8	5.353	4,6
Comércio Atacadista	2.132	5,1	5.918	5,7	3.773	3,2
Outros	3.072	7,4	8.509	8,3	13.362	11,4
<b>Total</b>	<b>41.696</b>	<b>100,0</b>	<b>103.015</b>	<b>100,0</b>	<b>116.741</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

**Gráfico 52. Brasil, Participação de Fusões e Aquisições no total de IED, 1990 a 2004 (em %)**



Fonte: Unctad

Com o fim do processo de privatizações a participação das fusões e aquisições reduziu-se, porém ainda tem representado em torno de 30% do total nos últimos anos, indicando que parte não desprezível dos fluxos de investimento tem sido direcionada para aquisição de empresas nacionais.

Uma outra modificação importante foi a mudança na importância relativa dos principais países investidores no Brasil. Em razão do grande aumento da importância dos investimentos provenientes da Espanha, a análise dos investimentos por país de origem será realizado no item seguinte.



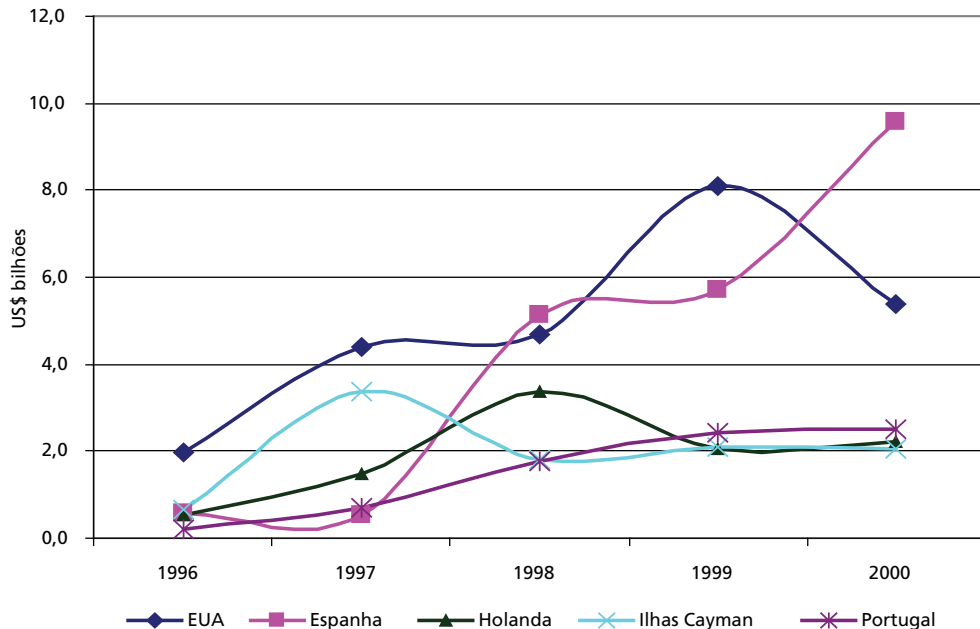
### 3.2.2. Importância relativa do Investimento Direto Espanhol no total recebido pelo Brasil

Até 1995, os investimentos espanhóis no Brasil eram bastante escassos. Considerando o total do estoque de investimento estrangeiro existente no Brasil<sup>1</sup>, a Espanha representava em 1995 apenas 0,4%, o que equivalia a apenas US\$ 170 milhões. Os principais países investidores nesse ano eram os Estados Unidos, seguidos pela Alemanha, Japão e Suíça (tabela 31).

A partir de 1995, os investimentos oriundos da Espanha se elevaram e, principalmente a partir de 1998, passam a disputar a liderança com os investimentos originários dos EUA (gráfico 53).

Dessa forma, em 2000, do total do estoque de investimentos estrangeiros, a Espanha passa a ser o segundo principal país, atrás apenas dos Estados Unidos. O valor do estoque atingiu US\$ 12,8 bilhões, representando 12,4% do total.

**Gráfico 53. Brasil, Fluxos de IED recebidos. Principais países, 1996-2000 (em US\$ bilhões)**



Fonte: Elaboração NEIT/E/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

<sup>1</sup>Nos dados de estoque de investimento, obtidos a partir dos censos de capital estrangeiros realizados pelo Banco Central Brasileiro para os anos de 1995 e 2000, utilizou-se o país da holding realizadora do investimento como origem do capital. Isso dá uma precisão maior as dados do que utilizando apenas o país de origem declarado, uma vez que grande parte dos investimentos provenientes de paraísos fiscais como Ilhas Cayman, são provenientes de holdings localizadas em outros países. Para os dados sobre fluxos, não é possível fazer essa separação, tendo sido utilizado, portanto, o país de origem declarado.

**Tabela 31. Brasil, Estoque de IED recebido por país, 1995 e 2000 (em US\$ milhões e %)**

País	1995		2000	
	Valor	Part. Rel.	Valor	Part. Rel.
Estados Unidos	11.510	27,6	28.918	28,1
Espanha	170	0,4	12.785	12,4
Holanda	1.413	3,4	9.746	9,5
França	2.845	6,8	7.062	6,9
Alemanha	6.493	15,6	5.129	5,0
Portugal	87	0,2	4.325	4,2
Ilhas Cayman	633	1,5	3.048	3,0
Itália	1.801	4,3	2.771	2,7
Reino Unido	1.724	4,1	2.586	2,5
Japão	2.641	6,3	2.510	2,4
Ilhas Virgens	647	1,6	2.300	2,2
Canadá	815	2,0	2.092	2,0
Suíça	2.323	5,6	2.083	2,0
Uruguai	612	1,5	1.773	1,7
Suécia	553	1,3	1.499	1,5
Bermudas	187	0,4	1.367	1,3
Panamá	527	1,3	1.176	1,1
Luxemburgo	129	0,3	1.145	1,1
Bahamas, Ilhas	366	0,9	939	0,9
Argentina	963	2,3	647	0,6
Outros	5.257	12,6	9.112	8,8
<b>Total</b>	<b>41.695</b>	<b>100,0</b>	<b>103.014</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

Este aumento da importância relativa dos investimentos espanhóis no Brasil esteve, por um lado, fortemente vinculado às oportunidades abertas pelo processo de privatizações ocorrido no Brasil nos setores de Serviços de Telecomunicações, Energia e Bancário (tabela 32). Por outro lado, pelo próprio processo de internacionalização das grandes empresas espanholas, que buscavam formas de responder aos desafios da globalização, aumentando as escalas de suas operações no exterior.

**Tabela 32. Participação de Empresas Espanholas no processo de Privatização Brasileiro**

Ano	Empresas Privatizadas / Concessões	Transnacional Espanhola	Participação (%)
1996	Cia. Rio Grandense de Telecomunicações (CRT)	Telefónica	45
1996	Cia. Elétrica do Rio de Janeiro (CERJ)	Endesa	41
1997	Cia. Estadual de Gás do Rio de Janeiro (CEG)	Repsol	4
1997	Riogás S.A.	Repsol	...
1997	Banco Geral do Comércio	Santander	100
1998	Cia Elétrica do Ceará (COELCE)	Endesa	35
1998	Cachoeira Dourada	Endesa	23
1998	Telesp	Telefónica	29
1998	Telesp Celular	Telefónica	19
1998	Tele Sudeste Celular	Telefónica	48
1998	Tele Leste Celular	Telefónica	20
1998	Banco Noroeste	Santander	76
1998	Banco Excel Econômico	BBVA	100
2000	Cia. Energética de Pernambuco (Celpe)	Iberdrola	...
2000	Banespa	Santander	60
2000	Concessão para distribuição de gás canalizado na região Sul do Estado de SP	Gas Natural	100

Fonte: Cepal, Bacen e BNDES, Extraído de Paulino (2005)

Vale lembrar que as grandes empresas espanholas que tiveram participação ativa nos processos de privatizações do Brasil, como Telefónica, Endesa, Iberdrola e Santander, já vinham adquirindo empresas em outros países da América Latina desde o início da década de 1990. Quando se acelerou, portanto, o processo de privatizações no Brasil, essas empresas enxergaram a oportunidade de expandir ainda mais seus negócios na América Latina, obtendo posição de destaque no maior mercado da região.

A partir de 2001, com o fim das grandes operações de aquisições propiciadas pelos processos de privatizações, os investimentos provenientes da Espanha se reduziram. Porém, considerando os fluxos acumulados no período 2001 a 2006, a Espanha se constituiu no quarto maior investidor estrangeiro na economia brasileira, totalizando US\$ 7,8 bilhões, o que representou 6,7% do total investido.

**Tabela 33 Brasil, Fluxos de IDE recebido por país, 2000 a 2006 (em US\$ milhões e %)**

País	Fluxos						acumulado 2001-2006	Part. Rel. %
	2001	2002	2003	2004	2005	2006		
EUA	4.464,9	2.614,6	2.382,7	3.977,8	4.644,2	4.433,7	22.517,9	19,3
Holanda	1.891,8	3.372,5	1.444,9	7.704,8	3.207,9	3.494,9	21.116,9	18,1
Cayman, Ilhas	1.755,1	1.554,5	1.909,6	1.521,8	1.078,2	1.974,4	9.793,5	8,4
Espanha	2.766,6	586,9	710,5	1.054,9	1.220,4	1.513,7	7.853,1	6,7
França	1.912,8	1.815,0	825,2	485,9	1.458,4	744,6	7.241,9	6,2
Alemanha	1.047,5	628,3	507,6	794,7	1.269,3	848,3	5.095,7	4,4
Canadá	441,1	989,3	116,8	592,5	1.435,3	1.285,5	4.860,6	4,2
Japão	826,6	504,5	1.368,3	243,2	779,1	647,5	4.369,2	3,7
Portugal	1.692,3	1.018,8	201,2	570,2	334,6	300,3	4.117,3	3,5
Bermudas	606,9	1.468,8	623,5	210,9	38,9	514,7	3.463,7	3,0
Suíça	181,8	347,4	335,6	364,6	341,5	1.631,0	3.201,8	2,7
Luxemburgo	284,7	1.012,8	238,7	746,9	139,1	745,1	3.167,3	2,7
Ilhas Virgens	911,9	500,5	548,7	245,4	254,5	280,2	2.741,3	2,3
México	61,1	24,4	46,6	60,3	1.661,2	781,6	2.635,3	2,3
Itália	281,3	472,5	390,4	429,2	345,7	200,7	2.119,8	1,8
Reino Unido	416,2	474,4	254,2	275,4	153,3	395,2	1.968,6	1,7
Bélgica	113,1	45,3	18,3	8,1	685,6	271,5	1.141,8	1,0
Uruguai	180,6	237,5	154,7	160,6	169,2	229,5	1.132,1	1,0
Austrália	10,7	4,0	43,9	5,9	926,0	117,0	1.107,4	0,9
Panamá	133,0	146,4	147,5	150,5	165,6	139,2	882,2	0,8
Subtotal	19.979,9	17.818,0	12.268,9	19.603,7	20.308,0	20.548,8	110.527,3	94,7
Outros	1.061,8	960,3	633,5	661,6	1.213,5	1.682,5	6.213,3	5,3
<b>Total</b>	<b>21.041,7</b>	<b>18.778,3</b>	<b>12.902,4</b>	<b>20.265,3</b>	<b>21.521,6</b>	<b>22.231,3</b>	<b>116.740,6</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

Na seção a seguir, os investimentos espanhóis são abertos setorialmente

### 3.2.3. Análise do IED recebido da Espanha por setor de atividade

Na tabela 32, o estoque de investimentos espanhóis em 1995 e 2005 estão abertos setorialmente. Como pode ser observado por essa tabela, até 1995, os investimentos espanhóis, seguindo o padrão geral de investimento recebido pelo Brasil, se concentravam no setor industrial (74,6%).

**Tabela 34. Brasil, Estoque de IED da Espanha por setor de atividade, 1995 e 2000 (em US\$ milhões e %)**

Atividade Econômica	1995		2000	
	Valor	%	Valor	%
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	0,5	0,3	14,3	0,1
Extração de minerais metálicos	0,0	0,0	13,7	0,1
Pesca, aqüicultura e atividades relacionadas	0,0	0,0	0,0	0,0
Extração de minerais não-metálicos	0,3	0,2	0,3	0,0
Agricultura, pecuária e serviços relacionados	0,2	0,1	0,2	0,0
Indústria	<b>126,9</b>	<b>74,6</b>	<b>1.029,7</b>	<b>8,1</b>
Edição, impressão e reprodução de gravações	0,0	0,0	37,7	0,3
Fab. de produtos de minerais não-metálicos	0,9	0,5	152,4	1,2
Fab. de celulose, papel e produtos de papel	0,0	0,0	176,0	1,4
Fab. de artigos de borracha e plástico	32,4	19,1	148,3	1,2
Fab. de produtos têxteis	1,6	0,9	43,7	0,3
Preparação de couros e calçados	13,4	7,9	2,7	0,0
Metalurgia básica	11,2	6,6	106,0	0,8
Fab. de produtos de metal	24,4	14,4	21,3	0,2
Fab. de máquinas e Equip.	0,3	0,2	105,1	0,8
Fab. de produtos químicos	11,9	7,0	147,9	1,2
Fab. e montagem de veículos automotores	0,9	0,5	59,8	0,5
Fab. de móveis e indústrias diversas	5,2	3,1	1,6	0,0
Fab. de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	0,1	0,0	6,5	0,1
Fab. de material eletrônico e Equip. de comunicações	7,9	4,7	9,9	0,1
Fab. de produtos alimentícios e bebidas	1,7	1,0	9,1	0,1

## Relações econômicas entre Brasil e Espanha

Fab. de equip. de instrumentação médica, óticos e automação	0,0	0,0	1,1	0,0
Fab. de produtos de madeira	0,0	0,0	0,3	0,0
Fab. de outros Equip. de transporte	0,0	0,0	0,2	0,0
Fab. de produtos do fumo	14,9	8,8	0,0	0,0
Serviços	<b>42,7</b>	<b>25,1</b>	<b>11.740,9</b>	<b>91,8</b>
Atividades auxiliares da intermediação financeira	0,0	0,0	640,3	5,0
Correio e telecomunicações	0,0	0,0	6.234,4	48,8
Atividades de informática e conexas	0,0	0,0	630,6	4,9
Eletricidade, gás e água quente	0,0	0,0	1.676,0	13,1
Atividades associativas	0,0	0,0	1,7	0,0
Seguros e previdência privada	12,8	7,5	101,8	0,8
Intermediação financeira	0,0	0,0	2.088,0	16,3
Captação, tratamento e distribuição de água	0,0	0,0	14,6	0,1
Construção	0,2	0,1	35,7	0,3
Limpeza urbana e esgoto; e atividades conexas	0,0	0,0	5,1	0,0
Agências de viagem	0,1	0,0	7,7	0,1
Serviços prestados principalmente às empresas	17,5	10,3	252,4	2,0
Comércio por atacado e intermediários do comércio	10,6	6,2	47,3	0,4
Atividades recreativas, culturais e desportivas	0,2	0,1	2,5	0,0
Aluguel de veículos	0,0	0,0	0,5	0,0
Comércio e reparação de veículos automotores	1,0	0,6	0,3	0,0
Comércio e reparação de objetos pessoais e domésticos	0,1	0,1	1,8	0,0
Atividades imobiliárias	0,0	0,0	0,0	0,0
Saúde e serviços sociais	0,1	0,1	0,0	0,0
<b>Total</b>	<b>170,0</b>	<b>100,0</b>	<b>12.785,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

Em 2000, por outro lado, é marcante o aumento da importância dos investimentos espanhóis no setor de serviços, que passou a representar 91,8% do total. Dentro dos serviços, também é visível a elevada concentração em alguns setores, justamente aqueles relacionados ao processo de privatização referido anteriormente. O setor de Telecomunicações, por exemplo, respondia sozinho por quase metade de todo o estoque do investimento espanhol em 2000. Além das Telecomunicações, merecem destaque os setores de Eletricidade, o Setor Financeiro e Atividades auxiliares da Intermediação Financeira e os serviços de Informática.

No caso da Indústria, embora a participação no total do estoque tenha se reduzido para 8,1% em 2000, vale observar que ocorreram aumentos importantes em vários setores. Destacam-se os setores de Papel e Celulose, Produtos de Borracha e Plástico, Produtos de Minerais Não-Metálicos e Produtos Químicos.

De uma outra perspectiva, pode-se analisar também a importância relativa dos estoques de investimentos realizados pela Espanha com o total de investimentos estrangeiros recebidos pelo Brasil em cada setor.

É possível perceber pela tabela 35, que nos setores de serviços, a importância relativa do estoque de investimento espanhol para o total do estoque de investimentos do setor foi elevado naqueles segmentos destacados anteriormente, onde os investimentos nos setores representaram grande parte do investimento espanhol, como Telecomunicações (33,2%), Eletricidade (23,6%) e Setor Bancário (19,6%). Porém, também em setores onde a importância relativa dentro do total do investimento espanhol não é tão elevada, a importância relativa para o total dos investimentos recebidos pelo setor apresentou índices expressivos. É o caso por exemplo dos serviços Auxiliares da Intermediação Financeira, onde os investimentos provenientes da Espanha representaram 43% do estoque, do setor de Seguros e Previdência Privada (20,7%) e atividades de Informática.

No caso da Indústria, destaca-se o setor de Edição, Impressão e Reprodução de Gravações. Embora tenha tido participação marginal no total do estoque de investimento Espanhol no Brasil, representou quase 20% do total do estoque de capital estrangeiro do setor.

Quanto aos fluxos de investimento nos períodos mais recentes, passado o período de auge de entrada de investimentos decorrentes das grandes operações relacionadas ao processo de privatização, algumas mudanças importantes podem ser notadas. Em primeiro lugar, vale destacar que depois do grande volume de recursos investidos, setores como telecomunicações, eletricidade e intermediação financeira voltaram a receber volumes "normais" de investimento a partir de 2002. Além dos volumes investidos anteriormente, outro aspecto relevante que ajuda explicar esse fenômeno é que a partir do início das operações, a geração de caixa local passou a financiar parte das necessidades de investimento. Além disso, é possível também que as filiais tenham conseguido obter financiamento doméstico, não entrando, portanto, nas estatísticas de investimento direto.

**Tabela 35. Brasil, Importância Relativa do Estoque de IED da Espanha por setor de atividade, 2000 (em %)**

Atividade Econômica	
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	0,6
Extração de minerais metálicos	2,2
Indústria	2,7
Edição, impressão e reprodução de gravações	19,8
Fabricação de produtos de minerais não-metálicos	13,0
Fabricação de celulose, papel e produtos de papel	11,2
Fabricação de artigos de borracha e plástico	8,3
Fabricação de produtos têxteis	6,5
Preparação de couros e calçados	5,4
Metalurgia básica	4,2
Fabricação de produtos de metal	3,6
Fabricação de máquinas e equipamentos	3,2
Fabricação de produtos químicos	2,4
Serviços	17,3
Atividades auxiliares da intermediação financeira	43,0
Correio e telecomunicações	33,2
Atividades de informática e conexas	24,8
Eletricidade, gás e água quente	23,6
Atividades associativas	22,6
Seguros e previdência privada	20,7
Intermediação financeira	19,6
Captação, tratamento e distribuição de água	10,0
Construção	8,6
Limpeza urbana e esgoto; e atividades conexas	4,2
Total	12,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

Como resultado, outros setores passaram a ganhar importância no período recente. No caso dos serviços, vale destacar os setores de construção civil, comércio e seguros. Na indústria, destacam-se os setores de Metalurgia, Têxteis e Automotivo. Finalmente no setor extrativo, os investimentos no setor de extração de petróleo.



**Tabela 36 Brasil, Fluxos de IED recebidos da Espanha por setor de atividade, 2000 a 2006 (em US\$ milhões e %)**

Setor	2001	2002	2003	2004	2005	2006	ac. 2001- 2006	Part. Rel. (%)
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	560,0	2,6	2,1	3,7	322,1	6,4	897,0	11,4
Extração de petróleo	559,0	0,0	0,0	0,0	314,4	0,0	873,5	11,1
Agricultura e pecuária	0,3	2,1	1,3	1,4	1,3	3,5	9,9	0,1
Extração de minerais não metálicos	0,6	0,4	0,3	0,3	5,4	2,7	9,7	0,1
Pesca, aquicultura e serviços relacionados	0,0	0,1	0,2	1,9	0,6	0,2	3,0	0,0
Silvicultura e exploração florestal	0,0	0,1	0,3	0,1	0,4	0,0	0,9	0,0
<b>Indústria</b>	<b>185,2</b>	<b>217,6</b>	<b>251,4</b>	<b>343,8</b>	<b>323,5</b>	<b>596,1</b>	<b>1.917,6</b>	<b>24,4</b>
Metalurgia básica	12,5	6,0	10,2	202,1	231,7	349,1	811,7	10,3
Fab. de produtos têxteis	9,6	25,0	12,9	0,0	3,3	182,9	233,7	3,0
Fab. e montagem de veículos automotores	33,3	46,9	68,9	33,7	7,2	7,4	197,3	2,5
Edição, impressão e reprodução de gravações	74,0	15,2	8,8	3,0	10,6	7,0	118,6	1,5
Fab. de artigos de borracha e plástico	20,9	23,6	36,9	7,2	12,3	1,1	102,0	1,3
Fab. de produtos de metal	9,2	36,9	46,4	3,3	0,4	1,5	97,6	1,2
Fab. de produtos alimentícios e bebidas	4,5	1,4	2,0	57,3	16,4	11,8	93,3	1,2
Fab. de máquinas e equipamentos	1,5	27,6	20,3	2,6	8,0	1,3	61,3	0,8
Fab. de produtos químicos	3,1	0,1	23,9	3,6	15,1	5,4	51,1	0,7
Fab. de produtos minerais não-metálicos	10,4	7,3	9,1	3,0	6,0	0,7	36,5	0,5
Fab. de celulose, papel e produtos de papel	0,0	0,0	0,4	20,5	0,3	11,9	33,0	0,4
Fab. de máquinas e materiais elétricos	2,4	0,5	4,0	2,4	5,0	10,5	24,8	0,3
Fab. de móveis e industriais diversas	0,4	10,1	2,9	0,1	0,7	2,4	16,5	0,2
Fab. de equipamentos de informática	0,3	15,7	0,0	0,0	0,0	0,0	16,0	0,2
Fab. de mat. eletrônico e equip. de telecom.	1,5	0,1	2,2	0,6	4,4	0,0	8,8	0,1
Fab. de outros equipamentos de transporte	1,4	1,0	2,4	0,8	1,5	0,0	7,0	0,1
Fab. de produtos de madeira	0,4	0,2	0,3	1,7	0,0	3,3	5,8	0,1
Confecção de artigos do vestuário	0,0	0,0	0,2	1,9	0,7	0,0	2,8	0,0
<b>Serviços</b>	<b>2.021,4</b>	<b>368,3</b>	<b>456,9</b>	<b>707,5</b>	<b>574,8</b>	<b>911,0</b>	<b>5.039,8</b>	<b>64,2</b>
Intermediação financeira	1.278,0	1,0	4,7	262,4	33,5	38,3	1.617,9	20,6
Eletricidade, gás e água quente	29,2	129,1	148,4	46,7	211,8	290,7	856,1	10,9
Construção	91,4	39,3	14,7	66,2	19,9	199,5	430,9	5,5

## Relações econômicas entre Brasil e Espanha

Comércio	48,7	39,0	55,2	80,4	67,9	65,9	357,1	4,5
Atividades de informática	262,9	47,1	9,9	3,9	0,9	19,0	343,7	4,4
Correios e telecomunicações	250,5	12,9	33,6	0,0	25,2	0,2	322,4	4,1
Seguros e previdência privada	12,2	11,5	20,0	32,8	113,3	102,4	292,0	3,7
Serviços prestados a empresas	12,0	18,9	77,1	73,5	44,5	32,6	258,7	3,3
Ativ. aux. ao transportes e ag. de viagem	5,7	15,5	73,0	15,2			109,3	1,4
Ativ. aux. da intermediação financeira	9,3	36,3	11,2	43,3			100,2	1,3
Atividades imobiliárias	0,0	0,7	1,6	5,7	16,5	73,9	98,3	1,3
Atividades recreativas, culturais e desportivas	0,1	1,0	0,7	71,0	12,7	6,9	92,6	1,2
Transporte	16,5	3,5	0,0	1,0	16,1	33,7	70,9	0,9
Alojamento e alimentação	2,3	3,2	0,2	5,3	10,6	26,5	48,2	0,6
Limpeza urbana e esgoto	2,2	2,0	0,6	0,1	0,1	17,3	22,2	0,3
Aluguel de veículos, máquinas e equipamentos	0,0	6,5	5,6	0,0	0,1	1,9	14,0	0,2
Saúde e serviços sociais	0,3	0,1	0,0	0,0	1,7	2,0	4,1	0,1
<b>Total - anual - US\$ milhões</b>	<b>2.766,6</b>	<b>586,9</b>	<b>710,5</b>	<b>1.054,9</b>	<b>1.220,4</b>	<b>1.513,7</b>	<b>7.853,0</b>	<b>100,0</b>

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

Também do ponto de vista da importância do investimento espanhol em relação ao total de investimentos em cada setor, é possível perceber o processo de aumento da importância de outros setores além daqueles onde a importância espanhola já se encontra consolidada. No setor agrícola e de extrativa mineral, além da importância do setor de extração de petróleo, vale destacar os fluxos no setor de pesca e aquicultura, onde os investimentos espanhóis representaram 9,6% dos fluxos acumulados no período 2001 a 2006.

No caso da Indústria, Pode-se destacar o setor têxtil e o setor de metalurgia básica, onde a os investimentos da Espanha representaram 22,9% e 21,6% do total, respectivamente. Além desses também os setores de produtos de metal e edição e impressão tiveram participação relevante. Em um patamar um pouco abaixo, mas com participação acima da média geral, podem ser destacados ainda os setores de equipamentos de informática e de produtos de borracha e plástico.

Também nos serviços, vários setores apresentaram participação relativa relevante. Merecem destaques os setores de limpeza urbana, construção civil, informática, e intermediação financeira, todos representando mais de 20% do total de investimentos recebidos em cada setor. Logo abaixo, situam-se setores onde os investimentos espanhóis respondem por parcela abaixo

de 20% mas acima de 10% do total, onde destacam-se os setores de agências de viagem, seguros e previdência privada, saúde e serviços sociais e saúde e serviços sociais.

Esses resultados indicam que está havendo uma diversificação dos investimentos espanhóis no Brasil, uma vez que além de se consolidarem as atividades onde as empresas espanholas já têm presença marcante, outros setores vêm recebendo investimentos relevantes. Embora o volume de investimento seja menor do que nos períodos anteriores, provavelmente os fluxos recentes estão menos concentrados nas grandes empresas espanholas, envolvendo também empresas de porte médio que estão buscando novos mercados para expansão.

A se confirmar a retomada do crescimento sustentado na economia brasileira, é provável que esses investimentos se tornem mais expressivos ainda e que a Espanha continue sendo um dos principais investidores estrangeiros no Brasil.

**Tabela 37. Brasil, Importância Relativa dos Fluxos de IDE recebidos da Espanha por setor de atividade, 2001 a 2006 (em %)**

Setor	2001	2002	2003	2004	2005	2006	ac. 2001-2006
Agricultura, pecuária e extrativa mineral	37,5	0,4	0,1	0,3	14,7	0,5	10,9
Extração de petróleo	41,1	0,0	0,0	0,0	35,1	0,0	21,1
Pesca e aquicultura	0,0	1,2	5,5	24,8	9,8	7,2	9,6
Extração de minerais não metálicos	1,9	1,5	1,4	0,4	11,1	12,4	4,4
Agricultura e pecuária	1,0	4,2	0,8	0,8	0,6	2,0	1,2
Silvicultura e exploração florestal	0,8	0,6	4,3	0,4	1,0	0,1	0,7
Extração de minerais metálicos	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Indústria	2,7	2,9	5,6	3,2	5,2	7,2	4,4
Fab. de produtos têxteis	17,1	25,5	37,3	0,0	2,6	28,2	22,9
Metalurgia básica	2,9	4,4	2,9	24,7	74,7	20,4	21,6
Fab. de produtos de metal	8,4	40,8	42,9	3,6	0,4	1,6	16,6
Edição, impressão e repr. de gravações	52,8	34,6	6,1	2,3	40,9	2,5	15,5
Fab. de equipamentos de informática	1,1	16,4	0,0	0,0	0,0	0,0	7,5
Fab. de artigos de borracha e plástico	11,9	12,9	18,0	5,4	2,6	0,5	7,3
Fab. de móveis e industriais diversas	1,0	14,9	5,0	0,2	0,9	31,0	5,6
Fab. de produtos minerais não-metálicos	8,0	5,9	18,0	1,4	36,0	0,4	5,3
Fab. e montagem de veículos automotores	2,1	2,7	7,1	4,0	0,8	2,6	3,1

## Relações econômicas entre Brasil e Espanha

Fab. de máquinas e equipamentos	0,4	7,1	7,9	0,8	3,2	0,3	3,1
Confecção de artigos do vestuário	0,0	0,0	0,9	14,3	5,5	0,0	2,4
Fab. de máquinas e materiais elétricos	0,7	0,1	2,1	1,0	3,0	5,1	1,7
Fab. de produtos de madeira	0,5	1,0	0,6	2,7	0,0	4,8	1,5
Fab. de celulose e papel	0,0	0,0	0,1	11,6	0,2	0,7	1,2
Fab. de produtos alimentícios e bebidas	0,8	0,1	0,5	1,1	0,8	1,6	0,8
Fab. de outros equipamentos de transporte	2,7	1,8	8,8	0,2	0,7	0,0	0,8
Fab. de produtos químicos	0,2	0,0	2,6	0,3	2,0	0,5	0,7
Fab. de material eletrônico e equip. de telecom	0,1	0,0	0,7	0,2	1,1	0,0	0,3
Serviços	<b>16,1</b>	<b>3,5</b>	<b>6,6</b>	<b>8,4</b>	<b>4,5</b>	<b>7,5</b>	<b>7,9</b>
Limpeza urbana e esgoto	8,3	20,5	29,9	1,7	70,3	99,1	37,7
Construção	34,6	26,5	8,3	20,4	9,8	62,2	30,0
Atividades de informática e conexas	36,5	20,9	6,2	4,9	0,6	9,9	22,6
Intermediação financeira	64,7	0,1	1,2	31,0	3,8	1,4	20,4
Atividades aux. de transportes e ag. de viagem	7,6	15,0	64,7	34,5	0,0	0,0	16,8
Seguros e previdência privada	1,9	5,3	15,7	25,6	13,2	40,6	13,2
Saúde e serviços sociais	4,4	1,5	0,0	0,0	55,6	56,9	11,7
Transporte	23,5	8,0	0,0	0,5	31,4	20,7	11,1
Atividades recreativas, culturais e desportivas	0,1	1,9	2,1	46,5	3,4	20,0	10,6
Eletricidade, gás e água quente	2,0	8,4	22,9	4,0	13,5	12,5	9,8
Atividades aux. da intermediação financeira	6,3	36,8	5,1	46,3	0,0	0,0	7,7
Aluguel de veículos	0,3	18,6	16,2	0,1	0,1	2,8	6,6
Alojamento e alimentação	0,8	2,6	0,1	7,3	8,3	7,6	4,3
Atividades imobiliárias	0,0	0,4	0,8	3,9	5,6	5,3	4,1
Comércio	3,0	2,6	6,4	6,4	2,4	4,4	3,7
Serviços prestados principalmente a empresas	1,7	2,4	9,3	8,3	1,5	3,1	3,6
Serviços pessoais	0,0	63,1	0,0	0,0	0,0	0,5	3,5
Correios e telecomunicações	6,1	0,3	1,2	0,0	1,3	0,0	1,9
Educação	0,0	0,1	34,4	0,0	0,0	0,0	0,3
<b>Total</b>	<b>13,1</b>	<b>3,1</b>	<b>5,5</b>	<b>5,2</b>	<b>5,7</b>	<b>7,0</b>	<b>6,8</b>

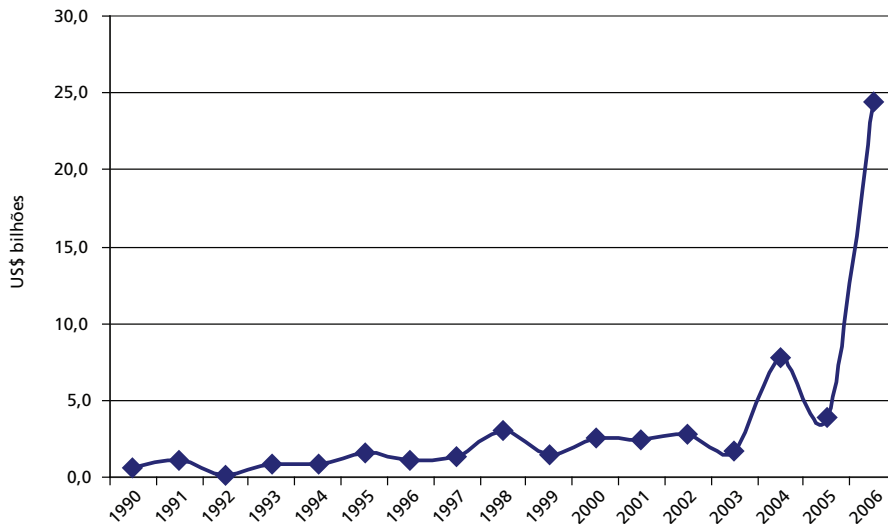
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

### 3.2.4. Investimentos brasileiros na Espanha.

Até o início da década de 1980, o estoque de investimentos de empresas brasileiras no exterior era irrelevante, situando-se abaixo de US\$ 900 milhões. Na década de 1990, a maior parte do crescimento dos investimentos decorreu de investimentos diretos de empresas objetivando a abertura de escritórios comerciais, visando apoiar as atividades de exportações a partir do Brasil. Ao longo da década, o volume médio de investimento brasileiro no exterior foi de US\$ 1,2 bilhões.

A partir dos primeiros anos do século XXI, entretanto, as empresas brasileiras começaram a realizar investimentos de maneira mais sistemática, visando a expansão nos mercados internacionais. O impulso à internacionalização das empresas brasileiras ganhou força a partir de 2004, quando o câmbio valorizado ao mesmo tempo aumentou a pressão concorrencial no mercado interno e tornou os ativos no exterior mais baratos para as empresas nacionais. Entre 2000 e 2003, o volume médio de IDE brasileiro no exterior foi de US\$ 2,4 bilhões, enquanto entre 2004 e 2006 atingiu cerca de US\$ 12 bilhões.

**Gráfico 54. Brasil, Fluxos de Investimentos no Exterior, 1990 a 2006 (em US\$ bilhões)**

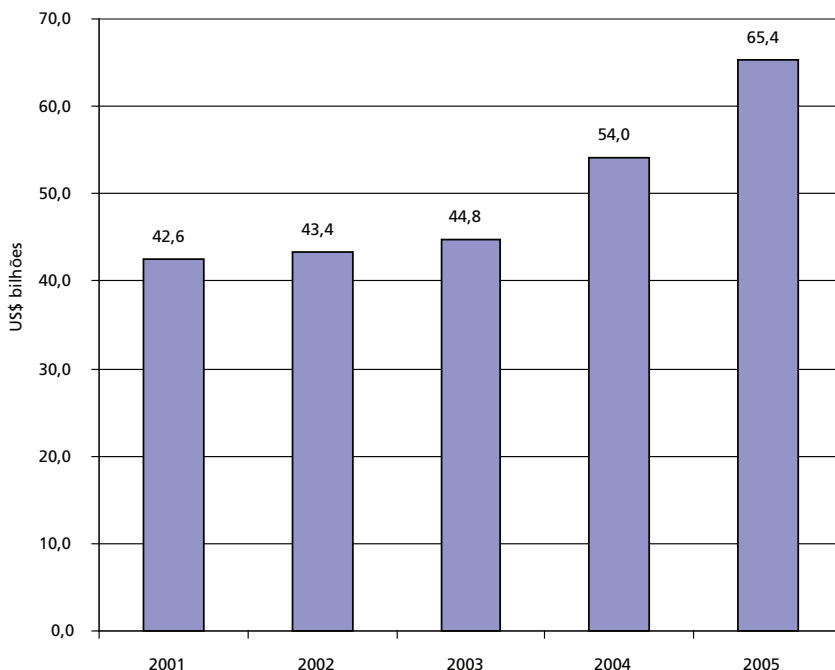


Fonte: Banco Central do Brasil

Infelizmente as informações sobre os fluxos de IDE realizados no exterior não permitem abertura por país de destino. Já os dados sobre o estoque começaram a ser levantados pelo Banco Central brasileiro a partir de 2001, e a última informação disponível é para o ano de 2005, não cobrindo portanto o ano de 2006, quando o fluxo de investimento atingiu o volume recorde de US\$ 24,4 bilhões.

O gráfico 55 mostra que o crescimento observado no estoque de investimentos diretos brasileiros no exterior acompanhou o crescimento dos fluxos, crescendo de maneira consistente em 2004 e 2005, quando atingiu US\$ 65,4 bilhões. É possível supor, portanto, que em 2006, o estoque de investimento direto brasileiro no exterior tenha tido um crescimento ainda mais expressivo.

**Gráfico 55. Brasil, Estoque de Investimentos Diretos no Exterior, 2001 a 2005 (em US\$ bilhões)**



Fonte: Banco Central do Brasil

Quanto aos principais países de destino, é importante ressaltar que as informações disponibilizadas pelo Banco Central do Brasil permitem verificar apenas o país de destino direto, o que dificulta a análise uma vez que grande parte dos investimentos são realizados através da triangulação em paraísos fiscais, que não são necessariamente os destinatários finais do investimento.

**Tabela 38. Brasil, Estoque de IED no exterior por país de destino, 2001 a 2005 (em US\$ milhões)**

	2001	2002	2003	2004	2005
Paraísos fiscais	31.145,5	31.751,4	32.202,5	33.234,0	35.867,6
Mercosul	4.786,7	3.079,1	4.418,4	3.464,7	3.898,8
Paraguai	40,2	29,4	59,0	85,6	83,0
Argentina	1.625,4	1.503,1	1.549,4	1.722,0	2.068,0
Uruguai	3.121,1	1.546,6	2.810,0	1.657,1	1.747,8
Nafta	1.857,9	2.150,6	2.172,7	2.712,8	4.344,6
EUA	1.400,8	1.829,9	2.100,2	2.552,1	4.162,7
México	51,6	98,5	50,3	137,5	140,9
Canadá	405,4	222,2	22,2	23,2	41,0
Europa	3.007,7	4.839,0	4.631,5	13.051,8	19.258,9
Dinamarca	16,3	8,5	10,0	6.460,2	9.465,8
Espanha	1.657,2	2.952,9	1.774,8	2.934,2	3.323,6
Holanda	208,0	246,8	599,4	1.095,0	2.936,2
Portugal	696,9	1.186,2	1.065,8	945,2	864,0
Reino Unido	225,5	91,5	419,9	450,0	815,4
Hungria	0,0	12,5	111,9	405,4	839,5
Áustria	21,2	106,3	324,2	397,0	659,5
Outros da AL	488,6	451,9	454,4	743,5	1.107,1
Chile	157,9	167,9	203,2	186,0	234,4
Peru	40,1	47,4	51,8	266,6	298,9
Venezuela	26,7	19,2	12,9	51,0	134,7
Bolívia	35,6	53,4	52,0	47,2	52,9
Demais Países	1.297,9	1.124,8	889,2	820,2	940,5
Japão	46,3	52,1	75,8	103,2	99,9
China	15,1	13,3	15,3	27,7	75,9
<b>Total</b>	<b>42.584,4</b>	<b>43.396,9</b>	<b>44.768,7</b>	<b>54.027,0</b>	<b>65.417,5</b>

Fonte: Banco Central do Brasil

Feita essa ressalva, observa-se que, de acordo com a tabela 38, os paraísos fiscais são os maiores receptores do investimento direto brasileiro no exterior, embora sua participação tenha caído ao longo dos anos analisados. Ainda assim, em 2005, quase 55% do total do estoque de IED ainda estava localizado nesses países.

**Tabela 39. Brasil, Estoque de IED no exterior por país de destino, 2001 a 2005. Participação relativa no total, excluindo paraísos fiscais (em %)**

	2001	2002	2003	2004	2005
Mercosul	41,8	26,4	35,2	16,7	13,2
Paraguai	0,4	0,3	0,5	0,4	0,3
Argentina	14,2	12,9	12,3	8,3	7,0
Uruguai	27,3	13,3	22,4	8,0	5,9
Nafta	16,2	18,5	17,3	13,0	14,7
EUA	12,2	15,7	16,7	12,3	14,1
México	0,5	0,8	0,4	0,7	0,5
Canadá	3,5	1,9	0,2	0,1	0,1
Europa	26,3	41,6	36,9	62,8	65,2
Dinamarca	0,0	0,0	0,0	12,0	14,5
Espanha	14,5	25,4	14,1	14,1	11,2
Holanda	1,8	2,1	4,8	5,3	9,9
Portugal	6,1	10,2	8,5	4,5	2,9
Reino Unido	2,0	0,8	3,3	2,2	2,8
Hungria	0,0	0,1	0,9	1,9	2,8
Áustria	0,2	0,9	2,6	1,9	2,2
Outros da AL	4,3	3,9	3,6	3,6	3,7
Chile	1,4	1,4	1,6	0,9	0,8
Peru	0,4	0,4	0,4	1,3	1,0
Venezuela	0,2	0,2	0,1	0,2	0,5
Bolívia	0,3	0,5	0,4	0,2	0,2
Demais Países	11,3	9,7	7,1	3,9	3,2
Japão	0,4	0,4	0,6	0,5	0,3
China	0,1	0,1	0,1	0,1	0,3

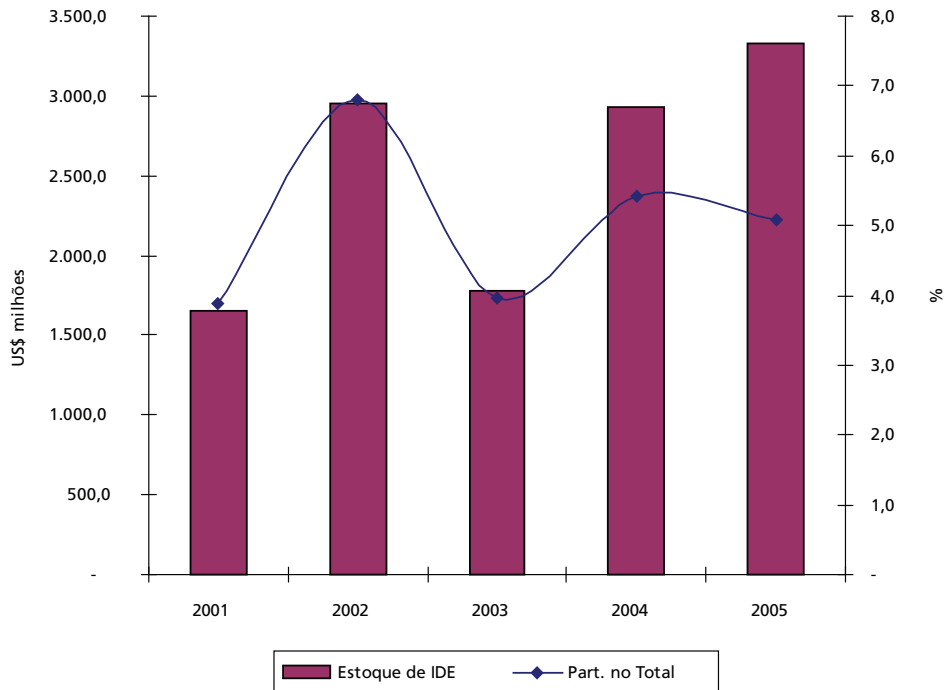
Fonte: Banco Central do Brasil



Considerando os demais destinos exclusive os paraísos fiscais, é possível perceber que em 2001, a maior parte dos investimentos brasileiros estava localizado no Mercosul, principalmente no Uruguai, provavelmente em razão também de benefícios tributários, embora o Uruguai não possa ser considerado um paraíso fiscal. De qualquer maneira, nos períodos posteriores, a Europa passa a ganhar importância relativa, atingindo 65% do total (exclusive paraísos fiscais), em detrimento principalmente dos investimentos nos países do Mercosul, mas também dos investimentos realizados nos países que formam o Nafta.

No caso específico da Espanha, os dados mostram que depois de um período de oscilação entre 2001 e 2003, o estoque de investimento brasileiro aumentou em 2004 e 2005, atingindo US\$ 3,3 bilhões, o que significou 5% do total do estoque brasileiro no exterior (11,2% desconsiderando os paraísos fiscais).

**Gráfico 56. Brasil, Estoque de IED na Espanha, 2001 a 2005 (em valor e % do total)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do Banco Central do Brasil

Vale observar que as informações disponíveis sobre o estoque de IDE brasileiro no exterior não cobrem duas operação relevantes de investimentos de empresas brasileiras na Espanha ocorridas em 2006. Na primeira delas, o grupo siderúrgico Gerdau adquiriu 40% das ações da Corporación Sidenor, maior siderúrgica espanhola, que por sua vez controlava a empresa brasileira Aços Villares. O valor investido foi de € 185,3 milhões. O grupo Santander passou a controlar outros 40%, enquanto um grupo de executivos da empresa ficou com os 20% restantes.

Na outra operação, o grupo Camargo Correa adquiriu 58,9% das ações da Tavex, empresa do setor têxtil, que por sua vez passou a ser controlador da Santista Têxtil. Essa operação resultou na criação de uma das maiores empresas mundiais de tecido denim, com atuação destacada tanto na América Latina quanto na Europa.

É interessante notar que esses dois investimentos envolveram ao mesmo tempo a transferência de ativos de empresas espanholas para controladores brasileiros, mas que por sua vez, a partir da Espanha, passaram a controlar empresas brasileiras. Também nos dois casos, o investimento resultou em empresas com capital misto, cuja exploração de sinergias podem resultar em maior potencial de expansão tanto no mercado da América Latina quanto no mercado Europeu.

Esses investimentos, mais do que aumentar a participação da Espanha enquanto país de destino dos investimentos brasileiros, pode servir de exemplo de como o aumento das relações de investimento bilateral podem ser exploradas para melhorar a inserção competitiva das empresas dos dois países.

# **Oportunidades nas relações econômicas entre Brasil e Espanha**

## 4.1 A partir da perspectiva espanhola

### Comerciais

As relações comerciais entre Espanha e Brasil começaram uma nova fase em meados dos anos 1990, após uma longa etapa de letargia, e desde então não deixaram de crescer. O novo dinamismo nas relações comerciais iniciou-se quase ao mesmo tempo em que as empresas espanholas começaram a dirigir para o Brasil uma parte significativa de seus investimentos diretos, na fase expansiva da segunda metade da década de 1990.

As exportações da Espanha para o Brasil tenderam a crescer, salvo no início do segundo milênio, acima da taxa geral de exportações espanholas e, inclusive, do crescimento das taxas de exportação para os países da União Européia-15, o que indica que existem oportunidades de expansão no mercado brasileiro, que estão sendo efetivadas pelos exportadores espanhóis. As oportunidades concentraram-se, até agora, nos setores de semimanufaturados, bens de produção e setor automobilístico, e mostram um volume pouco significativo em alimentos, manufaturas de consumo e bens de consumo duráveis.

Se a economia brasileira voltar a registrar maiores taxas de crescimento, é muito provável que as exportações espanholas voltem a recuperar o nível alcançado em 2001, e será o momento em que as exportações de bens de produção retomem a intensidade que alcançaram naquele momento, podendo ser acompanhadas pela expansão dos semimanufaturados (input intensivos em tecnologia e bens intermediários) e do setor automobilístico, ainda que nesse último caso é fácil imaginar que as exportações tenderão a ser substituídas pela produção nacional, desenvolvida a partir da forte ampliação do IED no Brasil, realizado pelas empresas espanholas de peças e componentes para automóveis tanto no período 1997-2000 como no período 2001-2006.

O setor de bens de produção apresenta oportunidades em material de transporte (peças e componentes para aeronaves), maquinaria específica, outros bens de produção e, em menor medida, equipamentos de telecomunicações e equipamentos de informática; no setor de semimanufaturados, há oportunidades, sobretudo, nas exportações de produtos químicos, que se reduzem em outras semimanufaturas e em ferro e aço; no setor automobilístico, as únicas oportunidades existentes estão em peças e componentes para automóveis e, por tanto, o mais provável, como acabamos de mencionar, é que se produza uma substituição de exportações por investimentos diretos, ainda que talvez se possa manter também um fluxo de comércio intra-empresa em ambas direções, o que seria muito benéfico para as economias dos dois países.

Um bom aliado da intensificação das relações comerciais é o IED em atividades manufatureiras. Há poucas dúvidas de que seja um estímulo direto, por mais que às vezes as exportações sejam

substituídas por novos investimentos diretos. Esse ao menos foi caso de duas empresas espanholas com presença comercial no Brasil: Gamesa e Casa. Dois casos que ilustram como a intensificação das relações comerciais pode transformar-se em investimento estrangeiro direto. A Gamesa era o principal exportador da Espanha ao Brasil; exportava peças e componentes para aviação e havia estabelecido uma associação estratégica com a Embraer, a empresa brasileira líder em aviação comercial regional. Em 2006 decidiu substituir as exportações pela fabricação de componentes em uma nova fábrica no Brasil (Audera López, 2006). Essa situação é similar à verificada com a empresa espanhola Casa. A empresa ganhou a licitação e um contrato para a fabricação de 50 aviões de transporte leve C-212 para a força aérea. Os aviões foram montados integralmente no Brasil, com a maior parte dos componentes comprados no mercado local e com a transferência, a partir da Espanha, das horas/homem do Programa (Audera López, 2006).

Os investimentos diretos em atividades de serviços promovem a chegada de outras empresas investidoras, principalmente também em atividades de serviços, mas têm um efeito de estímulo direto sobre o comércio de mercadorias, menor que o IED em manufaturas. Se predominarem os investimentos diretos em manufatureiras, criam-se as condições para que se possa intensificar o moderno comércio intra-empresa o global sourcing (Grossman e Rossi-Hansberg, 2006). Como a maior parte do IED espanhol no Brasil foi dirigido para atividades de serviços, talvez não tenha desencadeado efeitos diretos sobre as relações comerciais. No entanto, o aumento do IED espanhol em manufaturas no Brasil, no período 2001-2006, provavelmente contribuirá para criar condições para o incremento do comércio dos setores antes assinalados.

Um setor que normalmente não recebe a atenção que merece por sua crescente importância é o comércio de serviços, e dentre eles o turismo. O fluxo de turistas espanhóis no Brasil se eleva ano a ano, e igualmente do Brasil para a Espanha. Essas correntes se intensificaram a partir do grande aumento da presença de empresas turísticas espanholas no Brasil, bem como dos operadores turísticos espanhóis. No Brasil, desenvolvem sua atividade as principais empresas espanholas: SOL MELIA (que administra por volta de 40 hotéis), BARCELÓ (dez hotéis), NH, SERHS (um resort de luxo em Natal de 400 quartos) e o GRUPO IBEROSTAR (com a maior rede de hotéis do Brasil, na Praia do Forte, na Bahia; e um hotel flutuante no Amazonas).

O Desenvolvimento do turismo no Brasil estimulou a instalação dos principais operadores, os quais por sua vez fizeram aumentar o interesse das companhias áreas em elevar o número de vôos para o país. À medida que os espanhóis e os residentes em outros países europeus se familiarizam com as zonas turísticas brasileiras, principalmente, em todos os estados do Nordeste, podemos pensar que se iniciará um novo tipo de turismo, de caráter residencial, que estimulará o crescimento do setor da construção civil assim como de importantes infra-estruturas. Por sua vez, o turismo de brasileiros na Espanha supera os 230.000 visitantes ao ano, apesar da alta cotação do euro que – apesar de ter sido favorecido pela forte valorização do Real – tornou mais

atraentes outros países com moedas mais depreciadas, como os Estados Unidos e a Argentina. Na Espanha, o turismo brasileiro é um turismo de caráter principalmente cultural, muito distante do perfil de nosso turista tradicional que procura, sobretudo, “sol e praia”.

As importações espanholas do Brasil cresceram de forma significativa tanto no período 1995-2000 como em 2001-2006, se bem que a taxa de crescimento moderou-se em 2005 e 2006 quando comparada à registrada nos anos anteriores devido, talvez, ao aumento da taxa de câmbio do Real. Contudo, no final de 2006 atingiram 2,13 bilhões de euros.

A estrutura setorial das importações espanholas registrou mudanças significativas nos últimos anos em relação à estrutura tradicional vigente até final dos anos 1990. A composição das importações em 2006 reflete, em grande medida, a tendência que se aponta desde o início do segundo milênio. Os alimentos continuam sendo o item mais importante, mas perderam peso relativo a favor dos semimanufaturados, que ficaram em segundo lugar, e dos produtos industriais – ou seja, bens de produção, setor automobilístico, bens de consumo duráveis e manufaturas de consumo – que, em conjunto, estão em terceiro lugar, superando as compras de matérias-primas.

À primeira vista, a assimetria que caracterizaria o intercâmbio comercial entre Brasil e Espanha – segundo a qual as exportações espanholas estão constituídas por manufaturas enquanto nas brasileiras ainda há um peso significativo de alimentos e matérias-primas – não reflete o perfil da nova realidade. As exportações do Brasil seguiram uma importante trajetória ascendente, e os componentes de maior dinamismo foram: a) em primeiro lugar, as semimanufaturas, que se triplicaram entre 2001 e 2006; b) em segundo lugar, os produtos industriais em conjunto – bens de produção, setor automobilístico, bens de consumo duráveis e manufaturas de consumo – que também registraram taxas de crescimento, no período 2001-2006, superiores às verificadas nos setores de alimentos e matérias-primas.

No setor de alimentos, as oportunidades de expansão estão surgindo em sementes e frutos oleaginosos (soja em grão e óleo de soja em bruto), carne (bovina e frango), cereais, pesca (principalmente camarões) e frutas e leguminosas; em semimanufaturas, ferro e aço, plásticos e produtos químicos orgânicos, papel, materiais de construção civil e metais não ferrosos; em matérias-primas, minério e minerais e matérias-primas vegetais; em bens de produção, maquinaria para obras públicas e maquinaria para uso industrial; em manufaturas de consumo, calçado, têxteis e confecção, e couro e manufaturas do couro; em bens de consumo duráveis e móveis. Um setor que apresenta excelentes perspectivas de expansão para os próximos anos é o energético, com o biodiesel e o etanol.

## Investimentos

O campo em que se intensificaram realmente as relações econômicas entre Espanha e Brasil foi o dos investimentos diretos. O Brasil foi o principal destino do IED das empresas espanholas no ciclo dos anos 1990 e o país foi também um dos destinatários mais importantes no período 2001-2006, junto com o México, Chile e, em menor medida, a Argentina. Em ambos períodos, foi verificado um intenso predomínio dos investimentos em atividades de serviços – telecomunicações, serviços financeiros, energia elétrica e gás, construção civil, e atividades turísticas –, se bem que no ciclo 2001-2006 adquiriram uma importância significativa os investimentos em atividades manufatureiras tais como peças e componentes para automóveis, peças e componentes para aviões e helicópteros, eletrodomésticos, indústria química e indústria editorial.

Não há dúvida de que existirá um fluxo contínuo de investimentos diretos de empresas espanholas em telecomunicações (já que para Telefónica o Brasil representa uma grande aposta estratégica, em si e para a articulação de suas atividades na América Latina, como se evidencia em seu interesse pela Vivo e em sua entrada em Telecom Itália), intermediação financeira (destacada também pelo Banco Santander na expansão local de suas atividades, assim como em seu interesse por ampliar a presença no Brasil por meio da oferta de compra do banco holandês ABN AMRO), eletricidade e gás (com investimentos de Iberdrola, Repsol-YPF e Gas Natural), e atividades turísticas, como mencionamos no anteriormente.

Além disso, o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado no início deste ano pelo Presidente Lula, abriu um campo muito extenso para ampliar a presença das empresas elétricas e de gás, e também a de empresas construtoras espanholas que, mesmo já sendo destacadas investidoras diretas e, ao mesmo tempo, concessionárias de serviços de infra-estruturas, poderão ampliar suas atividades no campo de infra-estruturas de rodovias e aeroportos, atividades que desenvolveram com bastante êxito nos últimos quinze anos no Chile. Neste sentido, podemos imaginar que a partir deste ano se verificará uma retomada do IED das empresas espanholas no Brasil em todos esses setores, que virá acompanhada do aumento do IED em atividades manufatureiras.

No início do segundo milênio verificou-se uma clara expansão de IED de empresas brasileiras no exterior com o objetivo de diversificar o risco de suas operações no mercado local. O principal destino dos investimentos diretos brasileiros são os países da América Latina, após o conjunto representado por esses países figuram os Estados Unidos (com 17 unidades), os países da União Européia (com 8), China (com 6) e África do Sul (com 1) (Fleury e Leme Fleury, 2006). O estoque de IED das empresas brasileiras no fim de 2005 era de 69 bilhões de dólares (CEPAL, 2005), dos quais apenas um bilhão estava alocado na economia espanhola. No entanto, em 2006 se produziram duas destacadas operações de IED de empresas brasileiras na Espanha: a) a aquisição da empresa espanhola TAVEX pela SANTISTA TÊXTIL, líder brasileira do setor, de forma que

a nova empresa resultante terá unidades no Brasil (5), Argentina (1), Chile (1), Espanha (3), México (1) e Marrocos (1); b) a compra pela brasileira Gerdau – atual proprietária da espanhola Corporación Sidenor e a segunda empresa europeia de produção de aços especiais – de 100 % da GSB Acero, vendida pela Cie Automotive, empresa espanhola de peças e componentes com importantes investimentos diretos no Brasil.

A intensificação dos contatos entre empresários de ambos países poderia promover, nos próximos anos, operações conjuntas no Brasil e na Espanha, assim como a triangulação de operações em outros países da América Latina. Além disso, a presença de empresas brasileiras na economia espanhola pode fazer da Espanha um bom mercado aliado para operações nos países da União Europeia-15 e nos países da ampliação da União Europeia.

## 4.2 A partir da perspectiva brasileira

### Comerciais

As exportações brasileiras para a Espanha tem crescido a taxas elevadas nos últimos anos, porém abaixo das taxas de crescimento das exportações brasileiras para outras regiões. Comparando com a UE, o crescimento das vendas para a Espanha tem sido um pouco superior. Ainda assim, existem oportunidades importantes para a expansão das exportações brasileiras.

No caso dos produtos agrícolas e de extração mineral, a competitividade das exportações brasileiras abre perspectiva para que as exportações desses produtos para a Espanha continue aumentando. Vale observar, entretanto, que o aumento das exportações, principalmente dos produtos agrícolas está condicionada aos avanços nas negociações na OMC ou no acordo Mercosul-UE.

Entretanto, existem outros setores que poderiam aumentar suas exportações. Deve-se destacar o setor de alimentos, que apesar de ter atingido montantes expressivos nos anos recentes, ainda tem potencial de expansão elevado. Pode-se constatar que enquanto as exportações do setor alimentício brasileiro para a Espanha representa apenas 4% das exportações desse setor para a UE. Enquanto no total das exportações para a UE as exportações do setor de alimentos e bebidas representam cerca de 20%, nas exportações para a Espanha respondem por 10% do total. Esses indicadores mostram que existe espaço para o crescimento das exportações brasileiras nesse setor.

Vale destacar também, no setor de combustíveis, o potencial brasileiro de exportações de biodiesel e etanol. No caso do biodiesel, a meta da UE de atingir 6,6% de mistura em 2012 pode abrir perspectivas para o aumento da exportações de óleo vegetal a partir do Brasil. No caso do etanol, as perspectivas de exportação brasileira também dependem das negociações comerciais.



Além dos setores mais tradicionais, pode-se verificar ainda a existência de oportunidades de crescimento das exportações em setores mais intensivos em tecnologia. Aliás, cabe destacar que dentro do complexo de material de transporte, existem complementaridades importantes entre as duas regiões, que poderia se traduzir em aumento não apenas de exportações, mas também de importações, fazendo crescer o comércio intra-setorial.

É o caso, por exemplo, do setor automotivo, em especial nas autopeças. Os dois países contam com uma estrutura diversificada de produção de autopeças, e claramente poderiam expandir o comércio bilateral. O setor automotivo representa apenas 1,2% das exportações brasileiras para a Espanha, enquanto no comércio com a UE representa 6,1%. Por outro lado, nas importações da Espanha, o setor automotivo representa apenas 3,7%.

Também no complexo aeronáutico existem oportunidades de crescimento do comércio bilateral. A brasileira Embraer é líder mundial na fabricação de jatos regionais, enquanto a Espanha participa do consórcio Airbus. Trata-se de um setor bastante avançado tecnologicamente, bastante internacionalizado e onde a integração de peças, componentes, serviços de engenharia e outros serviços especializados é importante.

Na área de serviços, vale destacar três segmentos: o primeiro é o setor de engenharia e construção civil, onde o Brasil possui grandes empresas com grande experiência nos mercados internacionais. O segundo é o setor de serviços de informática. Também nesse caso, o Brasil possui um setor bastante dinâmico e que está buscando se internacionalizar e ganhar espaço na concorrência por serviços terceirizados. Finalmente o setor de turismo, que pode ser alavancado pelos próprios investimentos espanhóis no setor no período recente.

A expansão das redes hoteleiras espanholas no Brasil, assim como o aumento das rotas aéreas entre os dois países abrem perspectivas não só para o aumento do fluxo de turistas espanhóis no Brasil, como também de turistas brasileiros na Espanha. Trata-se nesse caso de uma oportunidade de explorar o comércio de serviços bilaterais, assim como se verifica na indústria automotiva e aeronáutica.

Do ponto de vista das oportunidades do aumento das exportações da Espanha para o Brasil, é importante ressaltar que se de fato o Brasil crescer a taxas sustentadas no futuro próximo, o crescimento das importações deve ocorrer a uma taxa maior do que o crescimento das exportações. O aumento na demanda brasileira por importações deve ocorrer em especial nos segmentos de bens intermediários e insumos mais sofisticados tecnologicamente e bens de capital. Abre-se espaço, portanto, para que a Espanha aumente suas exportações de máquinas e equipamentos para o Brasil. Além disso, vale destacar também o setor químico, onde a Espanha já exporta volume significativo para o Brasil.

Os setores de equipamentos de informática e equipamentos de telecomunicações, por sua vez são dois setores com coeficientes de importação bastante elevados no Brasil. A perspectiva de elevação na demanda interna desses produtos também representa oportunidades para a importação de bens finais e componentes.

### **Investimentos**

Em relação ao campo comercial, a área de investimentos apresenta sem dúvidas maiores oportunidades para o investimento Espanhol. Além da vasta presença já existente e do conhecimento acumulado sobre o mercado brasileiro desde o final da década de 90, existem vários motivos para supor que os fluxos de investimento da Espanha no Brasil devem se manter elevados.

Em primeiro lugar, a própria perspectiva de crescimento da economia brasileira, que deve se manter robusta nos próximos anos. Em segundo lugar as oportunidades abertas pelo PAC (Programa de Aceleração do Crescimento) lançado no início de 2007 pelo governo brasileiro tem como áreas prioritárias, setores e atividades onde a Espanha tem reconhecida capacidade.

Grande parte das medidas do PAC destinam-se a melhorar as condições para os investidores na área infra-estrutura, através tanto de incentivos fiscais, melhoria nas condições de financiamento e através de mudanças regulatórias. Entre as obras prioritárias destacam-se o setor de energia elétrica, petróleo e gás, estrutura rodoviária e aeroportuária.

No caso das condições de financiamento, além da criação do fundo de Investimentos em Infra-Estrutura para financiamentos de projetos na área, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) reduziu significativamente os spreads para a concessão de financiamento nas áreas de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica, energias renováveis, produção e distribuição de Gás, logística de transporte ferroviário e rodoviário. No caso das mudanças regulatórias, as agências reguladoras devem sofrer reformas para criar um ambiente mais favorável para o investimento privado. Vale destacar ainda a Lei do Gás, que pretende estabelecer as diretrizes para acesso aos gasodutos e fixação de tarifas, além de introduzir o regime de concessão para construção e operação de novos gasodutos.

A expectativa do governo brasileiro é que essas medidas consigam estimular os investimentos nessas áreas, reduzindo assim os gargalos de infra-estrutura que podem ser um entrave ao processo de crescimento econômico. Como são investimentos em áreas onde grandes empresas espanholas têm investimentos importantes na América Latina, existe a oportunidade para a realização de novos investimentos.

Vale lembrar ainda que entre as medidas do PAC também está a abertura do mercado de resseguros, setor onde as empresas Espanholas também podem vislumbrar oportunidades de investimento.

Além da área de infra-estrutura, os setores associados à cadeia de turismo podem ser uma área de expansão importante. A Espanha é um dos países mais competitivos do mundo em termos do turismo. Algumas empresas já iniciaram investimentos, principalmente no Nordeste Brasileiro, como é o caso da rede Iberostar. Esses investimentos podem atrair novos investimentos em áreas como operadoras de viagens e empresas de transporte aéreo.

Finalmente, vale lembrar também que a diversificação dos investimentos espanhóis no Brasil abre espaço também para os investimentos das empresas de médio e pequeno porte, que podem ser estimuladas a investir no Brasil tanto para realizar o chamado follow-sourcing, ou pela possibilidade de contar no Brasil com os mesmo parceiros (Bancos, fornecedores, prestadores de serviços) que têm na Espanha.

Do ponto de vista do investimento Brasileiro na Espanha, o recente processo de aumento da internacionalização das empresas brasileiras pode abrir caminho para novos investimentos, assim como fizeram Gerdau e Camargo Correa. Em especial o investimento do Grupo Camargo Correa, ao fundir as operações da Santista Têxtil com a Tevex, criou uma empresa global, líder mundial no mercado de denim, com operações fabris no Brasil, Chile, Argentina, Marrocos, México e Espanha, e com acesso privilegiado aos mercados da América Latina, América do Norte e Europa. Além da complementação geográfica, os produtos também são complementares, uma vez que as operações brasileiras são mais especializadas em produtos com menor custo e maior escala, enquanto as operações espanholas tem maior especialização em produtos premium.

### **Triangulação**

O Brasil é o maior mercado da América Latina, com acesso privilegiado aos países do Mercosul. Embora a proximidade cultura com os países de língua espanhola seja maior, a estrutura econômica diversificada do Brasil permite que o país seja atraente como plataforma de acesso aos demais países do continente.

Em setores onde a economia de escala é importante, o mercado brasileiro pode sem dúvida servir de base para operações eficientes e para atingir os demais países do Mercosul, além dos demais países da América Latina.

Entre as áreas mais importantes, destaca-se também o setor de energia, tanto pelas perspectivas de integração energética dentro da América Latina, quanto pela presença de grandes empresas espanholas em vários países da região.

No caso da Espanha, o aumento das relações de comércio e investimento pode também servir como base para a expansão dos negócios brasileiros na União Européia. Novamente os exem-

plos dos investimentos da Gerdau e da Camargo Correa ilustram como esse pode ser um fator de atração importante para os investimentos brasileiro, uma vez que permite ter acesso a um dos maiores mercados do mundo em condições privilegiadas.

# Conclusões

As economias da Espanha e do Brasil enfrentam nesse início do século XXI o desafio de se inserirem de maneira competitiva na economia global como forma de dar continuidade aos seus processos de desenvolvimento.

A Espanha vem apresentando, desde a sua integração à CEE, uma aproximação no nível de sua renda per capita com a renda dos países mais avançados da UE. Apesar dessa tendência ter continuado depois da vigência plena da União Monetária, a economia espanhola vem mostrando mais recentemente sinais de perda de competitividade, que se expressa nos crescentes déficits na balança comercial. Coloca-se portanto, o desafio para a economia espanhola de elevar a produtividade, através do aumento das capacitações tecnológicas e de capital humano, de maneira a garantir no longo prazo a continuidade do processo de convergência real com as principais economias da UE.

Já para o Brasil, o coloca-se o desafio de retomar a trajetória de crescimento sustentado, depois de um longo período marcado por uma taxa média de crescimento do PIB bastante baixa, seja comparada com seu próprio passado, seja quando comparada com os demais países em desenvolvimento. Além de garantir um crescimento mais acelerado, que pressupõem além de aumentar o nível de eficiência econômica, criar as condições para que os investimentos em infra-estrutura se expandam, é urgente para a sociedade brasileira perseguir firmemente o objetivo de reduzir o nível das desigualdades econômicas e sociais.

Nesse contexto, a ampliação e o aprofundamento das relações econômicas entre os dois países representa uma oportunidade importante e que não deve ser desperdiçada. Os benefícios desse aprofundamento serão tanto maiores quanto mais a cooperação bilateral gerar efeitos positivos de complementaridade, ampliando as possibilidades de inserção competitiva das empresas e setores de ambos os países em um mundo globalizado e de concorrência cada vez mais acirrada.

Sem dúvida, as perspectivas para o aumento dos fluxos de investimentos diretos bilaterais são bastante positivas. Como já ressaltado no capítulo 5, existe a perspectiva de que os investimentos espanhóis no Brasil voltem a crescer, uma vez que os setores prioritários destacado no PAC lançado pelo governo brasileiro no início de 2007 são setores onde as empresas espanholas possuem grandes capacitações. Além disso, a perspectiva de aumento nas taxas de crescimento da economia brasileira também podem dar impulso ao processo de diversificação dos investimentos espanhóis no Brasil, ampliando-se as inversões nos setores de serviços e manufatureiros.

Por outro lado, também da parte do Brasil, os investimentos diretos na Espanha podem se acelerar, dado que as empresas brasileiras nos últimos anos estão aumentando rapidamente seu grau de internacionalização e tem escolhido a Espanha como um dos principais destinos dos investimentos.

Além dos impactos favoráveis do ponto de vista macroeconômico, este processo tem um significado microeconômico também extremamente importante. Vale recordar que uma das características principais do processo recente de globalização tem sido a crescente internacionalização de empresas e setores, que buscam cada vez mais investir fora de seus mercados de origem como forma de ganhar escala e acumular capacidades em nível global.

Frequentemente, essa estratégia tem sido buscada através de movimentos intensos de fusões e aquisições, o que significa que empresas que não conseguem alcançar níveis de competitividade elevada e se lançar em mercados internacionais, muitas vezes se tornam alvo de aquisições por parte de outras empresas de maior porte e mais competitivas. Dessa forma, o aumento dos fluxos de investimento bilaterais pode significar também que as empresas dos dois países estão se adequando a essa lógica de atuação global, ganhando musculatura para se inserir ativamente nos mercados internacionais.

Dado o histórico já existente de investimentos elevados realizados no passado recente, em especial da Espanha no Brasil, foram estabelecidos laços econômicos importantes que podem funcionar como elementos facilitadores para novos investimentos. Do ponto de vista da Espanha, isso significa que mesmo empresas de menor porte podem escolher o Brasil como país estratégico para iniciar ou dar continuidade ao seus processos de expansão internacional. Por outro lado, para o Brasil, esses fluxos são importantes em razão da conjuntura macroeconômica atual, onde o grande desafio é elevar a taxa de formação de capital para dar sustentação ao seu processo de crescimento.

Vale destacar ainda que os fluxos de investimento, muitas vezes dão origem a novos fluxos de comércio, em especial quando os investimentos são direcionados para setores da manufatura. Ou seja, mais do que substituir fluxos de comércio, em geral, os investimentos são complementares aos fluxos de comércio, e podem dar origem a fluxos de comércio intra-firma ou de outsourcing importantes, como mostram os exemplos destacados no capítulo anterior.

Quanto aos fluxos comerciais, as possibilidades de exploração de complementaridades entre as duas economias também são elevadas. Em primeiro lugar cabe destacar que os fluxos analisados já revelam uma certa especialização inter-setorial entre os dois países, uma vez que os principais produtos exportados pelo Brasil para a Espanha envolvem produtos alimentícios, commodities minerais e metálicas, enquanto os produtos exportados pela Espanha para o Brasil envolvem produtos industriais mais elaborados como bens de capital, produtos químicos e partes e peças de equipamentos de transporte.

O crescimento das duas economias deve impulsionar o comércio dentro desse padrão, dando continuidade ao processo de aprofundamento das relações comerciais iniciado em meados da década de 90. Entretanto, existem oportunidades também para o crescimento do comércio in-

tra-setorial. Tanto Brasil quanto Espanha contam com estruturas industriais diversificadas, com setores onde a inovação, a diferenciação de produtos e as economias de escala cumprem papel relevante. Além do setor aeronáutico e do complexo automotivo, deve-se destacar também o setor de máquinas e equipamentos e a complexo químico.

Certamente a exploração das complementaridades produtivas intra-setoriais podem resultar não apenas em volumes de comércio mais elevados como também em estruturas produtivas mais competitivas, capazes de reforçar as capacitações já existentes nas duas economias e que as permitam ganhar força nas exportações para terceiros mercado.

Finalmente vale destacar duas áreas estratégicas onde os dois países podem também aprofundar as oportunidades de cooperação a partir do compartilhamento dos conhecimentos acumulados pelas duas economias nessas áreas.

A primeira delas é o setor de turismo. Além do fluxo bilateral de turistas, os investimentos das grandes empresas espanholas do setor no Brasil podem crescer bastante nos próximos anos, uma vez que esta é uma área onde o potencial de crescimento do mercado brasileiro ainda é muito grande. Seria importante também uma cooperação em nível governamental, uma vez que a Espanha têm grande experiência na gestão e desenvolvimento de políticas voltadas para o desenvolvimento do turismo. Essa cooperação poderia resultar na transferência de conhecimentos associadas a políticas de gerenciamento de roteiros, desenvolvimento de destinos turísticos, programas de aplicação de tecnologia de informação voltados para serviços turísticos entre outros.

A segunda é a área de energia. Por um lado, existem várias empresas espanholas nessa área, com atuação destacada no Brasil e em outros países da América Latina. Além dessa área ser prioritária para viabilizar um crescimento acelerado e sustentado, a questão da integração energética entre os países da região deve ser um tema de importância crescente, e que deve afetar as estratégias de crescimento dessas empresas na região. Por outro, o desenvolvimento do etanol e do biodiesel e a sua exploração em mercados internacionais tem se tornado uma das áreas prioritárias do governo brasileiro, sendo a UE um mercado potencial privilegiado. Nesse sentido, a cooperação entre os dois países pode resultar em benefícios mútuos bastante grande.

Creemos, portanto, que a continuidade e o aprofundamento das relações econômicas entre os dois países representa uma grande oportunidade, cujo aproveitamento pode significar um catalisador importante dos processos de evolução dessas duas nações em direção a um futuro de maior desenvolvimento econômico e social.



# **Referencias Bibliográficas**

# Referencias bibliográficas

- Arahuetes, A. (2006), <<La presencia española en economías de fuerte potencial de crecimiento: Brasil>>, en *La empresa española en Brasil y Rusia: oportunidades similares, ritmos diferentes*, Ediciones Círculo de Empresarios.
- \_\_\_\_\_ (2002), <<Inversiones Europeas en Iberoamérica, 1990-2000>>, en *Perspectivas Exteriores 2002. Los intereses de España en el mundo*, Política Exterior, Biblioteca Nueva.
- \_\_\_\_\_ (2001), <<Las inversiones directas de España en América Latina, Cáp. 4 en Ziga Vodusek (Ed.) *Inversión extranjera directa en América Latina. El papel de los inversores europeos*, Banco Interamericano de Desarrollo, Washington.
- \_\_\_\_\_ (1998), <<Foreign Direct Investment in Latin America: Spain, en *Foreign Direct Investment in Latin America: Perspectives of the Mayor Investors*, Inter-American Development Bank e IRELA, Washington y Madrid.
- Arahuetes, A. y A. García Domonte (2007), ¿Qué ha sucedido con las inversiones directas de las empresas españolas en América Latina tras el boom de los años noventa y la incertidumbre de los primeros años 2000? *Documentos de Trabajo del Real Instituto Elcano*, DT número 35/2007, Real Instituto Elcano.
- Arahuetes, A. y A. García Domonte (2006), <<Las salidas de IED al exterior y su impacto en la inversión interna ¿qué se puede afirmar del caso español?, *Documentos de Trabajo del Real Instituto Elcano*, DT número 32/2006, Real Instituto Elcano, diciembre.
- Audera López, V. (2006), <<Brasil, ¿mercado estratégico para la empresa española?>>, en *La empresa española en Brasil y Rusia: oportunidades similares, ritmos diferentes*, Ediciones Círculo de Empresarios.
- Bacha, E. (1992), <<Latin America's reentry into private financial markets: domestic and international policy issues>>, Texto para Discussao nº 299, Pontificia Universidad Católica de Rio de Janeiro.
- Banco Central de Brasil (1998), *Censo de Capital Estrangeiro no Brasil 1995*, Brasilia.
- \_\_\_\_\_, (2001), *Censo de Capital Estrangeiro no Brasil 2000*, Brasilia.
- Banco de España, Informe anual 2006, Banco de España.
- \_\_\_\_\_, Informe anual 2005, Banco de España.

- Bravo, S. y E. Gordo (2005), <<El análisis de la competitividad>>, en Servicio de Estudios del Banco de España, *El análisis de la economía española*, Alianza Editorial.
- Belluzzo, Luiz Gonzaga y Ricardo Carneiro (2005), <<Brasil-Espanha: asimetrías nas Relações Econômicas>>, Seminario Alianza Estratégica Brasil-España, documento mimeografiado, Sao Paulo, junio, 2005.
- Calvo, G., Leiderman L. y C. Reinhart y (1992), *Capital Inflows to Latin America: the 1970s and the 1990s*, FMI, Washington.
- CEPAL (2006), *La Inversión Extranjera en América Latina y el Caribe*, Naciones Unidas, Santiago de Chile.
- \_\_\_\_\_ (2001), *La Inversión Extranjera en América Latina y el Caribe*, Naciones Unidas, Santiago de Chile.
- \_\_\_\_\_ (2000), *La Inversión Extranjera en América Latina y el Caribe*, Naciones Unidas, Santiago de Chile.
- \_\_\_\_\_ (1999), *La Inversión Extranjera en América Latina y el Caribe*, Naciones Unidas, Santiago de Chile.
- \_\_\_\_\_ (1998), *La Inversión Extranjera Directa en América Latina y el Caribe*, Naciones Unidas, Santiago de Chile.
- Coutinho, L.(2005), <<Relações Econômicas Brasil-Espanha: potencial, interesses e perspectivas>>, Seminario Alianza Estratégica Brasil-España, documento mimeografiado, Sao Paulo, junio, 2005.
- Chislett, W. (2003), *La Inversión Española Directa en América Latina: Retos y Oportunidades*, Real Instituto Elcano, Madrid.
- Dias Leite, A. (2004), *A Economia Brasileira. De Onde Viemos e Onde Estamos*, Editora Elsevier, Rio de Janeiro, Brasil.
- Dirección General de Comercio e Inversiones (2007), *Posición de la Inversión Exterior Directa 2006*, Ministerio de Industria, Comercio y Turismo.
- \_\_\_\_\_ (2006), *Posición de la Inversión Exterior Directa 2005*, Ministerio de Industria, Comercio y Turismo.

- Donoso, V. y V. Martín (2007), <<El comercio exterior de España en el contexto del comercio mundial>>, España 2006. *Un balance*, Economistas, nº 111 extra.
- Durán Herrera, J.J. (2002): <<Estrategias de localización y ventajas competitivas de la empresa multinacional española>>, *Información Comercial Española*. Revista de Economía, número 799.
- Espínola, J. R. (2006), <<El crecimiento económico español: luces y sombras (2000-2005)>>, en *Estudios Empresariales* nº 121.
- Eurostat, European Union Direct Investments Data, [www.europa.eu.int/comm/eurostat](http://www.europa.eu.int/comm/eurostat)
- Eurostat (2006), *Europe Union foreign direct investment yearbook 2005*, Statistical Office of the European Communities.
- Fleury, Afonso y M<sup>a</sup> Tereza Leme Fleury (2006), <<China and Brazil in the Global Economy>>, *IDS (Institute of Development Studies) Bulletin*, vol. 37, Washington.
- Fuentes Quintana, E. (1993), <<Tres decenios largos de la economía española en perspectiva>>, en *España, Economía*, José Luis García Delgado (dir.), Espasa Calpe.
- García, C. y E. Gordo (2006), <<La cuota de los productos españoles en los mercados internacionales>>, *Boletín Económico*, Banco de España.
- Gordo, E. y J. Peñalosa (2007), <<El desequilibrio exterior y la competitividad de la economía española en la Unión Económica y Monetaria>>, *Papeles de Economía Española*, nº 111.
- Goldman Sach (2003), <<Dreaming with BRICs: The Path to 2050>>, *Global Economics Paper* nº 99.
- Grossman, Gene M. y E. Rossi-Hansberg (2006), <<The rise of offshoring: It's not wine for cloth anymore>>, working paper preparado para el simposium organizado por el Federal Bank of Kansas City en Jackson Hole, Wyoming.
- Guillen, Mauro F. (2005), *The Rise of Spanish Multinational. European Business in the Global Economy*, Cambridge University Press, Nueva York.
- IEDI (2003), <<O Investimento Estrangeiro na Economia Brasileira>>, texto preparado por Celio Hiratuka de la Unicamp y el Director Ejecutivo del IEDI Julio Sergio Gomes de Almeida , Sao Paulo.

- \_\_\_\_ (2006), <<O Descuido com o Investimento Productivo Cobra o Seu Preço>>, *Carta do IEDI* nº 218.
- López-Salido, J.D., F. Restoy y J. Vallés (2005), <<Inflation differentials in EMU: the Spanish case>>, *Documentos de Trabajo*, nº 0514, Banco de España.
- Malo de Molina, J. L. (2007), <<Los principales rasgos y experiencias de la integración de la economía española en la Unión Económica y Monetaria>>, *Papeles de Economía Española*, nº 111.
- \_\_\_\_\_ (2005), <<Una larga fase de expansión de la economía española>>, *Documentos Ocasionales* nº 0505, Banco de España.
- \_\_\_\_\_ (2003), <<Una visión macroeconómica de los veinticinco años de vigencia de la constitución española>>, en *Economía Industrial*, números 349-350.
- OECD (2006), *Trends and Recent Developments in Foreign Direct Investment*, París.
- Ontiveros, E. (2007), <<Sostenibilidad y convergencia real>>, en *España 2006. Un balance*, Economistas, nº 111 extra.
- Pérez, F. (2004), <<La competitividad de la economía española: inflación, productividad y especialización>>, *Colección de Estudios Económicos*, nº 32, La Caixa.
- Powell, Ch. (2001), *España en Democracia, 1975-2000*, Plaza y Janés.
- The Economist (2006), *The New Titans*, Special Reports, 16 de diciembre.
- Rojo, L. Á. (2002), <<La economía española en la democracia (1976-2000)>>, en *Historia Económica de España, siglos XIX-XX*, Editorial Crítica.
- Secretaría de Estado de Turismo y Comercio, Datacomex, [www.comercio.es/comercio/bienvenido/Comercio+Exterior/Estadisticas/Pagestadisticascomercioexterior.htm](http://www.comercio.es/comercio/bienvenido/Comercio+Exterior/Estadisticas/Pagestadisticascomercioexterior.htm), Ministerio de Industria, Comercio y Turismo.
- Segura, J. (2005), <<El análisis de la competitividad>>, en Servicio de Estudios del Banco de España, *El análisis de la economía española*, Alianza Editorial.
- Subdirección General de Análisis, Estrategia y Evaluación (2006), <<El Sector Exterior 2005-2006>>, *Revista ICE*, Ministerio de Industria, Comercio y Turismo.

•Subdirección General de Inversiones Exteriores (2006), <<Posición de España en Inversión Exterior Directa>>, trabajo elaborado por Manuel Moreno Pinedo, *Boletín Económico ICE* n° 2898, 4 al 10 de diciembre.

•Sobeet (Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalizacao Economica), *Carta da Sobeet*, varios números 1998-2006, Sao Paulo.

•UNCTAD, (2006), *FDI from Developing and Transition Economies: implications for development*, Naciones Unidas, Nueva York.

•\_\_\_\_\_, (2002), *Transnational Corporations and Export Competitiveness, World Investment Report 2002*, Naciones Unidas, Ginebra y Nueva York.

•\_\_\_\_\_, (2000), *World Investment Report 2000. Cross-border Mergers and Acquisitions and Development*, Naciones Unidas, Nueva York.

## Referências Bibliográficas

•AMITRANO, Cláudio. (2006). "O modelo de crescimento da economia brasileira no período recente: condicionantes, características e limites". In CARNEIRO, R. (org). A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula. São Paulo: Editora da Unesp

•BANCO CENTRAL DO BRASIL. (2000). Censo de Capitais Estrangeiros.

•BOLETIM NEIT. Vários números. Disponível em [www.eco.unicamp.br/neit](http://www.eco.unicamp.br/neit)

•CARNEIRO, Ricardo. (org.) (2006). A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula. São Paulo: Editora da Unesp

•COUTINHO, L., LAPLANE, M. e HIRATUKA, C. (org.). (2003) Internacionalização e desenvolvimento da indústria no Brasil. São Paulo: Ed. Unesp.

•COUTINHO, Luciano., HIRATUKA, Celio. e SABBATINI, Rodrigo. "O Desafio da Construção de uma inserção externa dinamizadora." In CASTRO, Ana C., LICHA, Antonio. QUEIROZ, Helder. e SABOIA, João. Brasil em Desenvolvimento, vol.1. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2005.

•DE NEGRI, Fernanda. (2004) Desempenho comercial das empresas estrangeiras no Brasil na década de 90. Rio de Janeiro: BNDES, 26° Prêmio BNDES de economia, 2004.

- FARHI, Marise (2006). Os impactos dos ciclos de liquidez no Brasil: mercados financeiros, taxa de câmbio, preços e política monetária. In CARNEIRO, R. (org). A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula. São Paulo: Editora da Unesp.
- HIRATUKA, Celio. e De NEGRI, Fernanda. (2004). "Influencia del origin del capital sobre los patrones del comercio exterior brasileño." Revista de La CEPAL, n. 82, abril
- INSITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). (2006). Sistema de Contas Nacionais, referência 2000.
- LAPLANE, Mariano, SARTI, Fernando. "O investimento direto estrangeiro e a internacionalização da economia brasileira nos anos 90." Economia e Sociedade, v.11, n. 1 (18), p. 129-164, jan./jun. 2002.
- LAPLANE, Mariano, SARTI, Fernando., HIRATUKA, Celio., SABBATINI, Rodrigo. (2001). "El caso brasileño." In CHUDNOVSKY. D. (Editor) El boom de las inversiones extranjeras directas en el MERCOSUR. Buenos Aires: Siglo XXI.
- PAULINO, Caio. (2005) Desempenho e estratégia das transnacionais espanholas no Brasil na última década. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Economia. UNICAMP
- PRATES, Daniela (2006). A inserção externa da economia brasileira no governo Lula. In CARNEIRO, R. (org). A supremacia dos mercados e a política econômica do governo Lula. São Paulo: Editora da Unesp.

## Apéndice A. Índice de tablas

Tabla 1. Perspectiva de las 20 principales economías del mundo en 2006-200 (en miles de millones de dólares corrientes y en porcentaje del PIB)	12
Tabla 2. Perspectiva de las 20 principales economías del mundo en 2006-2008 (en miles de millones de dólares PPA y en porcentaje del PIB mundial)	13
Tabla 3. Brasil, indicadores de distribución de renta de 2001 a 2005	54
Tabla 4. Exportaciones de España por áreas de destino, 1995-2006 (mill. euros)	57
Tabla 5. Importaciones de España por áreas de origen, 1995-2006 (mill. euros)	59
Tabla 6. Exportaciones de España a América Latina, 1995-2006 (mill. euros)	65
Tabla 7. Importaciones de España de América Latina, 1995-2006 (mill. euros)	67
Tabla 8. Evolución del saldo comercial entre España y Brasil por la estructura de sus componentes, 1995-2006 (mill. de euros)	71
Tabla 9. Principales productos de exportación de España a Brasil, 1995, 2000 y 2006 (en mill. de euros y porcentajes)	75
Tabla 10. Principales productos de importación de España de Brasil, 1995, 2000 y 2006 (en mill. de euros y porcentajes)	77
Tabla 11. Brasil, exportaciones por Zonas (o Regiones), 2000 a 2006 (mill. US\$)	80
Tabla 12. Brasil, exportaciones por Región, 2000 a 2006 (en porcentaje)	80
Tabla 13. Brasil, importaciones por Región (o Zona), 2000 a 2006 (mill. US\$)	83
Tabla 14. Brasil, importaciones por Región (o Zona), 2000 a 2006 (en porcent.)	83
Tabla 15. Brasil, principales países de destino de las exportaciones y de origen de las importaciones, 2006 (mill. de US\$ y porcentaje)	89
Tabla 16. Brasil, exportaciones a la Unión Europea. Principales países, 2000 a 2006 (en mill. de US\$)	90
Tabla 17. Brasil, importaciones de la Unión Europea. Principales países, 2000 a 2006 (en mill. de US\$)	92
Tabla 18. Exportaciones brasileñas a España por grupos de productos, 2000 a 2006 (en mill. de US\$)	96
Tabla 19. Importaciones brasileñas de España por grupos de productos, 2000 a 2006 (en mill. de US\$)	99
Tabla 20. Exportaciones brasileñas a España por sector de actividad, 2000 a 2006 (en mill. de US\$)	102



Tabla 21. Exportaciones brasileñas a España por sectores de actividad, 2000 a 2006 (en mill. de US\$)	103
Tabla 22. Importaciones brasileñas de España por sectores de actividad, 2000 a 2006 (en mill. de US\$)	104
Tabla 23. Importaciones brasileñas de España por sectores de actividad, 2000 a 2006 (en porcentaje)	106
Tabla 24. Brasil, principales productos exportados a España, 2006 (en mill. de US\$ y en porcentaje)	107
Tabla 25. Brasil, principales productos importados de España, 2006 (en mill. de US\$ y en porcentaje)	108
Tabla 26. Distribución geográfica y sectorial de la IED neta española, descontadas las de las ETVE de no residentes, en América Latina, 1993-2000 y 2001-2006	119
Tabla 27. Inversiones directas de las empresas españolas en Brasil por sectores de destino, 1993-2000	127
Tabla 28. Inversiones directas de las empresas españolas en Brasil por sectores de destino, 1993-2000	133
Tabla 29. Brasil, participación en los flujos mundiales y regionales de IED (en porcentaje)	140
Tabla 30. Brasil, stock y flujos de IED por sector de actividad, en 1995 y 2000 y de 2001 a 2006 (en mill. de US\$ y porcentajes)	141
Tabla 31. Brasil, stock de IED recibido por países de origen, 1995 y 2000 (en mill. de US\$ y porcentajes)	144
Tabla 32. Participación de las empresas españolas en el proceso de Privatización brasileño	145
Tabla 33. Brasil, flujos de IED recibidos por países de origen, 2000 a 2006 (en mill. de US\$ y porcentajes)	146
Tabla 34. Brasil, stock de IED de España por sector de actividad, 1995 y 2000 (en mill. de US\$ y en porcentaje)	147
Tabla 35. Brasil, importancia relativa del stock de IED de España por sector de actividad, 2000 (en porcentaje)	148
Tabla 36. Brasil, flujos de IED recibidos de España por sectores de actividad 2000 a 2006 (en mill. de US\$ y porcentajes)	151

Tabla 37. Brasil, importancia relativa de los flujos de IED recibidos de España por sector de actividad, 2001 a 2006 (en porcentaje)	153
Tabla 38. Brasil, stock de IED en el extranjero por país de destino, 2001 a 2005 (en mill. de US\$)	157
Tabla 39. Brasil, stock de IED en el extranjero por país de destino, 2001 a 2005. Participación relativa en el total, excluyendo paraísos fiscales (en porcentaje)	158

## Apéndice B. Índice de gráficos

Gráfico 1. Ranking de las 10 principales economías del mundo en el año 2040 (según estimaciones del PIB en US\$ corrientes)	15
Gráfico 2. Evolución del PIB de la economía española respecto a la UE-12 hasta 1994, a la UE-15 y de la UE-25 hasta 2006, y a la UE-27 desde 2003 a 2006 (en porcentaje del PIB en PPS)	19
Gráfico 3. Evolución de los componentes de la renta, 1998-2006 (en porcentaje)	28
Gráfico 4. Evolución de las diferencias entre el gasto y el PIB y el saldo de la balanza de bienes y servicios, 1995-2006 (en porcentaje PIB)	31
Gráfico 5. Evolución de las sub-balanzas componentes de la balanza por cuenta corriente y de la balanza de capital, 1995-2006 (mill. euros)	32
Gráfico 6. Evolución del ahorro y de la formación bruta de capital fijo, 1995-2006 (en porcentaje del PIB)	33
Gráfico 7. Brasil, tasas de crecimiento medio anual del PIB, 1950-2006 (en porcentaje)	39
Gráfico 8. Brasil, crecimiento real del PIB por componente de demanda 1994-1998, (en porcentaje)	42
Gráfico 9. Brasil, evolución de las principales cuentas de la balanza de pagos, 1994 a 1998, (en mill. de US\$)	43
Gráfico 10. Brasil, tasa de crecimiento real del PIB, 1999-2006 (en porcent.)	44
Gráfico 11. Brasil, contribución al crecimiento del PIB de los componentes de la demanda, 1999 a 2006 (en porcentaje)	45
Gráfico 12. Brasil, tasa de interés básica (selic), índice de precios al consumo (IPCA) y tasa de cambio nominal, 2000 a 2006 (en porcentaje anual, Acumulado en 12 meses y en valor de reales por dólar)	46
Gráfico 13. Brasil, balanza de pagos, principales cuentas, 1999 a 2006	48
Gráfico 14. Brasil, reservas internacionales, desde 1999 a abril 2007 (en millardos de dólares)	49
Gráfico 15. Brasil, deuda neta del sector público como porcentaje del PIB, 1999 a 2006 (en porcentaje)	50
Gráfico 16. Brasil, tasa de desempleo abierta y rendimiento real medio de las personas ocupadas, de marzo de 2002 a mayo de 2007 (en porcent.)	51
Gráfico 17. Brasil, formación Bruta de Capital Fijo como porcentaje del PIB tasa trimestral, 1999 a 2006	52

Gráfico 18. Evolución del saldo comercial con las distintas áreas del mundo, 1995-2006, (en millones de euros)	62
Gráfico 19. Participación de los principales países de América Latina en las exportaciones españolas a la región (en porcentaje)	66
Gráfico 20. Participación de los principales países de América Latina en las importaciones españolas a la región (en porcentaje)	68
Gráfico 21. Evolución del saldo comercial de España con América Latina y Brasil, 1995-2006 (en millones de euros)	70
Gráfico 22. Evolución de la tasa de cobertura del comercio de España con Brasil	73
Gráfico 23. Brasil, exportaciones, importaciones y saldo comercial, 1990-2006 (en millardos de dólares)	79
Gráfico 24. Tasa de crecimiento medio anual de las exportaciones brasileñas por zona, 2000-2006 (en porcentaje)	82
Gráfico 25. Tasa de crecimiento medio anual de las exportaciones brasileñas por región (o zona), 2000-2006 (en porcentaje)	84
Gráfico 26. Brasil, saldo comercial por regiones, 2000 a 2006 (mill. de US\$)	85
Gráfico 27. Brasil, exportaciones, importaciones y saldo comercial con España 2000 a 2006 (en millones de US\$)	86
Gráfico 28. Brasil, tasas de crecimiento de los flujos comerciales con España, 2000 a 2006 (en porcentaje)	87
Gráfico 29. Participación relativa de los flujos comerciales con España en los flujos totales del comercio brasileño, 2000 a 2006 (en porcentaje)	88
Gráfico 30. Brasil, exportaciones a la Unión Europea. Principales países, 2000 a 2006 (en porcentaje del total)	91
Gráfico 31. Brasil, importaciones de la Unión Europea. Principales países, 2000 a 2006 (en porcentaje del total)	93
Gráfico 32. Exportaciones e importaciones brasileñas por grupos de productos, 2000 y 2006, (en millardos de dólares)	94
Gráfico 33. Exportaciones Brasileñas por zona y grupo de productos, 2006 (en millardos de dólares)	95
Gráfico 34. Importaciones Brasileñas por zona y grupos de productos, 2006 (en millardos de dólares)	96

Gráfico 35. Exportaciones Brasileñas a España por grupos de productos, 2000 a 2006, (en porcentajes sobre el total)	98
Gráfico 36. Importaciones Brasileñas de España por grupos de productos, 2000 a 2006, (en porcentaje del total)	100
Gráfico 37. Saldo comercial del Brasil con España por grupos de productos, 2000 a 2006 (en millones de US\$)	101
Gráfico 38. IED de las empresas españolas en el exterior brutas, netas y netas descontadas las ETVE de no residentes según el Registro de Inversiones e inversiones netas según el Banco de España, 1993-2006 (mill. euros)	114
Gráfico 39. ID directas brutas totales de España en el exterior y del exterior en España según datos del Registro de Inversiones y del Banco de España, y evolución de la balanza por cuenta corriente 1993-2006 (millones de euros)	115
Gráfico 40. Flujos internacionales de IED y flujos de IED recibidas por la UE-27, EE.UU, América Latina, Este y Sudeste asiático, los países del CIS y el conjunto de los países emergentes y en desarrollo 1980-2006 (millones de euros)	116
Gráfico 41. IED brutas de España por áreas de destino, 1993-2006 (mill. euros)	117
Gráfico 42. Flujos de IED netas de Alemania, España, Francia, Italia, Países Bajos Reino Unido y Estados Unidos en América Latina, 1993-2005 (millones de euros)	119
Gráfico 43. Flujos de ID de las empresas españolas brutos, netos y netos descontados los de las ETVE de no residentes en América Latina 1993-2006 (millones de euros)	122
Gráfico 44. Flujos de ID de las empresas españolas brutas, netas y netas Descontadas las ETVE de no residentes en América Latina por sectores de destino, 1993-2000 (millones de euros)	123
Gráfico 45. Flujos de ID de las empresas españolas brutas, netas y netas descontadas las ETVE de no residentes en Brasil y Argentina 1993-2000 (millones de euros)	125
Gráfico 46. Flujos de ID de las empresas españolas brutas, netas y netas descontadas las ETVE de no residentes en Brasil por sectores de destino, 1993-2000 (millones de euros)	126
Gráfico 47. Flujos de ID de las empresas españolas brutas, netas y netas descontadas las ETVE de no residentes en América Latina por sectores de destino, 2001-2006 (millones de euros)	131
Gráfico 48. Flujos de ID de las empresas españolas brutas, netas y netas descontadas las ETVE de no residentes en Brasil por sectores de destino, 2001-2006 (millones de euros)	132

Gráfico 49. Stock estimado de la IED neta -descontado el de las ETVE de no residentes- de las empresas españolas en la UE-15 y América Latina, stock neto estimado en América –descontado el de las ETVE de no residentes- teniendo en cuenta variaciones de los tipos de cambio y stock neto descontado el de las ETVE de no residentes según la Posición de Inversión (millones de euros)	136
Gráfico 50. Stock de la IED de las empresas españolas en Brasil estimado a Partir de los flujos netos descontadas las ETVE de no residentes, estimado considerando los tipos de cambio, y según la Posición de la Inversión Exterior Directa, 1993-2006 (miles de euros)	137
Gráfico 51. Brasil, IED neta recibida, 1990 a 2006 (en millardos de dólares)	139
Gráfico 52. Brasil, participación de las fusiones y adquisiciones en el total de la IED, 1990 a 2004 (en porcentaje)	142
Gráfico 53. Brasil, flujos recibidos de IED. Principales países, 1996-2000 (en millardos de dólares)	143
Gráfico 54. Brasil, flujos de inversiones en el extranjero, 1990-2006 (en millardos de dólares)	155
Gráfico 55. Brasil, stock de inversiones directas en el extranjero, 2001-2005 (en millardos de dólares)	156
Gráfico 56. Brasil, stock de inversiones directas en España, 2001-2005 (en millones de dólares y en porcentaje del total)	159

## Apêndice A. Índice de tabelas

Tabela 1. Perspectiva das 20 principais economias do mundo em 2006-2008 (em bilhões de US\$ correntes e em porcentagem do PIB mundial)	182
Tabela 2. Perspectiva das 20 principais economias do mundo em 2006-2008 (em bilhões de US\$ PPA e em porcentagem do PIB mundial)	184
Tabela 3. Brasil, indicadores de distribuição de renda, 2001 a 2005	224
Tabela 4. Exportações da Espanha por áreas de destino, 1995-2006 (milhões euros)	227
Tabela 5. Importações da Espanha por áreas de origem, 1995-2006 (milhões euros)	229
Tabela 6. Exportações da Espanha à América Latina, 1995-2006 (milhões euros)	235
Tabela 7. Importações espanholas da América Latina, 1995-2006 (milhões euros)	237
Tabela 8. Evolução do saldo comercial dos componentes da estrutura comercial entre Espanha e o Brasil, 1995-2006 (milhões de euros)	241
Tabela 9. Principais produtos de exportação da Espanha ao Brasil, 1995, 2000 e 2006 (em milhões de euros e porcentagem)	245
Tabela 10. Principais produtos importados pela Espanha do Brasil, 1995, 2000 e 2006 (em milh. de euros e porcentagem)	247
Tabela 11. Brasil, Exportações por região, 2000 a 2006 (milhões US\$)	250
Tabela 12. Brasil, Exportações por região, 2000 a 2006 (em porcentagem)	250
Tabela 13. Brasil, Importações por região, 2000 a 2006 (milhões US\$)	253
Tabela 14. Brasil, Importações por região, 2000 a 2006 (em porcentagem)	253
Tabela 15. Brasil, Principais países de destino das exportações e origem das importações, 2006 (milhões de US\$ e porcentagem)	259
Tabela 16. Brasil, exportações à Uniao Européia. Principais países, 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	260
Tabela 17. Brasil, Importações da Uniao Européia. Principales países, 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	262
Tabela 18. Exportações Brasileiras para a Espanha por grupo de produto, 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	266
Tabela 19. Importações Brasileiras da Espanha por grupo de produto, 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	269
Tabela 20. Exportações Brasileiras para a Espanha por setor de atividade, 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	272

Tabela 21. Exportações Brasileiras para a Espanha por setor de atividade, 2000 a 2006 (em porcentagem do total)	273
Tabela 22. Importações Brasileiras da Espanha por setor de atividade, 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	274
Tabela 23. Importações Brasileiras da Espanha por setor de atividade, 2000 a 2006 (em porcentagem)	276
Tabela 24. Brasil, principais produtos exportados para a Espanha, 2006 (em milhões de US\$ e em porcentagem)	277
Tabela 25. Brasil, principais produtos importados da Espanha, 2006 (em milhões de US\$ e em porcentagem)	278
Tabela 26. Distribuição geográfica e setorial do IED espanhol líquido, descontados ETVE de não residentes, em América Latina, 1993-2000 y 2001-2006	289
Tabela 27. Investimentos diretos das empresas espanholas no Brasil por setores de destino, 1993-2000	297
Tabela 28. Relação de investimentos diretos de empresas espanholas no Brasil por setores de destino, 1993-2000	303
Tabela 29. Brasil, participação nos fluxos mundiais e regionais de IED (em porcentagem)	310
Tabela 30. Brasil, estoque e fluxos de IED por setor de atividade, 1995, 2000 e 2001 a 2006 (em milhões de US\$ e porcentagem)	311
Tabela 31. Brasil, estoque de IED recebido por país de origem, 1995 y 2000 (em milhões de US\$ e porcentagem)	313
Tabela 32. Participação das empresas espanholas no processo de Privatização Brasileiro	315
Tabela 33. Brasil, fluxos de IED recebido por país de origem, 2000 a 2006 (em milhões de US\$ e porcentagem)	316
Tabela 34. Brasil, estoque de IED da Espanha por setor de atividade, 1995 y 2000 (em milhões de US\$ e porcentagem)	317
Tabela 35. Brasil, importância relativa do estoque de IED da Espanha por setor de atividade, 2000 (em porcentagem)	320
Tabela 36. Brasil, fluxos de IED recebidos da Espanha por setor de atividade, 2000 a 2006 (em milhões de US\$ e porcentagem)	321



Tabela 37. Brasil, importância relativa dos fluxos de IED recebidos da Espanha por setor de atividade, 2001 a 2006 (em porcentagem)	323
Tabela 38. Brasil, estoque de IED no exterior por país de destino, 2001 a 2005 (em milhões de US\$)	327
Tabela 39. Brasil, estoque de IDE no exterior por país de destino, 2001 a 2005 Participação relativa no total, excluindo paraísos fiscais (em porcentagem)	328

## Apêndice B. Índice de gráficos

Gráfico 1. Ranking das 10 principais economias do mundo em 2040 (segundo estimativas do PIB em US\$ correntes)	185
Gráfico 2. Evolução do PIB da economia espanhola em relação ao da UE-12 até 1994, da UE-15 e da UE-25 até 2006, e ao da UE-27 de 2003 a 2006 (em porcentagem do PIB em PPS)	189
Gráfico 3. Evolução dos componentes da renda, 1998-2006 (em porcentagem do PIB)	198
Gráfico 4. Evolução das diferenças entre o gasto e o PIB e o saldo da balança comercial, 1995-2006 (em porcentagens do PIB)	201
Gráfico 5. Evolução das sub-balanças componentes da balança de transações correntes e da balança de capital, 1995-2006 (milhões euros)	202
Gráfico 6. Evolução da poupança e da formação bruta de capital fixo, 1995-2006 (em porcentagem do PIB)	203
Gráfico 7. Brasil, taxas de crescimento médio anual do PIB, 1950-2006 (em porcentagem)	209
Gráfico 8. Brasil, crescimento real do PIB por componente da demanda 1994-1998, (em porcentagem)	212
Gráfico 9. Brasil, evolução das principais contas do balanço de pagamentos, 1994 a 1998, (em milhões de US\$)	213
Gráfico 10. Brasil, taxa de crescimento real do PIB, 1999-2006 (em porcentagem)	214
Gráfico 11. Brasil, contribuição ao crescimento do PIB dos componentes da demanda, 1999 a 2006 (em porcentagem)	215
Gráfico 12. Brasil, taxa de juros básica (selic), índice de preços ao consumidor (IPCA) e taxa de câmbio nominal, 2000 a 2006 (em porcentagem anual, Acumulado em 12 meses e em valor de reais por dólar)	216
Gráfico 13. Brasil, balanço de pagamentos, principais contas, 1999 a 2006	218
Gráfico 14. Brasil, Reservas internacionais, 1999 a abril de 2007 (em bilhões de dólares)	219
Gráfico 15. Brasil, dívida líquida do Setor Público como porcentagem do PIB, 1999 a 2006 (em porcentagem)	220
Gráfico 16. Brasil, taxa de desemprego aberto e rendimento real médio das Pessoas ocupadas, de março de 2002 a maio de 2007 (em porcentagem)	221

Gráfico 17. Brasil, Formação Bruta de Capital Fixo como percentagem do PIB taxa trimestral, 1999 a 2006	222
Gráfico 18. Evolução do saldo comercial com as diferentes áreas do mundo, 1995-2006, (em milhões de euros)	232
Gráfico 19. Participação dos principais países da América Latina nas Exportações espanholas á regiao (em percentagem)	236
Gráfico 20. Participação dos principais países da América Latina nas importações espanholas da região (em percentagem)	238
Gráfico 21. Evolução do saldo comercial da Espanha com a América Latina e com o Brasil, 1995-2006 (em milhões de euros)	240
Gráfico 22. Evolução da taxa de cobertura do comércio da Espanha com o Brasil	243
Gráfico 23. Brasil, exportações, importações e saldo comercial, 1990-2006 (em bilhões de dólares)	249
Gráfico 24. Taxa de crescimento médio anual das exportações brasileiras por região, 2000-2006 (em percentagem)	252
Gráfico 25. Taxa de crescimento médio anual das exportações brasileiras por região, 2000-2006 (em percentagem)	254
Gráfico 26. Brasil, saldo comercial por regioao, 2000 a 2006 (milhões de US\$)	255
Gráfico 27. Brasil, exportações, importações e saldo comercial com a Espanha 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	256
Gráfico 28. Brasil, taxas de crescimento dos fluxos comerciais com a Espanha, 2000 a 2006 (em percentagem)	257
Gráfico 29. Participação relativa dos fluxos comerciais com a Espanha nos fluxos totais de comércio brasileiro, 2000 a 2006 (em percentagem)	258
Gráfico 30. Brasil, exportações para a Uniao Européia. Principais países, 2000 a 2006 (em percentagem do total)	261
Gráfico 31. Brasil, importações da Uniao Européia. Principais países, 2000 a 2006 (em percentagem do total)	263
Gráfico 32. Exportações e importações brasileiras por grupo de produtos, 2000 y 2006, (em milhões de dólares)	264
Gráfico 33. Exportações Brasileiras por região e grupo de produtos, 2006 (em milhões de dólares)	265

Gráfico 34. Importações Brasileiras por região e grupo de produtos, 2006 (em milhões de dólares)	266
Gráfico 35. Exportações Brasileiras para Espanha por grupo de produtos, 2000 a 2006, (em porcentagem do total)	268
Gráfico 36. Importações Brasileiras da Espanha por grupo de produto, 2000 a 2006, (em porcentagem do total)	270
Gráfico 37. Saldo comercial do Brasil com a Espanha por grupo de produto, 2000 a 2006 (em milhões de US\$)	271
Gráfico 38. IED das empresas espanholas no exterior brutos, líquidos e líquidos descontados os ETVE de não residentes, segundo o Registro de Inversiones, e investimentos líquidos segundo o Banco de España, 1993-2006 (milhões de euros)	284
Gráfico 39. ID brutos totais da Espanha no exterior e do exterior na Espanha segundo o Registro de Inversiones e o Banco de España, e evolução da balança de transações correntes, 1993-2006 (milhões de euros)	285
Gráfico 40. Fluxos internacionais de IED e fluxos de IED recebidos pela UE-27, EUA, América Latina, Leste y Sudeste asiático, países do CIS e conjunto dos países emergen- tes e em desenvolvimento 1980-2006 (milhões de euros)	286
Gráfico 41. IED brutos da Espanha por áreas de destino, 1993-2006 (milhões euros)	287
Gráfico 42. Fluxos de IED líquidos da Alemanha, Espanha, França, Itália, Países Baixos, Reino Unido e EUA na América Latina, 1993-2005 (milhões de euros)	289
Gráfico 43. Fluxos de ID das empresas espanholas brutos, líquidos e líquidos desconta- dos ETVE de não residentes, em América Latina 1993-2006 (milhões de euros)	292
Gráfico 44. Fluxos de ID das empresas espanholas brutos, líquidos e líquidos descontadas ETVE de não residentes na América Latina por setores de destino, 1993-2000 (milhões de euros)	293
Gráfico 45. Fluxos de ID das empresas espanholas brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes, no Brasil e Argentina 1993-2000 (milhões de euros)	295
Gráfico 46. Fluxos de ID das empresas espanholas brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes no Brasil por setores de destino, 1993-2000 (mil- hões de euros)	296

Gráfico 47. Investimentos Diretos espanhóis brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes na América Latina por setores de destino, 2001-2006 (milhões de euros)	301
Gráfico 48. Investimentos Diretos espanhóis brutos, líquidos e líquidos descontados ETVE de não residentes no Brasil por setores de destino, 2001-2006 (milhões de euros)	302
Gráfico 49. Estoque estimado do IED líquido -descontado ETVE de não residentes- das empresas espanholas na UE-15 e na América Latina, estoque líquido estimado na América Latina –descontado ETVE de não residentes- tendo em conta variações das taxas de câmbio, e estoque líquido descontado ETVE de não residentes segundo a Posición de Inversión (milhões de euros)	306
Gráfico 50. Estoque do IED das empresas espanholas no Brasil estimado a partir dos fluxos líquidos descontados ETVE de não residentes, e estimado considerando as taxas de câmbio, e segundo a Posición de la Inversión Exterior Directa, 1993-2006 (milhares de euros)	307
Gráfico 51. Brasil, IED líquido recebido, 1990 a 2006 (em bilhões de dólares)	309
Gráfico 52. Brasil, participação das fusões e aquisições no total da IED 1990 a 2004 (em percentagem)	312
Gráfico 53. Brasil, fluxos recebidos de IED. Principais países, 1996-2000 (em bilhões de dólares)	313
Gráfico 54. Brasil, fluxos de investimentos no Exterior, 1990-2006 (em bilhões de dólares)	325
Gráfico 55. Brasil, Estoque de investimentos diretos no Exterior, 2001-2005 (em bilhões de dólares)	326
Gráfico 56. Brasil, Estoque de investimento direto na Espanha, 2001-2005 (em milhões de dólares e em percentagem do total)	329

# Anexo

Tabla A1. Evolución del PIB y del gasto nacional, 1996-2006 (Tva)

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	95-00	00-06	95-06
<b>PIB</b>	2,4	3,9	4,5	4,7	5,1	3,7	2,7	3,1	3,3	3,5	3,9	4,1	3,3	3,7
<b>Gasto consumo final nacional</b>	2,1	3,0	4,5	5,0	5,1	3,5	3,2	3,3	4,7	4,4	3,9	3,9	3,8	3,9
CFN hogares	2,3	3,3	4,7	5,2	4,8	3,4	2,8	2,8	4,2	4,2	3,6	4,1	3,5	3,8
CFI hogares	2,4	3,6	5,0	5,4	4,8	3,1	2,0	2,6	3,7	3,8	3,4	4,2	3,1	3,6
CFN ISFLSH	2,4	4,0	6,7	12,3	13,0	4,5	4,1	2,0	4,8	5,8	5,0	7,7	4,4	5,9
CFN AAAPP	1,3	2,5	3,5	4,0	5,3	4,0	4,5	4,8	6,2	4,8	4,4	3,3	4,8	4,1
CFN hogares e ISFLSH	2,3	3,3	4,7	5,3	5,0	3,4	2,8	2,8	4,3	4,2	3,7	4,1	3,5	3,8
<b>Formación bruta de capital fijo</b>	2,6	5,0	11,3	10,5	6,6	4,8	3,4	5,8	5,0	7,0	6,3	7,2	5,4	6,2
Bienes de equipo. Total	10,0	11,0	17,5	10,8	7,1	-0,3	-2,9	4,2	4,4	9,0	9,7	11,3	4,0	7,3
Bienes de equipo. Ptos metal y maquin.	12,8	8,2	17,4	8,3	5,7	-0,2	-2,2	1,9	2,6	8,1	9,6	10,5	3,3	6,6
Bienes de equipo. Equipo de transporte	2,6	19,2	17,9	17,5	10,5	-0,6	-4,4	9,4	8,4	10,7	9,8	13,5	5,5	9,2
Construcción total	-2,0	2,1	7,8	9,6	5,9	7,6	6,2	6,2	5,5	6,0	5,8	4,7	6,2	5,5
Viviendas	12,3	2,2	10,9	11,4	10,3	7,5	7,0	9,3	5,9	5,8	6,4	9,4	7,0	8,1
Otras construcciones	-9,9	2,0	5,7	8,2	2,6	7,7	5,7	3,4	5,0	6,2	5,3	1,7	5,5	3,8
Otros productos. Total	6,2	4,1	10,8	12,4	7,7	5,8	5,0	7,2	4,5	7,6	3,2	8,3	5,5	6,8
Otros productos. Agrarios	221,3	-15,1	-4,1	9,2	8,0	-1,7	0,2	-0,5	0,0	-4,3	-4,4	43,9	-1,8	19,0
Otros productos. Resto	3,8	4,8	11,3	12,4	7,7	6,0	5,1	7,4	4,6	7,7	3,2	8,0	5,7	6,7
<b>Variación de existencias</b>	-20,2	-15,9	80,9	43,6	-15,8	-17,3	3,4	-36,7	-15,9	-4,9	35,5	14,5	-0,7	6,2
<b>Exportaciones de bienes y servicios</b>	10,4	15,0	8,0	7,5	10,3	4,1	1,9	3,7	4,2	1,4	6,3	10,2	3,6	6,6
Exportaciones de bienes (FOB)	10,7	16,5	6,7	6,3	10,1	4,0	3,7	5,1	5,1	0,0	5,6	10,0	3,9	6,7
Exportaciones de servicios. Total	9,4	11,7	11,2	10,4	10,5	4,6	-1,6	0,6	2,1	4,5	7,5	10,6	3,0	6,4
Servicios no turísticos	15,9	15,9	14,3	13,2	19,3	10,1	4,4	1,2	4,4	7,3	13,7	15,7	6,9	10,9
Cons. final de no res. en tr. e.	5,7	9,1	9,2	8,5	4,9	0,4	-6,5	0,0	0,1	2,0	1,7	7,5	-0,4	3,2
<b>Importación de bienes y servicios</b>	8,8	13,3	14,9	13,6	10,8	4,5	3,7	6,3	9,6	6,9	8,4	12,3	6,6	9,2
Importación de bienes (FOB)	8,1	13,4	14,6	13,2	10,3	3,9	4,2	6,7	9,7	6,6	8,0	11,9	6,5	9,0
Importación de servicios. Total	12,6	12,5	16,0	15,7	13,3	7,2	1,9	4,4	9,3	8,6	9,9	14,0	6,9	10,1
Importación de serv. no turísticos	13,5	14,9	16,8	16,0	13,7	6,5	1,8	4,6	7,4	6,1	10,6	15,0	6,2	10,2
Consumo final de resid. en rm.	8,7	1,2	11,5	14,2	10,9	11,0	2,5	3,2	20,1	21,4	7,0	9,3	10,8	10,2
<b>Gasto nacional</b>	2,1	3,4	6,3	6,4	5,3	3,8	3,2	3,8	4,8	5,0	4,6	4,7	4,2	4,4

Fuente: INE, CNTR, base 2000

**Tabla A2. Evolución de los componentes del PIB y del gasto nacional, 1995-2006 (Porcentaje en relación al PIB)**

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
<b>PIB</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>
<b>Gasto consumo final nacional</b>	<b>78,1</b>	<b>77,8</b>	<b>77,1</b>	<b>76,8</b>	<b>76,7</b>	<b>76,9</b>	<b>76,2</b>	<b>75,5</b>	<b>75,0</b>	<b>75,7</b>	<b>75,8</b>	<b>75,6</b>
CFN hogares	59,3	59,0	58,9	58,7	58,7	58,8	58,2	57,4	56,7	57,0	57,0	56,7
CFI hogares	62,9	62,7	62,8	62,8	63,0	63,1	62,4	61,2	60,4	60,4	60,1	59,8
CFN ISFLSH	0,7	0,7	0,7	0,8	0,8	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9	0,9
CFN AAPP	18,1	18,0	17,5	17,3	17,2	17,2	17,1	17,2	17,4	17,8	18,0	17,9
CFN hogares e ISFLSH	60,0	59,8	59,6	59,5	59,6	59,7	59,1	58,3	57,6	57,9	57,9	57,7
<b>Formación bruta de capital fijo</b>	<b>21,5</b>	<b>21,4</b>	<b>21,8</b>	<b>23,0</b>	<b>24,6</b>	<b>25,8</b>	<b>26,0</b>	<b>26,3</b>	<b>27,2</b>	<b>28,1</b>	<b>29,3</b>	<b>30,3</b>
Bienes de equipo. Total	6,0	6,3	6,8	7,5	7,9	8,1	7,6	7,0	6,9	6,8	7,0	7,4
Bienes de equipo. Ptos metal y maquin.	4,4	4,7	5,0	5,5	5,6	5,7	5,3	4,9	4,7	4,6	4,7	5,0
Bienes de equipo. Equipo de transporte	1,6	1,6	1,9	2,1	2,3	2,4	2,3	2,1	2,2	2,2	2,3	2,4
Construcción total	12,3	11,7	11,5	11,8	12,5	13,3	14,0	14,7	15,5	16,3	17,1	17,8
Viviendas	4,4	4,8	4,7	5,0	5,5	6,1	6,5	7,1	7,8	8,4	8,9	9,3
Otras construcciones	7,9	6,9	6,8	6,8	7,1	7,2	7,5	7,7	7,7	7,9	8,3	8,4
Otros productos. Total	3,2	3,4	3,5	3,8	4,1	4,4	4,4	4,6	4,8	4,9	5,1	5,2
Otros productos. Agrarios	0,0	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1	0,1
Otros productos. Resto	3,2	3,3	3,4	3,7	4,0	4,3	4,4	4,5	4,7	4,9	5,1	5,1
<b>Variación de existencias</b>	<b>0,4</b>	<b>0,3</b>	<b>0,2</b>	<b>0,4</b>	<b>0,6</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	<b>0,4</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>0,2</b>	<b>0,3</b>
<b>Exportaciones de bienes y servicios</b>	<b>22,4</b>	<b>23,6</b>	<b>26,3</b>	<b>26,7</b>	<b>26,7</b>	<b>29,0</b>	<b>28,5</b>	<b>27,3</b>	<b>26,3</b>	<b>26,0</b>	<b>25,5</b>	<b>26,1</b>
Exportaciones de bienes (FOB)	15,6	16,5	18,7	18,6	18,2	19,9	19,3	18,5	17,9	17,7	17,2	17,6
Exportaciones de servicios. Total	6,8	7,1	7,6	8,0	8,4	9,1	9,3	8,9	8,5	8,3	8,3	8,5
Servicios no turísticos	2,5	2,7	3,0	3,1	3,3	3,9	4,2	4,2	4,0	3,9	4,0	4,3
Cons. final de no res. en ttr. e.	4,3	4,4	4,6	4,9	5,1	5,2	5,1	4,6	4,5	4,3	4,3	4,2
<b>Importación de bienes y servicios</b>	<b>22,4</b>	<b>23,1</b>	<b>25,4</b>	<b>26,9</b>	<b>28,5</b>	<b>32,2</b>	<b>31,0</b>	<b>29,5</b>	<b>28,7</b>	<b>30,0</b>	<b>30,9</b>	<b>32,3</b>
Importación de bienes (FOB)	18,7	19,1	21,1	22,1	23,2	26,2	24,9	23,5	23,0	24,0	24,7	25,7
Importación de servicios. Total	3,7	4,0	4,4	4,8	5,3	5,9	6,2	6,0	5,7	5,9	6,2	6,5
Importación de serv. no turísticos	3,0	3,3	3,7	4,1	4,5	5,0	5,2	5,1	4,9	5,0	5,1	5,4
Consumo final de resid. en rm.	0,7	0,7	0,7	0,8	0,8	0,9	0,9	0,9	0,8	1,0	1,1	1,1
<b>Gasto nacional</b>	<b>100,0</b>	<b>99,5</b>	<b>99,1</b>	<b>100,2</b>	<b>101,9</b>	<b>103,1</b>	<b>102,5</b>	<b>102,1</b>	<b>102,4</b>	<b>104,0</b>	<b>105,4</b>	<b>106,2</b>

Fuente: INE, CNTR, base 2000

**Tabla A3. Exportaciones de España por áreas de destino, 1996-2006 (Tva)**

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Unión Europea 15	10,7	17,9	8,6	10,1	15,4	6,2	2,3	4,4	4,9	1,7	6,8
Unión Europea 12	19,7	23,7	9,5	-44,9	48,1	9,0	9,3	6,2	6,5	17,5	17,1
Resto de Europa	17,0	35,8	6,2	1,2	34,5	-14,1	17,9	4,7	22,5	26,1	10,2
USA+Canadá	11,9	24,9	2,9	9,3	31,2	-6,7	4,1	-1,7	2,1	9,9	15,5
América Latina	16,8	33,9	12,7	-4,5	15,4	5,6	8,6	9,9	4,0	11,1	17,8
OPEP (sin Venezuela)	5,6	13,4	5,7	-6,8	18,6	5,0	9,3	4,0	11,4	8,4	1,9
Asia (sin OPEP)	6,8	14,4	-20,6	4,5	24,2	4,0	-0,2	-4,1	7,0	11,5	11,5
China	-31,1	-8,4	9,5	-5,8	25,2	14,6	25,5	38,2	5,6	31,4	9,4
Japón	-1,8	2,8	-4,6	19,9	10,6	-2,4	-12,7	-5,3	19,1	-1,1	16,8
África (sin OPEP)	15,2	25,5	14,4	8,6	6,5	13,1	2,6	11,4	13,7	3,7	12,9
Oceanía	-1,2	33,8	8,1	7,7	5,2	4,1	18,6	8,4	31,2	10,6	3,1
Resto del mundo	40,3	-22,7	3,6	9,7	62,8	-5,3	-4,5	33,0	12,8	27,0	60,7
<b>TOTAL</b>	<b>11,8</b>	<b>19,4</b>	<b>6,9</b>	<b>4,9</b>	<b>18,5</b>	<b>4,5</b>	<b>2,7</b>	<b>3,6</b>	<b>6,4</b>	<b>5,5</b>	<b>9,6</b>

Fuente: Elaboración propia según datos de Datacomex, Secretaría de Estado de Turismo y Comercio. Ministerio de Industria, Comercio y Turismo

**Tabla A4. Importaciones de España por áreas de destino, 1996-2006 (Tva)**

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Unión Europea 15	9,1	14,9	16,2	18,5	15,1	3,0	1,3	5,4	9,5	5,2	5,9
Unión Europea 12	6,4	17,4	15,0	-68,3	41,1	29,1	13,3	18,4	20,0	14,6	30,1
Resto de Europa	2,0	11,7	8,1	14,9	42,9	12,1	9,7	11,2	26,5	24,8	18,9
USA+Canadá	5,7	15,3	2,6	9,3	14,6	-9,3	-6,9	-5,8	12,4	0,6	9,1
América Latina	3,0	21,2	0,6	10,6	31,4	5,4	2,6	-3,0	12,9	31,3	23,3
OPEP (sin Venezuela)	23,4	21,8	-16,8	17,0	95,5	-10,1	-11,3	6,1	12,5	34,1	19,0
Asia (sin OPEP)	1,1	22,4	19,6	19,9	18,7	2,1	3,9	9,1	22,4	18,1	17,7
China	4,8	37,3	16,2	25,5	27,9	7,8	13,6	16,6	26,8	37,3	22,1
Japón	-7,9	12,9	24,7	19,2	9,8	-10,1	-2,0	13,5	18,9	3,0	-1,4
África (sin OPEP)	4,4	11,2	8,7	8,2	37,0	10,7	7,3	2,7	15,5	25,9	19,1
Oceanía	-14,3	39,8	8,5	14,7	32,0	2,6	-3,2	2,7	11,2	40,8	18,5
Resto del mundo	59,3	20,9	-12,2	43,0	9,1	-4,4	23,7	48,0	-0,1	93,1	39,1
<b>TOTAL</b>	<b>8,1</b>	<b>16,2</b>	<b>12,2</b>	<b>13,2</b>	<b>21,8</b>	<b>2,2</b>	<b>1,2</b>	<b>5,6</b>	<b>12,6</b>	<b>11,8</b>	<b>11,4</b>

Fuente: Elaboración propia según datos de Datacomex, Secretaría de Estado de Turismo y Comercio. Ministerio de Industria, Comercio y Turismo



**Tabla A5. Importaciones de España por áreas de origen, 1995-2006 (porcentaje sobre el total)**

	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
Unión Europea 27	67,0	67,4	66,8	69,1	68,6	65,1	66,0	66,3	66,5	64,9	61,3	58,8
Unión Europea 15	62,3	62,8	62,1	64,3	67,3	63,6	64,1	64,1	64,0	62,3	58,6	55,7
Unión Europea 12	4,7	4,6	4,7	4,8	1,3	1,5	2,0	2,2	2,5	2,6	2,7	3,1
Resto de Europa	3,9	3,7	3,5	3,4	3,4	4,0	4,4	4,8	5,0	5,7	6,3	6,7
USA+Canadá	6,9	6,7	6,7	6,1	5,9	5,6	4,9	4,5	4,0	4,0	3,6	3,6
América Latina	4,0	3,8	4,0	3,6	3,5	3,7	3,9	3,9	3,6	3,6	4,2	4,7
OPEP (sin Venezuela)	5,3	6,1	6,4	4,7	4,9	7,9	6,9	6,1	6,1	6,1	7,3	7,8
Asia (sin OPEP)	9,5	8,9	9,4	10,0	10,6	10,3	10,3	10,6	10,9	11,9	12,5	13,2
Asia con Indonesia sin OM	9,6	9,1	9,7	10,4	10,8	10,6	10,4	10,8	11,3	11,9	12,6	13,4
China	2,0	2,0	2,3	2,4	2,7	2,8	2,9	3,3	3,6	4,1	5,0	5,5
Japón	3,3	2,8	2,7	3,0	3,2	2,9	2,5	2,4	2,6	2,8	2,5	2,3
África (sin OPEP)	2,8	2,7	2,6	2,5	2,4	2,7	2,9	3,1	3,0	3,1	3,5	3,7
África con OPEP	5,7	6,0	5,9	4,8	5,0	7,3	7,3	6,5	6,6	6,4	7,6	7,9
Oceanía	0,4	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,4	0,5	0,5
Resto del mundo	0,2	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,3	0,5	0,4	0,7	0,9
<b>TOTAL</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>

Fuente: Elaboración propia según datos de Datacomex, Secretaría de Estado de Turismo y Comercio. Ministerio de Industria, Comercio y Turismo

**Tabla A6. Evolución de las Importaciones de España en Brasil por sectores económicos (millones de euros)**

	Alimentos	Productos Energéticos	Materias Primas	Semimanufacturas	Bienes Equipo	Sector automóvil	Bienes Consumo Duradero	Manufacturas de consumo	Otras mercancías	TOTAL
1995	492	8	159	90	45	2	3	52	0	849
1996	497	3	174	111	40	2	2	56	0	886
1997	645	5	233	90	50	4	2	76	1	1.106
1998	549	0	276	120	127	24	2	62	0	1.159
1999	600	1	253	178	124	31	4	57	1	1.251
2000	661	6	281	193	95	22	10	53	4	1.324
2001	760	5	293	176	75	24	10	74	7	1.423
2002	652	12	257	263	93	14	13	71	6	1.381
2003	802	44	234	348	104	27	20	92	6	1.676
2004	936	30	262	351	121	42	38	117	13	1.909
2005	897	47	323	424	144	46	48	136	8	2.074
2006	892	0	306	570	137	42	50	126	6	2.130
<b>Acumulado</b>	<b>8.381</b>	<b>161</b>	<b>3.052</b>	<b>2.913</b>	<b>1.155</b>	<b>280</b>	<b>203</b>	<b>973</b>	<b>50</b>	<b>17.170</b>

Fuente: Elaboración propia según datos de Datacomex, Secretaría de Estado de Turismo y Comercio. Ministerio de Industria, Comercio y Turismo

**Tabla A7. Evolución de las exportaciones de España a Brasil con por sectores económicos (millones de euros)**

	Alimentos	Productos Energéticos	Materias Primas	Semimanufacturas	Bienes Equipo	Sector automóvil	Bienes Consumo Duradero	Manufacturas de consumo	Otras mercancías	TOTAL
1995	40	9	3	114	193	230	6	44	13	652
1996	57	3	4	160	274	144	9	79	7	735
1997	77	5	10	220	492	163	12	142	19	1.140
1998	92	3	15	238	554	156	18	129	22	1.228
1999	60	3	13	184	825	83	15	91	20	1.294
2000	72	24	11	258	663	107	11	73	38	1.257
2001	54	32	13	257	732	145	9	85	36	1.363
2002	42	40	12	276	430	125	7	61	30	1.024
2003	26	60	14	277	308	111	5	53	24	879
2004	35	78	24	318	411	123	5	52	44	1.088
2005	45	80	23	314	309	137	6	61	44	1.019
2006	52	81	20	306	414	137	7	62	30	1.109
<b>Acumulado</b>	<b>650</b>	<b>419</b>	<b>161</b>	<b>2.921</b>	<b>5.607</b>	<b>1.661</b>	<b>109</b>	<b>932</b>	<b>328</b>	<b>12.788</b>

Fuente: Elaboración propia según datos de Datacomex, Secretaría de Estado de Turismo y Comercio. Ministerio de Industria, Comercio y Turismo